

VIAGENS DE GULLIVER

JONATHAN SWIFT

VIAGENS
DE
GULLIVER

Tradução, adaptação, apresentação e notas
PAULO SÉRGIO DE VASCONCELLOS

3.^a edição, corrigida

CERED
Editora SOL
São Paulo 2006

Título original: *Gulliver's Travels*

Direção editorial: Francisco Achcar.

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO.....	7
VIAGENS DE GULIVER.....	11
Parte I - UMA VIAGEM A LILIPUTE.....	13
Capítulo 1.....	15
Capítulo 2.....	22
Capítulo 3.....	28
Capítulo 4.....	33
Capítulo 5.....	37
Capítulo 6.....	42
Capítulo 7.....	47
Capítulo 8.....	53
Parte II - UMA VIAGEM A BROBDINGNAG.....	57
Capítulo 1.....	59
Capítulo 2.....	66
Capítulo 3.....	70
Capítulo 4.....	75
Capítulo 5.....	77
Capítulo 6.....	83
Capítulo 7.....	87
Capítulo 8.....	90
Parte III - UMA VIAGEM A LAPUTA etc.....	97
Capítulo 1.....	99
Capítulo 2.....	103
Capítulo 3.....	108
Capítulo 4.....	111
Capítulo 5.....	115
Capítulo 6.....	119
Capítulo 7.....	122

Capítulo 8.....	125
Capítulo 9.....	128
Parte IV - UMA VIAGEM AO PAÍS DOS HOUYHNHNMS	133
Capítulo 1.....	135
Capítulo 2.....	140
Capítulo 3.....	144
Capítulo 4.....	148
Capítulo 5.....	153
Capítulo 6.....	156
Capítulo 7.....	158
Capítulo 8.....	160
Capítulo 9.....	163
Capítulo 10.....	167
Capítulo 11.....	171

APRESENTAÇÃO

Jonathan Swift, um dos maiores prosadores de todos os tempos, nasceu em Dublin, na Irlanda, em 1667. Aos vinte e dois anos, na Inglaterra, empregou-se como secretário de um diplomata, com o qual viria a se desentender. Em 1694, voltou à Irlanda e se tornou sacerdote. Morreu em 1745, mentalmente abalado. Foi enterrado na catedral de que era deão.¹ Seu epitáfio,² por ele mesmo redigido em latim, diz: “Aqui jaz o corpo de Jonathan Swift, deão desta catedral, onde a feroz indignação já não pode mais dilacerar seu coração. Vai, viajante, e imita, se puderes, um homem que era intrépido defensor da liberdade”.

Desde seus primeiros trabalhos, dedicou-se a uma sátira contundente contra o que lhe parecia ridículo, perverso ou tirânico. As *Viagens*, cujo título inicial era *Viagens a várias nações remotas do mundo, em quatro partes, por Lemuel Gulliver*,³ apareceram anonimamente em 1726. Alguns anos antes fora publicado, com muito sucesso, *Robinson Crusoe*, de Daniel Defoe. A obra de Swift pode ser lida como uma sátira a esse tipo de literatura, mas vai muito além disso, assim como o *Dom Quixote* é muito mais que o pastiche dos romances de cavalaria tão populares na época de Cervantes.

O livro, como já esclarecia o título original, é dividido em quatro partes. Na primeira, o médico-cirurgião Gulliver, após um naufrágio, chega a Lillipute, onde tudo é minúsculo em relação a ele. É ocasião para satirizar as pretensões dos poderosos, as intrigas mesquinhas e os bastidores das cortes reais, através da empáfia⁴ de pessoazinhas que Gulliver poderia esmagar com uma pisada... Na segunda, Gulliver vai a Brobdingnag, país onde tudo é gigantesco para ele. Aqui, há ocasião, sobretudo, para insistir na

¹*Deão*: autoridade eclesiástica, acima de vigário ou pároco.

²*Epitáfio*: inscrição tumular.

³*Gulliver* é palavra proparoxíttona.

⁴*Empáfia*: arrogância, altivez, orgulho.

relatividade de todas as coisas e realçar a pequenez do ser humano, ele mesmo cheio da empáfia que chocara Gulliver em Lilipute. Na terceira, há viagens a vários lugares, até a uma ilha voadora e a uma terra de feiticeiros que evocam os mortos....., mas se dá maior destaque a uma tal academia de projetistas da cidade de Lagado. Aqui, cientistas inventam as mais absurdas aberrações e se entregam a projetos que, postos em prática, só arruinam o país. Tecnologia e conhecimento sem benefício material e espiritual para as pessoas não servem para nada — parece dizer Swift, através de Gulliver. Por fim, na última parte, Gulliver vai ao país dos Houyhnhnms, cavalos dotados de razão, que comandam seres asquerosos e estúpidos chamados Yahoos — uma espécie de encarnação do que de pior existe nos homens.

É difícil encontrar quem não tenha ao menos ouvido falar em um personagem chamado Gulliver, que visitou o país onde os homens eram pequeníssimos. Afinal, o livro de Jonathan Swift é um daqueles poucos clássicos que criam personagens quase míticos, revividos de geração a geração. Assim, mesmo quem não leu *Viagens de Gulliver*, de algum modo teve sua imaginação tocada por ele.

Mas o livro, como se vê, é muito mais que a aventura de um viajante por um país de seres e objetos de tamanho reduzido (Lilipute, matéria da primeira parte do total de quatro). Sobretudo, é muito mais que uma intriga incrivelmente criativa, destinada a povoar o universo das crianças através de versões destinadas a elas. Além da narrativa muito viva de seres e fatos intrigantes e curiosos, certamente calcada no relato de viagens, literatura em voga em sua época, o livro é uma das sátiras mais engraçadas, com

freqüência incisiva e até cruel, da cegueira geral das pessoas. Nas *Viagens*, são ridicularizadas todas as mesquinhas da política, toda pretensão da vaidade e do orgulho, toda sede de poder, todo crime e vício de que é capaz o homúnculo-Yahoo de todas as épocas e de todos os países.

Há quem veja, no livro, o desabafo de um misantropo,⁵ descarregando seu ódio a tudo o que lhe parece errado no ser humano. Chega-se até a atribuir a ênfase de sua crítica a algum fato de sua vida que o tivesse magoado profundamente. Mas parece haver um equívoco nessas opiniões. Swift demonstra acreditar na capacidade da razão, cujos benefícios são encarnados nos cavalos sábios do país dos Houyhnhnms. A seus olhos, parece existir um caminho para o resgate dos nossos erros, e passa pela razão, que só na ficção poderia existir em outro animal que não o homem. Portanto, trata-se de razão humana como que “purificada” das imperfeições de nossas inclinações naturais ou de nossa educação errada. Para Swift, usamos da razão apenas para refinar e desenvolver nossos vícios. Mas a sabedoria dos Houyhnhnms mostra que o autor de alguma forma crê que haveria uma saída, sim. No fim da obra, Gulliver afirma sua superioridade em virtude por ter convivido com os Houyhnhnms e meditado em suas virtudes. Desse modo, há algum otimismo nestas páginas por vezes ácidas. E até alguma ingenuidade, em sua crença na razão. Da sátira demolidora contida no livro, restam ideais pelos quais lutar: mais de uma vez reafirma-se a defesa da liberdade e o ódio a tiranias. Portanto, nem tudo é “destrutivo” na crítica dura de Swif.

⁵*Misantropo*: quem odeia os homens.

Esta versão reconta *Viagens de Gulliver* procurando não subestimar nenhum dos seus dois aspectos principais: a narrativa fabulosa, chegando por vezes a lembrar os contos de fadas, e a crítica ferina a instituições, costumes, história, comportamentos humanos. Procurou-se manter a estrutura do original ao máximo, com um sacrifício mínimo de capítulos e uma recusa geral em fazer uma edição expurgada, *ad usum delphini*. Sobretudo, almejou-se não subestimar a capacidade de adolescentes e jovens a quem é dirigida. Tentou-se sempre simplificar sem diluir ou criar literatura demasiado infantil ou infantilóide.

No questionário que acompanha a versão, procura-se estimular a discussão a respeito dos aspectos mais polémicos da obra. Professor e aluno, e o leitor em geral, não podem esquecer que estão diante de um crítico feroz da “comédia humana”, mas que essa crítica está sujeita a ser também vista com distanciamento crítico. São os olhos de Gulliver, são os olhos de um narrador-personagem criado por um inglês do século XVIII. Suas críticas brilhantes e divertidas nem por isso devem deixar de ser questionadas; aceitá-las em bloco vai de encontro ao espírito mesmo dessa obra que desafia e quer fazer pensar.

Na realização deste trabalho, contei com o auxílio, no inglês, da Professora Rosana Aparecida Mandelli e das críticas e sugestões do Prof. Dr. Francisco Achcar — e aos dois, registro meu reconhecimento. Erros e falhas eventuais são de minha inteira responsabilidade.

PAULO SÉRGIO DE VASCONCELLOS

VIAGENS DE GULIVER

Parte I

UMA VIAGEM A LILIPUTE

Capítulo 1

O autor dá alguma informação sobre si mesmo e sua família; os primeiros estímulos para viajar. Naufraga e nada para salvar sua vida; chega são e salvo ao país de Lilipute. É feito prisioneiro e transportado para o interior do país.

Meu pai tinha uma pequena propriedade na Inglaterra; eu era o terceiro de cinco filhos. Enviou-me a estudar numa escola de Cambridge, quando eu tinha quatorze anos. Ali permaneci três anos, inteiramente dedicado aos estudos. Mas o encargo de me sustentar se tornou demasiado alto para uma fortuna modesta. Tornei-me, então, aprendiz do senhor James Bates, eminente médico-cirurgião de Londres, com quem permaneci por quatro anos. Meu pai enviava-me, de quando em quando, algum dinheiro, que eu investia no estudo da navegação e em áreas das matemáticas úteis a quem pretende viajar. Sempre acreditei que, mais cedo ou mais tarde, seria este o meu destino.

Quando deixei o Sr. Bates, voltei para junto de meu pai. Com seu auxílio e o de outros parentes, pude estudar medicina durante dois anos e sete meses, certo de que isto seria útil em longas viagens.

Logo que terminei meus estudos, tornei-me médico-cirurgião do navio *Andorinha*, por três anos e meio, tendo feito uma viagem ou duas ao Oriente e a alguns outros lugares. Quando voltei, resolvi estabelecer-me em Londres, e o Sr Bates me recomendou a vários pacientes. Aluguei uma pequena casa e me casei com a filha de um negociante, de quem recebi, como dote, quatrocentas libras.

Mas, morrendo-me o bom mestre Bates dois anos depois e tendo eu poucos amigos, meu meio de vida começou a ir por água abaixo. Após consultar minha esposa e alguns conhecidos, decidi retornar ao mar. Fui médico-cirurgião, sucessivamente, em dois navios e fiz várias viagens à Índia, com o que melhorei um pouco a

minha situação econômica. Minhas horas de lazer eram gastas na leitura dos melhores autores, e quando estava em terra estrangeira, na observação dos costumes e temperamentos do povo, bem como no aprendizado de sua língua. Nisso ajudava-me muito o vigor de minha memória.

Não resultando lá muito feliz a última dessas viagens, cansei-me do mar e planejei permanecer em casa com minha esposa e minha família. Tentei criar uma clientela entre os marinheiros, mas sem sucesso. Depois de três anos esperando que as coisas melhorassem, aceitei uma boa oferta do capitão do *Antilope*, que se dirigia para o sul. Zarpamos⁶ no dia 4 de maio de 1699, e nossa viagem foi, de início, muito feliz.

Na travessia para as Índias Orientais, porém, atingiu-nos violenta tempestade. Doze tripulantes morreram por excesso de trabalho e má alimentação; os demais ficaram num estado de grande fraqueza.

No dia cinco de novembro, início de verão naqueles lugares, estando o tempo muito enevoado, os marinheiros avistaram um rochedo. Tão forte, porém, era o vento, que fomos impelidos diretamente a ele. Logo em seguida, o navio se espatifou. Seis tripulantes, tendo baixado um barco ao mar, esforçaram-se em escapar do navio e do rochedo. Eu era um deles. Remamos até não poder mais; então, ficamos ao sabor das ondas. Cerca de meia hora depois, o bote era revirado por um vendaval repentino, vindo do norte.

O que aconteceu com meus companheiros de bote, bem como com os que conseguiram se salvar sobre o rochedo, ou com os que tinham permanecido no navio, não sei dizer; mas concluo que todos levaram a pior. Quanto a mim, nadei conforme a sorte me conduzia, impelido pelo vento e pela maré.

Quando já estava quase nas últimas e incapaz de continuar resistindo, senti que meu pé encontrava o fundo; por então, a tempestade perdera muito de sua intensidade. Andei quase uma milha⁷ até chegar à praia, lá pelas oito da noite, segundo meus

⁶*Zarpar*: partir numa embarcação.

⁷*Milha*: medida empregada na Inglaterra e nos Estados Unidos,

cálculos. Avancei, então, cerca de meia milha, mas não pude avistar nenhum sinal de casas ou habitantes, a menos que eu não estivesse tão fraco que era incapaz de notá-los. Estava extremamente cansado. Com isso, e o calor, além da bebida que tomara no navio, sentia-me muito predisposto ao sono.

Deitei-me sobre a relva e aí dormi tão profundamente quanto nunca antes em minha vida. Por mais de nove horas, segundo meus cálculos, pois, ao acordar, acabara de amanhecer. Tentei levantar, mas não pude me mexer; de fato, deitado de costas, percebi que meus braços e pernas estavam fortemente amarrados ao solo e o mesmo acontecia com meus cabelos, que eram longos e espessos. Senti, igualmente, várias ligaduras finas através de todo o meu corpo.

Ouvi um ruído confuso à minha volta, mas na posição em que estava, não podia ver nada além do céu. Dali a pouco, senti se mover, sobre a minha perna esquerda, algo vivo, que, avançando suavemente sobre o meu peito, quase chegou até meu queixo! Percebi que era uma criatura humana, com menos de seis polegadas⁸ de altura! Trazia arco e flecha nas mãos e aljava⁹ às costas. Nesse meio tempo, senti pelo menos uns quarenta mais da mesma espécie seguindo o primeiro.

Eu estava extremamente espantado e berrei tão alto que todos eles deram meia-volta correndo, assustados. Entretanto, logo voltaram, e um deles, erguendo olhos e mãos, admirado, berrou com voz aguda, mas compreensível:

— Hekina degul.

Os outros repetiram as mesmas palavras várias vezes, mas, naquele momento, não sabia o que elas significavam.

Durante todo esse tempo, grande era a minha inquietação. Por fim, lutando para me soltar, tive a sorte de romper os cordões que prendiam meu braço esquerdo ao solo. Ao mesmo tempo, com um puxão violento, que me provocou uma dor imensa, soltei um pouco os cordões que atavam meus cabelos do lado esquerdo. Dessa

correspondente a 1.609 metros.

⁸*Polegada*: medida inglesa equivalente a 25,4 milímetros.

⁹*Aljava*: estojo para guardar flechas.

forma, podia virar um pouco a cabeça. De repente, ergueu-se um grande grito, em tom muito agudo, e, num minuto, senti mais de cem flechas disparadas contra minha mão esquerda, picando-me como outras tantas agulhas. Além disso, dispararam uma nova saraivada¹⁰ para o ar: muitas flechas, suponho, caíram em meu corpo (embora eu não as sentisse). Algumas atingiram meu rosto, que imediatamente cobri com a mão esquerda.

Gemi de dor e aflição e, então, tentando novamente me libertar, atiraram ainda mais setas que da primeira vez. Achei que o mais prudente era ficar imóvel. Quando notaram que eu estava quieto, não lançaram mais flechas. Dali a pouco, ouvi um martelar, que durou mais de uma hora, semelhante ao de pessoas trabalhando. Ao virar minha cabeça, vi um estrado capaz de comportar quatro daqueles habitantes, com duas ou três escadas para subir a ele. Dali um deles, que parecia ser um nobre, fez-me longo discurso, do qual não entendi uma sílaba sequer. Deveria ter mencionado que, antes de começar seu discurso, essa personagem gritou algumas palavras e imediatamente cerca de cinqüenta dos habitantes vieram e cortaram os cordões que amarravam o lado esquerdo de minha cabeça. Foi isso o que me possibilitou virá-la para observar quem estava para discursar. Parecia ser de meia-idade¹¹ e mais alto do que os outros três que o acompanhavam. Cumpru com perfeição seu papel de orador, e eu pude perceber muitas frases de ameaças e outras de promessas, compaixão e gentileza.

Respondi em poucas palavras, mas da maneira mais submissa possível, erguendo minha mão esquerda e meus olhos para o sol, como que o invocando por testemunha. Quase morto de fome, não pude deixar de mostrar minha impaciência colocando um dedo várias vezes na boca, para dar a entender que desejava comida. O Hurgo (pois assim chamavam um grande senhor, como depois aprendi), compreendeu-me muito bem. Desceu do estrado e ordenou que apoiassem a meu corpo várias escadas, pelas quais subiram mais de cem dos habitantes. Os homenzinhos andaram até

¹⁰*Saraivada*: disparo de flechas, como aqui, ou de tiros em geral.

¹¹*Meia-idade*: a idade entre trinta e cinqüenta anos.

minha boca, carregados de cestos cheios de carne, enviados por ordem do rei.

Alimentavam-me o mais rápido que podiam, com mil demonstrações de admiração e espanto diante de meu tamanho e apetite. Fiz, então, sinal de que desejava beber. Ergueram, com a maior habilidade, um de seus maiores barris, rolaram-no até minha mão e tiraram a tampa. Tomei-o de uma só vez. Era vinho, fraco, mas delicioso. Trouxeram-me um segundo barril, que bebi da mesma maneira; fiz sinais para pedir mais, porém não tinham nenhum outro para me dar. Depois de ter eu executado aquelas maravilhas, gritaram de alegria e dançaram sobre meu peito, repetindo várias vezes:

— Hekinah degul.

Confesso que senti muitas vezes a tentação de agarrar uns quarenta ou cinquenta e atirá-los contra o solo. Mas a recordação do que eu havia sentido (que, provavelmente, não seria o pior que podiam fazer) e minha promessa de honra (pois assim eu interpretava meu comportamento submisso) logo espantaram essas idéias. Além disso, eu me considerava ligado por laços de hospitalidade ao povo que me tratara com tantos gastos e esplendor. Em meus pensamentos, não podia deixar de admirar a coragem daqueles mortais diminutos. Eles se aventuravam a caminhar sobre o meu corpo, enquanto uma de minhas mãos estava livre, sem tremer só de olhar para a criatura extraordinária que eu devia lhes parecer.

Depois de algum tempo, surgiu diante de mim uma pessoa do mais alto escalão, da parte de sua Majestade Imperial. Falou cerca de dez minutos, sem demonstrar ira, mas muito decidido. Por várias vezes, apontava para a frente, em direção à capital, como vim a saber depois. Sua Majestade decidira, em reunião do conselho, que eu deveria ser levado para lá. Respondi em poucas palavras, inutilmente, e fiz sinais para dar a entender que desejava minha liberdade. Parece que ele me compreendeu, pois balançou a cabeça em desaprovação e fez, com a mão, um gesto para demonstrar que eu devia ser levado como prisioneiro. Nisso, mais uma vez pensei em tentar me soltar. Mas, de novo, ao sentir a dor de suas flechadas no rosto e nas mãos, que eram só bolhas, e ao

observar, igualmente, que o número de meus inimigos crescia, mudei de idéia. Fiz sinais para dar a entender que podiam fazer de mim o que quisessem.

Logo depois, ouvi uma gritaria geral e senti muitas das criaturas do meu lado esquerdo afrouxando as cordas a tal ponto que eu fiquei em condições de me virar para a direita e urinar. Eu o fiz, para grande espanto do povo. As pessoas adivinharam, pelos meus movimentos, o que eu estava para fazer. Assim, imediatamente abriram caminho daquele lado para escapar da torrente que jorrava de mim com tanto barulho e violência. Mas antes disso, tinham untado meu rosto e minhas mãos com uma espécie de unguento de cheiro muito agradável, que em poucos minutos removeu toda a dor das suas flechadas. Dormi, então, cerca de oito horas. Não era de espantar, pois os médicos, sob ordens do imperador, tinham misturado um sonífero¹² ao vinho dos barris.

Enquanto ainda dormia, trouxeram até mim uma das máquinas sobre rodas que esse povo de excelentes matemáticos construía para transportar grandes pesos. Fora preparada quatro horas depois de minha chegada. A principal dificuldade era levantar-me e colocar-me nesse veículo. Oitenta vigas foram erguidas para esse fim. Cordas muito fortes, da grossura de barbantes, estavam presas, por meio de ganchos, às muitas ataduras que os trabalhadores tinham posto ao redor de meu pescoço, mãos, corpo e pernas. Novecentos homens dentre os mais fortes foram empregados para puxar essas cordas e assim, em menos de três horas, fui erguido e alçado¹³ até o engenho, e, ali, amarrado fortemente. Mil e quinhentos dentre os maiores cavalos do imperador foram empregados para arrastar-me até a metrópole.

Cerca de quatro horas após o início de nossa jornada, acordei graças a um incidente ridículo. A carruagem parou para consertar algo. Então, dois ou três jovens nativos foram tomados pela curiosidade de ver-me enquanto eu dormia. Subiram ao engenho e avançaram muito suavemente para o meu rosto. Um deles, um

¹²*Sonífero*: substância que provoca o sono de quem aingere.

¹³*Alçado*: levantado.

oficial, colocou boa parte da ponta afiada de seu dardo¹⁴ dentro da minha narina esquerda. Senti cócegas e espirrei violentamente. Fizemos uma longa marcha no resto do dia e descansamos à noite, com quinhentos guardas de cada lado de mim, prontos a disparar suas flechas, se eu tentasse me mexer. Na manhã seguinte, ao nascer do sol, continuamos a marcha. Chegamos perto dos portões da cidade cerca de meio-dia.

No lugar em que o carro parou, erguia-se um antigo templo, considerado o maior de todo o reino. Foi nesse edifício que decidiram me alojar. Os ferreiros do rei amarraram-me à perna esquerda noventa e uma correntes, com trinta e seis cadeados. Em frente do templo, erguia-se uma torre de pelo menos cinco pés de altura. Ali subiu o imperador, com muitos dentre os principais senhores de sua corte, para ter a oportunidade de ver-me. Calculou-se que mais de cem mil habitantes saíram da cidade com o mesmo objetivo. Apesar da vigilância dos meus guardas, creio que não poderiam ser menos de dez mil os que, por várias vezes, montaram sobre meu corpo com a ajuda de escadas. Mas logo um decreto foi promulgado, proibindo-o sob pena de morte.

Quando os trabalhadores se certificaram de que me era impossível escapar, cortaram todos os cordões que me prendiam. Nisso, ergui-me em tal estado de tristeza como jamais antes em minha vida. Mas o barulho e o espanto do povo, ao ver-me levantando-me e andando, não é possível descrever. As correntes que prendiam minha perna esquerda não apenas me davam a liberdade de caminhar para trás e para frente num semicírculo, mas também me permitiam rastejar para dentro do templo e ali me deitar.

¹⁴*Dardo*: pequena lança.

Capítulo 2

O imperador de Lilipute vai ver o autor em sua prisão. Descrevem-se a pessoa e o traje do imperador. Homens eruditos designados para ensinar sua língua ao autor. Ele conquista simpatia por sua natureza gentil. Examinam-se seus bolsos e tiram-se dele sua espada e pistolas.

Quando me vi de pé, olhei à minha volta e devo confessar que jamais contemplei vista mais agradável. A paisagem ao redor parecia um jardim contínuo, com campos que eram como canteiros de flores. Entre eles, florestas cujas árvores mais altas, segundo pude avaliar, deveriam ter uns sete pés¹⁵ de altura. Avistei a cidade à esquerda, semelhante ao cenário pintado de uma cidade em um teatro.

Depois de satisfazer às necessidades da natureza, saí de minha casa à procura de ar fresco. O imperador já tinha descido da torre e avançava a cavalo em minha direção. Ao apear,¹⁶ observou-me todo, com grande admiração. Mas se manteve fora do alcance de minhas correntes. Ordenou que me dessem comida e bebida, empurrados em minha direção numa espécie de veículos sobre rodas até que eu pudesse alcançá-los. Logo esvaziei todos. Vinte estavam cheios de carne; e dez, de bebida.

O imperador é quase tão alto quanto a largura da minha unha e mais do que qualquer outro de sua corte — só isso é suficiente para impor respeito aos que o contemplam. O corpo é bem proporcionado, todos os seus movimentos são graciosos e seu porte, majestoso. Já não é nenhum jovenzinho, com seus quase vinte e nove anos. Seu traje era muito despojado e simples, mas tinha na cabeça um elmo¹⁷ leve, de ouro, enfeitado com jóias, e

¹⁵*Pé*: unidade métrica que equivale a pouco mais de trinta centímetros.

¹⁶*Apear*: descer de um animal como o cavalo.

¹⁷*Elmo*: capacete.

uma pluma no topo. Segurava a espada desembainhada na mão, para se defender, se eu viesse a me soltar. Sua voz era aguda, mas muito clara e nítida, e eu a ouvia perfeitamente ao me erguer.

Sua Majestade Imperial dirigiu-me a palavra com frequência e eu, por minha vez, respondi. Nenhum de nós, porém, foi capaz de entender uma sílaba sequer do que o outro dizia. Estavam presentes vários sacerdotes e juristas, que tinham recebido ordens para dirigirem a palavra a mim, e eu lhes falei nos vários idiomas que arranhava, mas tudo em vão.

Depois de mais ou menos duas horas, a corte se retirou. Fui deixado com uma forte guarda, para impedir a impertinência e, talvez, a maldade das pessoas da multidão. Todas ardiam de vontade de se reunir à minha volta o mais perto que ousavam. Algumas tiveram a imprudência de lançar setas contra mim, quando eu estava sentado junto à porta de minha casa. Uma delas quase me atingiu o olho esquerdo. Mas o general ordenou que seis dos líderes fossem agarrados e entregues, amarrados, a mim, como a forma de punição mais apropriada. Peguei-os todos em minha mão direita, coloquei cinco no bolso do meu casaco; quanto ao sexto, fingi que ia devorá-lo vivo. O coitado do homem berrou terrivelmente. Toda a guarda foi tomada de grande aflição quando me viu sacar um canivete. Mas eu logo espantei-lhes o medo. Olhei-o de maneira cordial e imediatamente cortando as amarras que o prendiam, depusitei-o delicadamente no chão. Ele fugiu correndo. Tratei os demais da mesma forma. Notei que os soldados e o povo estavam profundamente tocados por aquela minha demonstração de clemência.

Ao cair da noite, entrei em casa, com alguma dificuldade. Deitei-me no chão, e continuei a fazê-lo por uns quinze dias. Nesse meio tempo, por ordens do imperador, foi-me preparada uma cama a partir de seiscentas das camas de tamanho normal ali.

À medida que as notícias de minha chegada se espalhavam pelo reino, atraía uma enorme multidão de ricos, ociosos e curiosos para me ver. As aldeias estavam quase vazias. Os trabalhos do campo seriam abandonados, se sua Majestade Imperial não tivesse intervindo com seus decretos. Determinou que os que já tinham-me visto voltassem para seus lares e não se aproximassem de minha

casa sem permissão da corte.

Nesse meio tempo, o imperador convocou muitas reuniões do conselho para discutir o que deveriam fazer comigo. Receavam que eu me soltasse, que meu sustento fosse caro demais e provocasse fome geral. Por vezes, decidiam matar-me de inanição ou, pelo menos, atingir meu rosto e minhas mãos com setas envenenadas. Mas sempre voltavam a considerar que o mau cheiro de tão grande carcaça poderia provocar uma peste na metrópole. E ela, provavelmente, espalhar-se-ia por todo o reino. No meio dessas deliberações, alguns oficiais do exército relataram o meu comportamento para com os seis criminosos. A impressão causada foi tão favorável, que foi publicado um decreto dizendo assim:

— Todas as aldeias das proximidades da cidade deverão entregar, todo dia de manhã, seis bois, quarenta carneiros e outros víveres para o sustento do Homem-Montanha. Junto com isso, uma quantidade proporcional de pão e vinho, e outras bebidas. Seiscentas pessoas serão seus criados.

Foi, igualmente, ordenado que trezentos alfaiates fizessem para mim um traje à moda do país. Além disso, seis dentre os maiores eruditos de sua Majestade me ensinariam sua língua. Por fim, os cavalos do imperador e da nobreza, bem como os da guarda, seriam exercitados diante de mim, para se acostumarem comigo.

Em cerca de três semanas, fiz grande progresso em sua língua. O imperador me honrava freqüentemente com sua visita e sentia prazer em ver meus mestres me ensinando. Começamos, já, a conversar, na medida do possível, e as primeiras palavras que aprendi foram para pedir minha liberdade. Todo dia, eu as repetia, de joelhos. Sua resposta, segundo pude entender, era:

— É só uma questão de tempo. Não se pode pensar nisso sem ouvir a opinião do conselho real. Mas você deve jurar, antes, manter a paz comigo e com meu reino. Será tratado, porém, com a maior bondade. E não me leve a mal, se eu der ordens para que dois oficiais o revistem. Você deve ter várias armas que podem ser perigosas se forem proporcionais a esse seu tamanho gigantesco.

Tomei os oficiais em minhas mãos. Coloquei-os, primeiramente, nos bolsos do meu casaco e, então, em cada um dos

meus outros bolsos. Mantive-os longe, porém, dos dois bolsos do meu cinto e de um bolso secreto. Eu não tinha a intenção de deixar que este último fosse revistado: continha alguns pequenos objetos úteis que só a mim interessavam. Os cavalheiros, trazendo consigo caneta, tinta e papel, fizeram um inventário preciso de cada coisa que viram. Quando terminaram, quiseram que eu os descesse para irem entregá-lo ao imperador. Posteriormente, traduzi-o para nossa língua. É, palavra por palavra, tal como segue abaixo.¹⁸

“Primeiramente, no bolso direito do casaco do grande Homem-Montanha, após a revista mais minuciosa, encontramos somente uma extensa peça de tecido. É grosseiro e grande o bastante para servir como tapete do principal aposento oficial de Vossa Majestade.

No bolso esquerdo, vimos um enorme cofre de prata, com uma tampa do mesmo metal. Nós não conseguimos erguê-la. Pedimos que fosse aberta. Um de nós entrou nela e se viu numa espécie de pó que lhe cobria metade da perna. Uma parte dele esvoaçou até nosso rosto, fazendo-nos espirrar por várias vezes.

No bolso direito do colete, encontramos um incrível feixe de substâncias brancas e muito finas. Estavam dobradas umas sobre as outras e amarradas por um cabo forte e com figuras negras gravadas nelas. Nós, humildemente, julgamos tratar-se de escritos. Cada uma das letras tem quase metade do tamanho da palma de nossas mãos. No esquerdo, havia uma espécie de mecanismo do qual se estendiam vinte longos postes. Supomos que é com ele que o Homem-Montanha penteia o cabelo.

No bolso grande do lado direito de seus calções, vimos um pilar de ferro, oco, quase da altura de um homem. Está preso a um sólido pedaço de madeira. No bolso esquerdo, outro mecanismo do mesmo tipo. No bolso menor, do lado direito, estavam várias peças redondas e chatas, de metal branco e vermelho, de vários tamanhos. Algumas das brancas, que pareciam de prata, eram tão

¹⁸Tente adivinhar o que são, na verdade, os estranhos objetos que os homenzinhos descobrem nos bolsos de Gulliver. Mais à frente, tudo se esclarecerá.

grandes e pesadas que meu companheiro e eu mal podíamos erguê-las. No bolso esquerdo, havia dois pilares pretos de formato irregular. Não foi sem alguma dificuldade que pudemos chegar a sua extremidade. Um deles estava coberto e parecia feito de uma peça só. Mas na ponta do outro, havia uma substância branca e redonda, com mais ou menos o dobro do tamanho de nossas cabeças. Em cada um desses havia uma incrível lâmina de aço. Obedecendo a nossa ordem, o Homem-Montanha os tirou de seus estojos. Disse que em sua terra costumava fazer a barba com um deles e cortar a carne com o outro.

Do bolso direito do cinto, pendia uma grande corrente de prata, com uma maravilhosa espécie de mecanismo na extremidade. Ordenamos que mostrasse o que quer que estivesse na ponta daquela corrente. Parecia ser um globo, metade de prata e metade de algum metal transparente. Do lado transparente, vimos certas figuras estranhas, desenhadas em círculo. Ele pôs seu mecanismo junto aos nossos ouvidos. Fazia um ruído contínuo, algo como um “tique-taque” repetido. Supomos que é algum animal desconhecido ou o deus que ele adora. Estamos mais inclinados para a última opinião, já que ele nos assegurou que raramente faz alguma coisa sem consultá-lo.¹⁹ Disse que indicava o tempo para toda ação de sua vida. Do bolso esquerdo do cinto, tirou uma rede planejada para abrir e fechar como uma bolsa e lhe servia para isso mesmo. Encontramos, dentro dela, várias peças de um metal amarelo, que, se são de ouro verdadeiro, têm imenso valor.

Tendo, assim, em obediência às ordens de Vossa Majestade, revistado cuidadosamente todos os seus bolsos, observamos um cinto feito da pele de algum animal extraordinário. Do lado esquerdo dele, pendia uma espada da altura de cinco homens. Do direito, uma bolsa em que havia duas repartições. Numa delas, estavam vários globos ou bolas de metal pesado, mais ou menos do tamanho de nossas cabeças. Na outra, um monte de certos

¹⁹Note que as observações dos homenzinhos acabam servindo como um comentário irônico sobre o modo de vida das pessoas “normais”, que estão sempre presas a horários.

grãos negros, mas nem grandes nem pesados, pois pudemos segurar mais de cinquenta deles nas mãos.

Este é um inventário preciso do que encontramos no corpo do Homem-Montanha, que nos tratou com muita educação e com o devido respeito para com as ordens de Vossa Majestade”.

Quando esse inventário foi lido ao imperador, ordenou-me ele que entregasse os vários objetos. Pediu, primeiramente, a minha espada. Ao desembainhá-la, imediatamente todas as tropas que me cercavam, por ordem do imperador, proferiram um grito misto de terror e surpresa. É que o sol estava brilhando forte e o reflexo ofuscou sua vista, quando manejei a espada de um lado para o outro.

A próxima coisa que ele pediu era um dos pilares ocios de ferro, isto é, minhas pistolas de bolso. Expliquei-lhe, como podia, o modo de usá-la. Carreguei-a de pólvora. Primeiramente, preveni o imperador para que não tivesse medo e, então, disparei para o ar. O espanto foi muito maior do que ao verem a espada. Centenas deles caíram ao chão como se tivessem morrido. Até mesmo o imperador levou algum tempo para se refazer. Entreguei minhas duas pistolas e, então, a pólvora e as balas. Entreguei, igualmente, meu relógio, que o imperador estava muito curioso para ver. Ficou assombrado com o ruído constante que ele fazia e com o movimento do ponteiro dos minutos. Dei-lhe, então, meu dinheiro em prata e cobre, minha bolsa com moedas de ouro, a faca e a navalha, o pente e a caixinha de prata com tabaco, meu lenço e meu diário. Espada, pistolas e bolsa foram transportadas para os depósitos de sua Majestade; mas meus outros pertences me foram devolvidos.

Eu tinha o bolso secreto, que escapou à revista. Nele, havia um par de óculos e vários outros pequenos objetos úteis. Receava que se perdessem ou se estragassem, se não permanecessem em meu poder.

Capítulo 3

Descrição dos divertimentos da corte de Lilipute. O autor recebe a garantia de liberdade sob certas condições.

Meu bom comportamento tinha a tal ponto conquistado o imperador, sua corte e o povo em geral, que comecei a ter esperança de conseguir minha liberdade dentro de pouco tempo. Empreguei todos os meios para atrair sua simpatia. Os nativos pouco a pouco foram perdendo o receio de algum perigo da minha parte. Por vezes, estendia-me no chão e deixava que cinco ou seis deles dançassem em minha mão. E, finalmente, meninos e meninas se arriscavam a vir brincar de esconde-esconde em meus cabelos. Eu já realizara, então, bastante progresso no entendimento e na fala de sua língua.

Um dia, o imperador quis entreter-me com vários espetáculos de seu país. Nenhum me divertiu tanto quanto o dos equilibristas na corda bamba. Eles dançavam sobre um cordãozinho fino, estendido a umas doze polegadas acima do chão.

Essa diversão é praticada tão somente pelas pessoas que são candidatas aos grandes cargos da corte. Elas são treinadas nessa arte desde a juventude. Quando há uma vaga para um grande posto, cinco ou seis desses candidatos pedem ao imperador que lhes seja permitido entreter sua Majestade e a corte com uma dança sobre a corda bamba. Quem salta mais alto, sem cair, conquista o cargo. Muitas vezes, os próprios ministros recebem a ordem de mostrar sua perícia e convencer o imperador de que não perderam suas habilidades.²⁰

²⁰Observe como a descrição dos costumes de um povo imaginário oferece oportunidade para o narrador criticar, com muito bom-humor, os costumes de sua época. Aqui, satiriza os malabarismos a que estão submetidos os membros da corte real, sempre arriscados a cair em desgraça de um dia para o outro.

Tais divertimentos são freqüentemente acompanhados de acidentes fatais. Eu próprio vi dois ou três candidatos quebrarem algum membro. Mas o perigo é muito maior quando os próprios ministros recebem a ordem de mostrar sua perícia. Lutando para se superar a si mesmos e aos companheiros, fazem tantos malabarismos que é difícil encontrar um que não tenha sofrido uma queda. Alguns deles, já caíram umas duas ou três vezes.

Há, igualmente, uma outra diversão, que só acontece diante do imperador e da imperatriz, além do primeiro-ministro. O imperador põe sobre uma mesa três fios finos de seda: um, azul; o outro, vermelho; e o terceiro, verde. Esses fios são oferecidos como prêmios para as pessoas que o imperador deseja honrar com uma demonstração especial de simpatia.

A cerimônia se desenrola no grande salão de Estado de sua Majestade. O imperador segura um pedaço de pau. Os candidatos, avançando um a um, ora pulam sobre ele, ora se arrastam por debaixo dele, para frente e para trás. Por vezes, é o primeiro-ministro quem segura o pedaço de pau. Quem desempenha seu papel com maior agilidade e se mantém por mais tempo pulando e se arrastando, é recompensado com a seda de cor azul. A vermelha é dada ao seguinte, e a verde ao terceiro. Todos eles as trazem enrolada duas vezes em volta da cintura. Vêm-se poucas pessoas importantes dessa corte que não estejam adornadas com um desses cintos.

Cerca de dois ou três dias antes de eu ser libertado, chegou um mensageiro com um informe para sua Majestade:

— Alguns de vossos súditos, Majestade, cavalgando perto do lugar onde tinham deparado com o Homem-Montanha pela primeira vez, viram uma grande substância preta jogada no chão. Tinha um formato muito esquisito. Suas bordas formavam um círculo tão grande quanto o quarto de dormir de Vossa Majestade; no centro, erguia-se à altura de um homem. Não era um ser vivo, como, de início, temeram que fosse, pois estava estendida na grama sem se mexer. Subindo uns sobre os ombros dos outros, chegaram ao topo, que era chato e liso e, pisando nele, tinham descoberto que o interior era oco. Supunham, humildemente, que devia ser algo pertencente ao Homem-Montanha. Se fosse do

agrado de Vossa Majestade, encarregar-se-iam de trazê-lo com apenas cinco cavalos.

Na mesma hora, entendi, e meu coração se alegrou ao ouvir essa notícia. Ao chegar à praia, depois de nosso naufrágio, eu estava tão atordoado que meu chapéu, preso por uma corrente à minha cabeça enquanto remava e, em seguida, nadava, caiu. A corrente, suponho, quebrou-se por algum incidente sem que eu percebesse: julgava ter perdido meu chapéu no mar. Supliquei que me fosse trazido o mais rápido possível. No dia seguinte, chegou, mas não em bom estado: fora arrastado por dois ganchos presos a buracos feitos em sua aba. Em todo caso, sofreu menos dano do que eu imaginava.

Dois dias depois dessa aventura, foi o próprio imperador que desejou se divertir de um modo muito especial. Quis que eu ficasse de pé, como uma estátua colossal, com as pernas bem abertas. Ele, então, ordenou a seu general que fizesse suas tropas marcharem sob mim, em formação militar, com tambores, bandeiras e lanças em riste.²¹ Sua Majestade deu ordens para que, sob pena de morte, todo soldado, em sua marcha, se comportasse da forma mais decente possível para comigo. Mas isso não impediu que alguns jovens oficiais erguessem os olhos ao passar por debaixo de mim. E, para confessar a verdade, meus calções estavam em tão mau estado que proporcionaram algumas ocasiões para riso e admiração.

Quando se discutiu a questão de minha liberdade no conselho real, apenas uma pessoa a ela se opôs. Era um homem que se tornara meu inimigo mortal, sem que eu lhe tivesse dado motivo algum para isso. Tratava-se de um sujeito rabugento e azedo. Por fim, convenceram-no, mas ele conseguiu que se impusessem condições para a minha libertação, redigidas por ele. Depois de me lerem esses artigos de lei, tive de jurar obediência. Primeiramente jurei conforme o costume de meu próprio país; depois, à maneira determinada por suas leis. Consistia em segurar meu pé direito com a minha mão esquerda, colocar o dedo médio da mão direita no alto da cabeça e o polegar na ponta da orelha direita. O documento

²¹*Em riste:* (lanças) erguidas.

dizia:

“Golbasto Momaren Evlame Gurdilo Shefin Mully Ullly Gue,²² o muito poderoso imperador de Lilipute, prazer e terror do universo,²³ cujo reino se estende até os confins do globo terrestre, rei de todos os reis, agradável como a primavera, confortante como o verão, produtivo como o outono, terrível como o inverno. Sua Majestade, a mais sublime de todas, apresenta ao Homem-Montanha os seguintes artigos, que ele será obrigado a cumprir:

Primeiro: O Homem-Montanha não deixará nossas terras sem permissão oficial.

Segundo: Não entrará em nossa metrópole sem ordem expressa. Na ocasião, seus habitantes deverão ser avisados, com duas horas de antecedência, para permanecerem em suas casas.

Terceiro: O Homem-Montanha limitará suas caminhadas às estradas principais e não tentará andar ou se deitar em um prado ou campo de trigo.

Quarto: Ao caminhar pelas estradas, deverá tomar o máximo cuidado para não pisar em nossos adoráveis súditos, ou em seus cavalos ou carros. Não pegará nenhum deles em sua mão sem seu consentimento.

Quinto: Se uma correspondência demandar entrega urgente, o Homem-Montanha será obrigado a carregar em seu bolso o mensageiro e seu cavalo e trazer o mensageiro de volta são e salvo à presença do imperador.

Sexto: Deverá ser nosso aliado contra os inimigos da ilha de Blefuscu e fazer o máximo que puder para destruir sua frota, que, atualmente, está se preparando para nos invadir.

²²Não se assuste com um nome tão extenso: é para fazer rir.

²³Veja como se satiriza a ambição humana e sua sede de poder: o imperador de Lilipute se julga o terror do universo, como se aquele mundo em miniatura fosse o único existente. Através do ridículo das atitudes dos homenzinhos, critica-se o ridículo de certos comportamentos humanos. Note a linguagem toda pomposa que contribui para tornar essas palavras mais divertidas para o leitor, que é levado a rir de tanta pretensão...

Sétimo: *O Homem-Montanha deverá, em seus momentos de lazer, ajudar nossos trabalhadores a erguer pedras grandes na construção de edifícios reais.*

Oitavo: *O Homem-Montanha deverá entregar, daqui a duas luas, um cálculo exato da circunferência de nosso reino, a partir de seus próprios passos ao redor da costa.*

Por fim: *Após o juramento solene de que cumprirá todos os artigos acima, o Homem-Montanha terá uma ração diária de carne e bebida, suficiente para o sustento de 1724 dos nossos súditos.*”

Jurei e assinei o documento com grande alegria e satisfação, apesar de alguns artigos não serem lá muito honrosos. Minhas correntes imediatamente foram tiradas e eu fui posto em total liberdade. O imperador em pessoa deu-me a honra de comparecer à cerimônia. Mostrei meu reconhecimento lançando-me aos seus pés. Mas ele ordenou que me levantasse e disse-me palavras muito amáveis. Por fim, acrescentou:

— Tenho esperança de que você se mostre um servidor útil. Que faça por merecer todos os favores que já lhe prestei ou que ainda lhe prestarei no futuro.

Capítulo 4

*Descrição de Mildendo, a metrópole de Lilipute.
Uma conversa entre o autor e um secretário-geral a
respeito dos negócios do império. Oferta do autor para
servir o imperador em suas guerras.*

O primeiro pedido que fiz ao obter a liberdade foi uma permissão para ver Mildendo, a metrópole. O imperador a concedeu facilmente, mas com uma recomendação especial: não ferir seus habitantes nem danificar suas casas. Caminhei por cima de uma de suas grandes portas e percorri com todo cuidado as duas ruas principais. Estava só de colete, pois temia danificar os telhados das casas com meu casaco. Andei com a maior atenção para não pisar em algum extraviado. Havia muita gente nas janelas e telhados querendo olhar-me. Cheguei a pensar jamais ter visto, em minhas viagens, lugar tão populoso.

A cidade é um quadrado exato, com duas grandes ruas que a dividem em quatro. É capaz de conter quinhentas mil almas. As casas têm de três a cinco andares. As lojas e mercados são bem abastecidos.

O palácio do imperador se localiza no centro da cidade, no encontro das duas grandes ruas que a cortam. É cercado por um muro. Sua Majestade deu-me permissão para pular por cima dele. Quando, depois de muita dificuldade, consegui chegar ao pátio interno do edifício, deitando-me de lado, coleí o rosto às janelas dos andares do meio, deixadas abertas para esse fim. Avistei, então, os mais esplêndidos aposentos que se possam imaginar. Ali vi a imperatriz e os jovens príncipes, acompanhados de seus servidores. A imperatriz teve a bondade de sorrir muito graciosamente para mim e deu-me a mão a beijar.

Um belo dia, de manhã, cerca de uns quinze dias depois de eu obter a minha liberdade, o secretário-chefe dos negócios privados veio a minha casa, acompanhado de um só servidor. Dispus-me a

me estender por terra, para que ele pudesse alcançar meu ouvido mais facilmente. Mas ele preferiu que eu o segurasse em minha mão durante a nossa conversa. Começou me cumprimentando por minha liberdade. Disse que tinha tido alguma participação naquilo; mas, se não fosse a situação atual da corte, talvez eu não a tivesse obtido tão cedo:

— *Por mais que pareçamos prósperos aos estrangeiros, estamos sofrendo dois grandes males. De um lado, violentas divergências políticas, internamente; de outro, o perigo de uma invasão do mais poderoso inimigo externo. Quanto ao primeiro, você já deve estar sabendo, há mais de setenta luas tem havido dois partidos adversários neste império. Chamam-se *Tramecksan* e *Slamecksan*. Estão em luta por causa dos saltos altos e baixos dos seus sapatos, pois é isso que os distingue. Uns alegam que os saltos altos estão mais de acordo com a nossa velha constituição. Seja como for, sua Majestade determinou que se faça uso somente de saltos baixos na administração do governo e em todos os cargos a ela subordinados. Mais importante: que os saltos de sua Majestade imperial sejam mais baixos do que nenhum outro em sua corte.*

As rixas entre esses dois partidos chegaram a tal ponto que seus adeptos jamais comerão ou beberão nem falarão uns com os outros. Calculamos que os *Tramecksan*, ou “saltos altos”, são mais numerosos do que nós, mas o poder está todo do nosso lado. Receamos que o herdeiro do trono tenha alguma simpatia pelos saltos altos. Pelo menos, é fácil ver que um de seus saltos é maior do que o outro. É por isso que ele manca quando anda.

Agora, no meio dessas disputas internas, somos ameaçados de invasão pela ilha de Blefuscu. É o segundo mais grandioso império do universo, quase tão extenso e poderoso quanto o de sua Majestade. Ouvimos você dizer que existem outros reinos e Estados no mundo, habitados por seres humanos tão grandes quanto você, mas nossos filósofos duvidam muito disso. Acham, antes, que você caiu da lua ou de uma das estrelas. Afinal, mil mortais do seu tamanho em pouco tempo destruiriam todos os frutos e o gado de sua Majestade. Além disso, nossos registros históricos, que se estendem por seis mil luas, não mencionam outros países além dos de Lilipute e Blefuscu. Esses dois reinos

poderosos estão há trinta e seis luas empenhados na mais obstinada das guerras. Sua origem foi a seguinte:

Todo mundo sabe muito bem que a maneira primitiva de quebrar ovos antes de os comermos era a partir da ponta mais larga. Mas um dia o avô de sua Majestade, quando era menino, foi quebrar um ovo pela ponta maior e cortou um dos dedos. Com isso, o imperador, seu pai, decretou que todos os seus súditos deveriam quebrar seus ovos pela ponta menor ou seriam duramente castigados. O povo ficou tão ressentido com esta lei que eclodiram²⁴ seis rebeliões. Numa delas, um imperador perdeu a vida; um outro, a coroa.

Essas revoltas da população eram constantemente apoiadas pelos monarcas de Blefuscu. Quando sufocadas, os homens punidos com o exílio iam sempre refugiar-se naquele império. Calcula-se que onze mil pessoas, em diferentes épocas, perderam a vida para não ter de se submeter a quebrar seus ovos pela ponta menor. Centenas de obras volumosas têm sido publicadas a respeito dessa polêmica. Os livros dos “pontagrandenses”, porém, estão proibidos há muito tempo, e todos os membros desse partido estão impedidos, por lei, de conseguir emprego.

No curso dessas desordens, os imperadores de Blefuscu nos acusaram de sacrilégio. Dizem que estamos transgredindo uma doutrina fundamental do nosso grande profeta Lustrog, no quinquagésimo quarto capítulo do nosso livro sagrado. Isso, porém, é deturpar o texto, que diz:

— “Todos os que realmente crêem deverão quebrar seus ovos pela ponta mais conveniente”.

Mas qual é a ponta mais conveniente, na minha modesta opinião, deve ser deixado para a consciência de cada homem decidir, ou, pelo menos, para as autoridades determinarem.

Pois bem, os “pontagrandenses” exilados obtiveram todo o apoio da parte do imperador de Blefuscu. Desde então, uma guerra sangrenta vem sendo travada entre os dois impérios há trinta e seis luas. Ora vence um, ora o outro. Durante esse tempo, perdemos muitos navios, grandes e pequenos, além de trinta mil dos nossos

²⁴*Eclodir*: rebentar, acontecer de repente.

melhores marinheiros e soldados. Estima-se que o estrago sofrido pelo inimigo deva ser ainda maior que o nosso. Contudo, eles estão, agora, equipados com uma frota numerosa e se preparando para atacar-nos. Sua Majestade imperial, depositando grande confiança em seu valor e em sua força, mandou que eu lhe fizesse esse relato de como andam os seus negócios.

Pedi que o secretário transmitisse ao imperador a minha resposta:

— Não me fica bem, como estrangeiro, intrometer-me nas disputas entre os partidos! Mas eu estou disposto, com o risco de minha própria vida, a defender vossa pessoa e vosso Estado, contra todos os invasores.

Capítulo 5

O autor, com um estratagema²⁵ extraordinário impede uma invasão. É condecorado. Chegam embaixadores do imperador de Blefuscu e pedem a paz. O aposento da imperatriz em chamas, por causa de um incidente. Como o autor salvou o resto do palácio.

O império de Blefuscu é uma ilha situada a nordeste de Lilipute. Com a notícia de uma invasão planejada, evitei aparecer naquele lado da costa, por medo de ser descoberto por alguns dos navios inimigos.

Comuniquei a sua Majestade um projeto que eu concebera para apoderar-me de toda a frota inimiga, que estava ancorada no porto, pronta para partir ao primeiro vento favorável. Caminhei para a costa nordeste, à frente de Blefuscu. Ali, deitado atrás de uma colina, observei a frota. Então, voltei para minha casa e dei ordens para que trouxessem uma grande quantidade do cabo mais forte de Lilipute e barras de ferro. O cabo era, mais ou menos, tão grosso quanto um barbante, e as barras tinham o comprimento e a largura de agulhas. Com esse material, fiz cinquenta ganchos, ligados a cabos. Voltei para a costa e, tirando casaco, sapatos e meias, entrei no mar com um colete de couro, cerca de meia hora antes da maré alta.

Cheguei à frota em menos de meia hora. Os inimigos ficaram tão apavorados quando me viram, que pularam para fora de seus navios e saíram nadando até a praia. Lá havia pelo menos umas trinta mil pessoas. Eu, então, amarrando um gancho ao buraco na proa²⁶ de cada navio, amarrei todas as cordas num único nó. Enquanto eu estava ocupado dessa forma, os inimigos dispararam milhares de setas, e muitas se espetaram nas minhas mãos e no

²⁵*Estratagema*: estratégia, meio com o qual se resolve uma dificuldade.

²⁶*Proa*: a parte da frente do navio.

meu rosto. Meu maior temor era pelos meus olhos. Eu os teria perdido na certa, se não fosse uma idéia que de repente me veio à mente. Tinha comigo um par de óculos naquele bolso secreto que escapara da revista a que fora submetido. Peguei-os e amarrei-os ao meu nariz o mais fortemente que pude e voltei ao trabalho.

Prendi todos os ganchos e, segurando o nó, comecei a puxar. Contudo, nenhum navio se mexeu, pois estavam todos eles presos por âncoras. Com determinação, usei minha faca para cortar os cabos que prendiam as âncoras, recebendo cerca de duzentas flechadas no rosto e nas mãos. Então, tomei a ponta dos cabos aos quais meus ganchos estavam amarrados e, com a maior facilidade, arrastei cinqüenta dos navios de guerra.

Os blefusquianos de início ficaram aturdidos de espanto. Tinham-me visto cortar os cabos e pensaram que minha intenção era, somente, deixar os navios vagarem ao sabor das ondas ou se chocarem uns contra os outros. Mas quando me viram arrastar a sua frota, soltaram um tal grito de dor e desespero, que é quase impossível descrever. Quando me vi longe do perigo, parei um pouco para arrancar as setas espetadas. Então, tirei os óculos. Esperei cerca de uma hora até que maré baixasse um pouco e dirigi-me, são e salvo, ao porto real de Lilipute.

O imperador, com toda sua corte, estava na praia, esperando para ver como terminaria aquela grande aventura. Viram os navios avançarem formando uma grande meia-lua, mas não podiam me ver, pois eu estava com água até o peito. O imperador concluiu que eu tinha-me afogado e que a frota do inimigo se aproximava com intenções hostis. Mas logo se livrou de seus receios, pois em pouco tempo cheguei a uma distância em que era possível fazer-me ouvir e gritei bem alto:

— Longa vida ao poderoso imperador de Lilipute!

Esse grande príncipe recebeu-me com todas as honras possíveis e me conferiu, ali mesmo, um *Nardac*, isto é, o mais alto título honorífico entre eles.

Sua Majestade desejava que eu trouxesse o resto da frota inimiga para seus portos. E tão imensa é a ambição dos príncipes que ele parecia pensar em nada menos do que reduzir todo o império de Blefuscu a província sua. Queria também aniquilar os

exilados “pontagrandenses” e obrigar aquele povo a quebrar seus ovos pela parte menor. Assim, ele se tornaria o único soberano de todo o universo. Mas eu me esforcei para afastar esses planos de sua mente; falei-lhe em justiça; e disse com todas as letras:

— Jamais serei um instrumento para reduzir um povo livre e corajoso à escravidão.

Essa minha declaração, ousada e franca, era tão contrária aos planos e à política de sua Majestade Imperial, que ele jamais pôde me perdoar por isso. Nasceu, aqui, uma intriga entre o imperador e alguns ministros que não gostavam de mim. De tão pouco peso são os maiores serviços prestados aos príncipes, quando no outro prato da balança está uma recusa em satisfazer seus desejos!²⁷

Cerca de três semanas depois, chegou uma embaixada solene de Blefuscu, com propostas humildes de paz. O acordo foi feito em condições muito vantajosas para nosso imperador. Os seis embaixadores souberam que eu intercedera em favor deles e foram visitar-me. Primeiro, cumprimentaram-me vivamente por meu valor e minha generosidade. Depois, convidaram-me, em nome de seu imperador, a visitar-lhes o reino. Respondi:

— Apresentem os meus mais humildes cumprimentos ao soberano. A fama de suas virtudes encheu de justa admiração o mundo inteiro! Eu decidi visitá-lo antes de retornar a meu próprio país.

Assim, na primeira oportunidade em que tive a honra de ver nosso imperador, pedi sua permissão para ir ver o monarca blefusquiano. Concordou, mas de um modo muito frio. Não pude adivinhar a razão disso até ser informado de que haviam retratado minha conversa com os embaixadores como uma prova de desafeto²⁸ para com o nosso monarca. E esta foi a primeira vez em que eu comecei a ter uma vaga idéia do que eram cortes e ministros.

Deve-se observar que aqueles embaixadores conversaram comigo através de um intérprete. A língua desses dois impérios são

²⁷Entenda: quando recusamos algo a um soberano, ele se zangará sem levar em conta tudo que fizemos de bom antes.

²⁸*Desafeto*: falta de afeição, de consideração.

diferentes entre si. Cada nação se orgulha da antiguidade, beleza e vigor de seus idiomas, com um desprezo declarado pelo do vizinho. Nosso imperador, porém, valendo-se da vantagem que obtivera com a captura da frota, obrigou-os a discursar em liliputiano. Na verdade, por causa das relações entre os dois reinos, há poucas pessoas distintas que não consigam se expressar nos dois idiomas.

Não muito tempo depois, tive a oportunidade de prestar a sua Majestade um serviço extremamente importante. À meia-noite, despertaram-me, de repente, os gritos de centenas de pessoas à minha porta. Fui tomado de uma espécie de pavor. Ouvi a palavra “burglum”, repetida sem parar. Várias pessoas da corte, abrindo caminho em meio à multidão, suplicaram-me que eu fosse imediatamente ao palácio:

— O aposento da imperatriz está em chamas! Uma de suas damas de honra, descuidadamente, adormeceu enquanto lia um romance, e a vela causou um incêndio!

Levantei-me num minuto e, naquela noite de luar, procurei chegar ao palácio sem pisar em ninguém. Notei que já tinham posto escadas nas paredes do aposento e providenciado baldes, mas a água estava a alguma distância. Esses baldes eram do tamanho de um dedal grande, e a pobre gente os passava a mim o mais rápido que podia. Mas a chama era tão violenta que eles não adiantavam grande coisa. Eu poderia tê-la facilmente abafado com meu casaco, mas, na pressa, esquecera-o.

O caso parecia desesperador. Aquele palácio magnífico teria infalivelmente queimado de alto a baixo, se eu não tivesse tido uma boa idéia. Na noite anterior, eu havia bebido de um vinho dos mais deliciosos, e ainda não tinha ido ao banheiro. Urinei, então, em tão grande quantidade, e nos lugares apropriados, que em três minutos o fogo estava completamente extinto. Assim, o resto do nobre edifício escapou da destruição.

O dia já amanhecera, e eu voltei para casa, sem esperar o imperador. Embora tivesse prestado serviço dos mais importantes, não sabia como sua Majestade apreciaria a maneira pela qual eu o cumprira. É que, segundo a constituição do reino, merecia a pena de morte quem quer que urinasse no palácio. Mas consolou-me um

pouco uma mensagem que recebi de sua Majestade: ele daria ordens ao juiz para que me concedesse um perdão formal (que, porém, não consegui). Garantiram-me que a imperatriz, extremamente aborrecida com o que eu fizera, mudara-se para a ala mais distante da corte. Estava firmemente decidida a impedir que aqueles edifícios fossem algum dia reparados para seu uso. E, na presença de seus principais confidentes, não podia deixar de jurar vingança.

Capítulo 6

Os habitantes de Lilipute. A maneira de educar seus filhos. O modo de vida do autor naquele país. Sua defesa de uma grande dama.

O tamanho normal dos nativos de Lilipute é um pouco menos de seis polegadas, e animais, plantas e árvores são proporcionais. Os cavalos e bois mais altos, por exemplo, têm entre quatro e cinco polegadas de altura; os carneiros, mais ou menos uma polegada e meia; os gansos são do tamanho de um pardal, e assim por diante. As árvores mais altas têm cerca de sete pés de altura. Eu conseguia alcançar seu topo com o punho fechado.

Falarei um pouco a respeito de modo de vida. A maneira como escrevem é muito especial: obliquamente, de um canto ao outro do papel.

Enterram os mortos de cabeça para baixo, porque acreditam que em onze mil luas todos se levantarão de novo. É que, durante esse período, a terra (que eles concebem como sendo plana) virará de cima para baixo. Enterrados de ponta cabeça, ao ressuscitarem, já se encontrarão de pé. Os eruditos confessam que tal teoria é absurda, mas a prática continua inalterada, para satisfazer o povo.

Há algumas leis e costumes nesse império que são muito peculiares.²⁹ Se não fossem tão absolutamente contrários aos de meu querido país, seria tentado a dizer algo em sua defesa. O primeiro que eu desejo mencionar diz respeito aos delatores. Todos os crimes contra o Estado são punidos com a maior severidade, mas se a pessoa acusada provar sua inocência, o acusador é imediatamente submetido a uma morte vergonhosa. A pessoa inocente é indenizada com os bens ou terras do delator. O imperador confere-lhe uma demonstração pública de sua estima

²⁹*Peculiar*: especial, diferente da maioria.

por ele e se proclama sua inocência através de toda a cidade.

A seus olhos a fraude é crime pior que o roubo, e, por isso, raramente se deixa de puni-la com a morte. Alegam que atenção, vigilância e bom senso podem impedir que os bens de um homem sejam roubados, mas até um homem honesto é enganado por um outro mais esperto.

Só vi em Lilipute aplicada na prática a máxima de que prêmio e castigo devem ser a base de todo governo. Quem quer que reúna provas suficientes de que cumpriu rigorosamente as leis de seu país por setenta e três luas, tem direito a certos privilégios, de acordo com sua posição e modo de vida, mais uma soma de dinheiro proporcional. Esse povo julgou um incrível defeito de nossa política o fato de nossas leis (como contei a eles) só preverem punições, sem menção alguma de recompensa. É por isso que a imagem da justiça, em seus tribunais, traz uma bolsa de ouro aberta em sua mão direita e uma espada embainhada na esquerda. Com isso, quer-se mostrar que a justiça está mais disposta a recompensar que a punir.

Ao escolher pessoas para todos os cargos públicos, levam em consideração mais as qualidades morais do que grandes habilidades. Supõem que verdade, justiça, moderação e semelhantes estão ao alcance de todo homem e que a prática de tais virtudes qualifica qualquer um para servir ao país. A não ser quando um estudo especializado é necessário para quem vai exercer determinada função. Mas pensam que cargos públicos não podem jamais ser postos em tão perigosas mãos como nas de pessoas que carecem de virtudes morais. Pelo menos, os erros cometidos por ignorância, mas com intenções honestas, nunca serão tão prejudiciais para o bem público quanto as ações de um homem corrupto.³⁰

Ao relatar as leis desse povo, refiro-me às instituições originais, e não à corrupção mais escandalosa em que ele caiu, por causa da natureza degenerada do ser humano.

³⁰Resumindo: se é preciso escolher entre um homem virtuoso, mas ignorante, e um homem corrupto, mas culto e inteligente, sempre é melhor para o país optar pelo primeiro.

Suas idéias sobre os deveres de pais e filhos diferem enormemente das nossas. Na sua opinião, os pais são as últimas pessoas do mundo a quem se deve confiar a educação de seus filhos. Por isso, têm, em cada cidade, estabelecimentos públicos para onde os pais são obrigados a enviar seus filhos de ambos os sexos. Ali serão criados e educados até a idade de vinte anos. A comida e a roupa dos meninos são simples. Ensinam-lhes os princípios da honradez, justiça, coragem, modéstia, clemência, religião e amor por seu país. Estão sempre ocupados em alguma atividade, exceto nos breves períodos em que se alimentam ou dormem e nas duas horas de divertimentos, que consistem em exercícios físicos. Os pais têm permissão para vê-los somente duas vezes por ano; a visita não deve durar mais que uma hora. Podem beijar a criança ao chegar e ao partir. Mas um professor, sempre presente nessas ocasiões, não admitirá que os pais a mimem nem tragam presentes como brinquedos, doces e coisas assim.

Nos estabelecimentos femininos, as meninas são educadas de modo muito semelhante ao dos meninos. Se descobrem que as amas as entretêm com histórias aterrorizantes ou tolas, são chicoteadas publicamente, encarceradas por um ano e exiladas para as regiões mais desoladas do país. Assim, as moças dali têm tanta vergonha de serem covardes e tolas quanto os homens. Aos doze anos, idade de se casarem, seus pais as levam para casa, em meio a grande manifestação de gratidão aos professores. Raramente a moça e suas companheiras deixam de derramar lágrimas.

Entre os pobres, velhos e doentes recebem assistência em hospitais, pois a mendicância é desconhecida naquele império.

Mas vamos satisfazer a curiosidade do leitor quanto à minha maneira de viver nesse país, onde residi por nove meses e treze dias. Fiz, para mim mesmo, com as árvores maiores do parque real, uma mesa e uma cadeira. Duzentas costureiras foram empregadas para me fazer camisas e roupa de cama e mesa. Tomaram minhas medidas enquanto eu estava estendido no chão. Trezentos alfaiates foram empregados para me fazer roupas. Quando ficaram prontas, pareciam colchas de retalho, só que de uma cor só.

Tinha trezentos cozinheiros para preparar minha comida. Eu erguia vinte criados com a mão e os colocava em cima da mesa.

Cem outros serviam embaixo, no chão, alguns com pratos de carne, uns com barris de vinho e outras bebidas. Chegavam a mim com o auxílio de cordas, de um modo muito engenhoso. Os criados ficavam espantados ao me verem comer carne com ossos e tudo. Gansos e perus, eu normalmente comia numa bocada só. Quanto às aves menores, erguia vinte ou trinta de uma vez na ponta de minha faca.

Um dia, sua Majestade Imperial, informada sobre o meu modo de vida, quis almoçar comigo, acompanhado de sua esposa e os jovens príncipes. Vieram, então, e eu os coloquei em tronos sobre a mesa, bem diante de mim. Flimnap, o tesoureiro-chefe, também estava presente; notei que por várias vezes ele olhava para mim com o rosto carregado. Fingi não ver e comi mais do que de costume, para honrar meu querido país e encher de admiração a corte. Tenho cá minhas razões para crer que essa visita de sua Majestade deu a Flimnap a oportunidade de intrigar-me junto a seu senhor. Esse ministro sempre fora meu inimigo secreto, apesar de suas manifestações exteriores de afeto. Mostrou ao imperador a pobre situação de seu tesouro, disse que eu custara a sua Majestade mais de um milhão e meio de *sprugs* (a maior moeda de ouro deles) e que, em resumo, o imperador deveria aproveitar a primeira oportunidade para se livrar de mim.

Vejo-me na obrigação de fazer justiça à reputação de uma excelente senhora, que foi vítima inocente de uma intriga, por minha causa. O tesoureiro deu para sentir ciúmes de sua esposa. Más línguas o tinham informado de que ela fora tomada de violento amor por minha pessoa. Correu na corte o rumor de que ela viera uma vez visitar-me em particular. Isto — declaro solenemente — é a mais infame das mentiras, sem nenhum fundamento. Tratava-me com todas as demonstrações inocentes de atenção e amizade, só isso. Confesso que veio várias vezes a minha casa, mas sempre publicamente, com pelo menos três pessoas na carruagem, como o faziam outras senhoras da corte. Desafio o tesoureiro, ou seus informantes, a provar que alguém veio alguma vez até mim secretamente, com exceção do secretário Reldresal, enviado por ordens expressas de sua Majestade.

Por causa daqueles boatos, o tesoureiro fez cara feia para a sua

esposa durante algum tempo, e, para mim, uma pior ainda. Se, por fim, reconciliou-se com ela, eu, de minha parte, perdi toda a sua consideração para comigo. Vi minha influência declinar rapidamente até com o próprio imperador, que, de fato, era muito influenciado por esse seu favorito.

Capítulo 7

O autor, informado de um plano para acusá-lo de alta traição, foge para Blefuscu. Sua recepção ali.

Até então, em toda a minha vida não havia freqüentado uma corte, pois a minha modesta condição não o permitia. Tinha, sim, ouvido falar e lido bastante sobre o comportamento de príncipes e ministros. Jamais esperava, porém, encontrar efeitos tão terríveis dele em país tão remoto, governado, segundo pensava, por princípios muito diferentes dos nossos.

Um dia uma pessoa importante da corte veio a minha casa, secretamente, à noite. Eu a pus no bolso do meu colete e fechei a porta de casa. Pus o homem em cima da mesa, sentado numa cadeira. Observando sua fisionomia preocupada, perguntei-lhe a razão.

— Você deve saber — disse ele — que o conselho tem sido convocado várias vezes, ultimamente, para discutir o seu caso. Skyris Bolgolam, o grande almirante, tem sido seu inimigo mortal desde a sua chegada. O motivo, eu não sei. Mas o ódio dele cresceu muito depois de seu grande êxito contra Blefuscu: é que sua glória como almirante acabou ficando ofuscada³¹ por ela. Esse senhor, em combinação com o tesoureiro-chefe, mais um general, um camareiro e o juiz, prepararam um documento com uma série de acusações contra você, por traição e outros crimes capitais. Consegui uma cópia, arriscando minha cabeça para servi-lo:

“Artigos da acusação contra o Homem-Montanha

Artigo I

Tendo em vista que, por força de lei, ficou estabelecido que todo aquele que urinar no recinto do palácio real estará sujeito às

³¹*Ofuscado*: obscurecido, com menor prestígio, menos apreciado.

*penas e punições para o crime de alta traição e que, apesar disso, o referido Homem-Montanha, sob pretexto de extinguir o incêndio no aposento da esposa de sua Majestade, maliciosamente, traiçoeiramente e diabolicamente, apagou o referido incêndio no referido aposento, expelindo sua urina, encontrando-se e estando no recinto do referido palácio real, contra o que a lei determinava, etc., contra o dever, etc.*³²

Artigo II

Tendo em vista que o referido Homem-Montanha, após trazer a frota imperial de Blefuscu para o porto real e sendo-lhe, depois, ordenado por sua Majestade que se apoderasse de todos os outros navios do referido império de Blefuscu e reduzisse esse império a uma província e destruísse e matasse não só todos os exilados “pontagrandenses” como também todas as pessoas daquele império que não deixassem de ser “pontagrandense”: ele, o referido Homem-Montanha pediu para ser dispensado do referido serviço, alegando não querer forçar as consciências ou destruir as liberdades e vidas de um povo inocente.

Artigo III

Tendo em vista que, na ocasião da vinda de certos embaixadores de Blefuscu à corte, para pedir paz, ele, o referido Homem-Montanha, como traidor cheio de falsidade, encontrou-se com os referidos embaixadores, embora soubesse que eram servidores de um inimigo declarado de sua Imperial Majestade e em guerra declarada contra a referida Sua Majestade.

Artigo IV

Tendo em vista que o referido Homem-Montanha, contrariamente ao dever de um súdito leal, está-se preparando, no momento, para fazer uma viagem a Blefuscu, e para isso recebeu permissão de sua Majestade Imperial apenas oralmente e que, aproveitando-se da referida permissão, pretende empreender a referida viagem para ajudar, confortar e proteger o Imperador de

32 Observe como o texto satiriza a linguagem do Direito.

Blefuscu, até há pouco inimigo e em guerra declarada contra a sua Majestade Imperial acima referida...”

— Há alguns outros artigos, mas esses são os mais importantes. Nas discussões que se seguiram, sua Majestade deu muitas mostras de sua grande bondade, lembrando várias vezes os serviços que você lhe prestara. Tentou atenuar seus crimes. O tesoureiro e o almirante insistiram em que você deveria sofrer a morte mais dolorosa e vergonhosa, incendiando-se sua casa à noite. O general, com vinte mil homens armados de setas envenenadas, deveria atirá-las contra seu rosto e suas mãos. Alguns dos seus criados receberiam ordens para colocar uma poção envenenada nas suas roupas, o que logo o faria rasgar sua própria carne e morrer nas piores torturas. O general expressou a mesma opinião; assim, por um tempo, a maioria estava contra você. Mas sua Majestade estava decidido a poupar-lhe a vida, se possível.

Reldresal, o secretário que sempre se mostrou amigo seu, recebeu do Imperador a ordem de expressar sua opinião. Suas palavras corresponderam totalmente ao bom conceito que você tem dele. Admitiu que seus crimes eram grandes, mas que ainda havia espaço para clemência, a maior virtude num governante. Disse que todo mundo conhecia muito bem a amizade entre você e ele e que o poderiam julgar, então, parcial. Contudo, em obediência à ordem recebida, exporia livremente seus sentimentos. Continuou assim:

“— Vossa Majestade, em atenção aos serviços do Homem-Montanha e deixando-se guiar por sua bondade natural, poderia poupar-lhe a vida. Sugiro, então, que dê ordens tão somente para cegá-lo. Por esse meio, na minha humilde opinião, de certa forma se faria justiça. Além disso, todo mundo aplaudiria a bondade do imperador assim como as atitudes generosas dos que têm a honra de ser seus conselheiros. A perda dos seus olhos não seria impedimento para a força do corpo. Assim, o Homem-Montanha ainda poderia ser útil a Vossa Majestade. A cegueira só aumenta a coragem, pois esconde de nós os perigos. O medo que o Homem-Montanha teve por seus olhos tornou-se a maior dificuldade para trazer a frota do inimigo. Ele poderia muito bem enxergar através dos olhos dos ministros: mesmo os maiores príncipes não fazem

outra coisa.”

Essa proposta foi recebida com desaprovação total. O almirante não pôde mais conter sua irritação. Levantando-se furioso perguntou, espantado:

“— Como é que o secretário ousa dar sua opinião para preservar a vida de um traidor?! Um homem que apagou o incêndio despejando urina no aposento da imperatriz pode muito bem provocar uma enchente por esse mesmo meio. A mesma força que lhe possibilitou trazer a frota do inimigo poderá servir para levá-la de volta ao primeiro descontentamento. Além disso, tenho boas razões para crer que o Homem-Montanha é um “pontagrandense” no fundo do coração. E como a traição começa no coração antes de se manifestar em atos, ele é um traidor. Assim, insisto: tem de ser condenado à morte!”

O tesoureiro era da mesma opinião. Mostrou a que penúria as rendas de sua Majestade estavam reduzidas por causa do encargo de sustentar você. Isso logo se tornaria insuportável. Todos estavam totalmente convencidos de sua culpa, o que era argumento suficiente para condenar você à morte, *sem necessidade das provas que as leis exigiam*.

O imperador, porém, era contrário à pena de morte:

“— Se o conselho acha que arrancar os olhos de Gulliver é um castigo muito brando, mais tarde podemos aplicar um outro.”

Seu amigo, o secretário, humildemente pedindo para ser ouvido novamente, disse:

“— Podemos remediar aos problemas do sustento do Homem-Montanha, diminuindo gradativamente sua comida. Ele ficará fraco e abatido, perderá o apetite e, conseqüentemente, morrerá em poucos meses. Nem ofereceria tanto perigo assim o fedor de sua carcaça, quando ela se tivesse tornado mais da metade do que é atualmente. E, imediatamente após sua morte, cinco ou seis mil súditos de Vossa Majestade poderiam tirar sua carne dos ossos. Depois, transportá-la-iam em carros e a queimariam em lugares distantes para prevenir o risco de infecção. O esqueleto seria deixado como um monumento a ser admirado pelas gerações futuras.”

Tal foi a decisão final, graças à grande amizade do secretário.

O projeto de deixar você morrer de fome aos poucos deveria ser mantido em segredo, mas a sentença de arrancar seus olhos foi registrada nos livros. Ninguém discordou, exceto o almirante, que era sempre incitado pela imperatriz a insistir em sua morte. Ela lhe tinha ódio eterno por causa do método que você empregou para apagar o incêndio em seu aposento.

Dentro de três dias, seu amigo secretário receberá ordens para vir a sua casa, ler na sua frente os artigos da acusação e, então, fazer ver-lhe a grande bondade e generosidade do imperador e de seu conselho. Graças a elas, você foi condenado apenas à perda dos olhos, à qual você há de se submeter com gratidão e humildade. Sua Majestade tem certeza disso. Vinte cirurgiões dispararão setas de ponta bem aguda na pupila de seus olhos, quando você estiver deitado no chão.

Para evitar despertar suspeitas, devo ir embora imediatamente e em segredo, como ao vir aqui.

Assim fez esse senhor, e eu permaneci só, com muitas dúvidas e absolutamente perplexo.

Era um costume introduzido pelo príncipe e seu ministério que, depois de a corte ter decretado uma execução, o imperador fizesse um discurso. Nele expressava sua *grande bondade e brandura, qualidades conhecidas e reconhecidas por todo o mundo*. Nada aterrorizava mais o povo do que esses elogios à clemência de sua Majestade. De fato, notava-se que, quanto maiores e mais insistentes eram, tanto mais *desumana* a punição e *mais inocente o condenado*.

Pensei em defender-me nos tribunais. Depois, lembrando como os processos terminam sempre como o capricho dos juízes determinava, não quis entregar-me a tal perigosa decisão. Ainda mais em tão críticas circunstâncias e contra inimigos tão poderosos! Por um momento, pensei seriamente em resistir: eu poderia facilmente, com pedras, reduzir a metrópole a ruínas. Mas logo rejeitei com horror esse projeto, recordando o juramento que fizera ao imperador, os favores que dele recebera e o alto título de Nardac que ele me conferira. Nem aprendera eu ainda a gratidão típica dos membros da corte para esquecer-me de tudo o que lhe

ficara devendo no passado.

Por fim, tomei uma decisão. Enviei uma carta ao meu amigo secretário para comunicar-lhe que decidira partir para Blefuscu. Sem esperar pela resposta, fui para o lado da ilha em que estava a nossa frota. Peguei um grande navio de guerra, amarrei um cabo à proa e, arrastando-o, cheguei ao porto real de Blefuscu. Ali, providenciaram-me dois guias para me levar à capital, de mesmo nome. Perto dos portões da cidade, enviei uma mensagem a sua Majestade e esperei por suas ordens. A resposta chegou em cerca de uma hora: sua Majestade, a família real e os figurões da corte estavam vindo me receber. Ao chegarem, não percebi neles medo ou preocupação. Estendi-me no chão para beijar a mão da imperatriz. Disse a sua Majestade que viera, com a permissão do imperador, meu mestre, para ter a honra de ver tão poderoso monarca e oferecer-lhe os serviços ao meu alcance.

Capítulo 8

O autor, por um feliz acaso, encontra um meio de deixar Blefuscu; e, após algumas dificuldades, retorna são e salvo a seu país natal.

Três dias depois de minha chegada, caminhando, por curiosidade, em direção à costa à nordeste da ilha, notei algo no mar. Parecia um barco virado. O objeto se aproximava cada vez mais, graças à maré. Então, vi que se tratava mesmo de um barco real, que, imaginava eu, devia ter se separado de um navio, arremessado por alguma tempestade.

Assim, retornei imediatamente para a cidade e pedi a Sua Majestade que me emprestasse vinte de suas maiores embarcações e três mil homens sob o comando de seu vice-almirante. A frota se pôs a caminho, enquanto eu voltava para a costa onde havia descoberto o barco pela primeira vez. A maré a tinha impelido para mais perto ainda.

Não importunarei o leitor com as dificuldades que tivemos para levar o bote para o porto real de Blefuscu, onde um número enorme de pessoas apareceu à minha chegada. Maravilhavam-se com a visão de uma embarcação tão prodigiosa.³³ Disse ao imperador:

— Minha boa sorte pôs este bote no meu caminho, para transportar-me para algum lugar de onde eu possa retornar a meu país natal. Peço a Vossa Majestade que dê ordens para se arranjar o material necessário ao reparo, bem como sua permissão para a partida.

Depois de dizer algumas palavras amigáveis, o imperador concordou.

Com o passar do tempo, o príncipe de Lilipute pôs-se a se inquietar com a minha ausência. Depois de consultar o tesoureiro e

³³*Prodigioso*: incrível, extraordinário.

o resto daquele bando de intrigantes, enviou a Blefuscu uma pessoa importante com uma cópia dos artigos contra mim. Esse emissário tinha instruções para fazer ver ao monarca a grande bondade de seu senhor, que se contentava em punir-me tão somente com a perda de meus olhos. Eu fugira da justiça e, se não retornasse em duas horas, seria privado de meu título de Nardac e declarado traidor. Para manter a paz e a amizade entre os dois impérios, seu senhor esperava que seu irmão de Blefuscu desse ordens para me enviar de volta a Lilipute, com mãos e pés amarrados, para receber a punição.

O imperador de Blefuscu, após três dias de consulta, deu uma resposta toda feita de cortesias e desculpas:

— Você sabe muito bem que é impossível enviar-lhe o Homem-Montanha amarrado. Além disso, embora ele me tenha tirado minha frota, devo-lhe grandes favores por seus bons serviços na obtenção da paz. Contudo, nós dois nos veremos livres dele brevemente. O Homem-Montanha encontrou uma embarcação prodigiosa, capaz de transportá-lo através do mar. Espero que em poucas semanas nossos impérios estejam livres de tão insuportável estorvo!

Com tal resposta, o enviado retornou a Lilipute, e o monarca de Blefuscu ofereceu-me (em segredo) sua proteção, para o caso de eu aceitar continuar a servi-lo. Embora acreditasse em sua sinceridade, decidi nunca mais confiar em príncipes ou ministros. Assim, reconhecendo inteiramente suas intenções benévolas, humildemente pedi que me desculpasse:

— A sorte, boa ou má, pôs uma embarcação no meu caminho. Estou decidido a me aventurar no oceano ao invés de ser motivo de discórdia entre dois monarcas tão poderosos.

Não me pareceu desapontado o imperador, pelo contrário...

Cerca de um mês depois, quando tudo estava preparado, avisei que aguardava as ordens de sua Majestade e estava pronto para me despedir. O imperador e sua família real saíram do palácio. Estendi-me com o rosto no chão para beijar sua mão, a da imperatriz e a dos jovens príncipes. Sua Majestade presenteou-me com cinquenta bolsas contendo duzentas moedas cada uma, junto com um seu retrato em tamanho natural. Eu imediatamente o pus

em uma de minhas luvas, para protegê-lo.

Abasteci o bote com as carcaças de cem bois e trezentos carneiros, com pão e bebida e tanta carne pronta quanta quatrocentos cozinheiros puderam providenciar. Levei comigo seis vacas e dois touros vivos e outras tantas ovelhas e carneiros, com a intenção de levá-los ao meu país e propagar a raça. Para alimentá-los a bordo, tinha um bom feixe de feno e um saco de milho. Eu gostaria de ter levado comigo uma dúzia de nativos, mas isso o imperador não permitiria de maneira alguma. Além de revistar cuidadosamente meus bolsos, sua Majestade me fez dar minha palavra de honra de que não levaria embora nenhum de seus súditos, mesmo que com o consentimento e desejo deles.

Parti no dia 24 de setembro de 1701, às seis da manhã. Depois de ter navegado cerca de quatro léguas para o norte, às seis da tarde avistei uma ilha³⁴ a nordeste. Ancorei numa parte que me pareceu desabitada. Fiz uma refeição leve e fui repousar. Dormi bem, umas seis horas, pelo menos, segundo calculei. Tomei meu café da manhã antes do nascer do sol. O vento era favorável, e eu, então, levantei âncora. Orientava-me por minha bússola de bolso.

No dia seguinte, cerca de três horas da tarde, depois de estar a umas vinte e quatro léguas de Blefuscu, avistei uma vela que se dirigia a sudeste. Não é fácil expressar a alegria em que eu estava pela esperança repentina de voltar a rever meu amado país e os seres queridos que lá deixara. Cheguei ao navio entre cinco e seis da tarde de vinte e seis de setembro. Subi a bordo com toda a minha pequena carga de provisões.

Era um navio mercante que retornava do Japão. Havia cerca de cinquenta homens ali e entre eles encontrei um velho camarada, que falou bem de mim ao capitão. Este cavalheiro tratou-me com amabilidade e pediu que eu o informasse de onde vinha e para onde me dirigia. Respondi-lhe com poucas palavras, mas pensou que eu estivesse delirando e que os perigos que enfrentara perturbara minha mente. Nisso, tirei meu gado e os carneiros do bolso. Depois de grande espanto, convenceu-se plenamente de minha veracidade. Mostrei-lhe, então, o ouro que me fora dado

³⁴*Ilhota*: ilha pequena.

pelo imperador de Blefuscu, junto com o retrato de sua Majestade em tamanho natural e outras curiosidades daquele país. Dei-lhe duas bolsas com duzentas moedas cada uma. Prometi que, ao chegarmos à minha terra natal, eu lhe daria de presente uma vaca e uma ovelha prenhes.³⁵

Chegamos à Inglaterra no dia 13 de abril de 1702. Durante o pouco tempo que permaneci no país, ganhei bastante dinheiro exibindo meu gado a muitas pessoas. Antes de iniciar minha segunda viagem, vendi-os por seiscentas libras.

Permaneci apenas dois meses com minha esposa e família, pois meu desejo insaciável de ver países estrangeiros não permitia que eu permanecesse mais tempo. Deixei mil e quinhentas libras com minha esposa e instalei-a numa boa casa. O resto de meus bens levei comigo, na esperança de aumentar minha fortuna. Despedi-me de minha mulher, do menino e da menina, com lágrimas nos olhos e embarquei no *Aventura*, um navio-mercante de trezentas toneladas.

³⁵*Prenhe*: grávida.

Parte II

UMA VIAGEM A BROBDINGNAG³⁶

³⁶*Brobdingnag*: nome inventado pelo autor.

Capítulo 1

Uma grande tempestade. O bote é enviado para buscar água; o autor vai com ele para explorar o país. É deixado na praia, capturado por um dos nativos e levado à casa de um fazendeiro. Sua recepção, com os vários incidentes que ali aconteceram. Descrição dos habitantes.

Condenado, por meu temperamento e minha situação financeira, a uma vida ativa e sem descanso, dez meses depois do meu retorno, de novo deixei minha terra natal. Embarquei no dia 20 de junho de 1702 no *Aventura*, com destino à Índia. Tivemos vento muito favorável até chegarmos ao Cabo da Boa Esperança, onde desembarcamos para buscar água fresca. Como o capitão adoeceu, não pudemos deixar o cabo até o fim de março do ano seguinte.

Partimos, então, e fizemos boa viagem até passarmos pelo estreito de Madagáscar. Mas os ventos, comuns naqueles mares do início de dezembro ao começo de maio, começaram, no dia 19 de abril, a soprar com muito maior violência. Vinte dias se passaram da mesma maneira. De repente, o vento cessou, e houve a mais absoluta calma, que me trouxe não pequena alegria. No dia seguinte, porém, como nosso experiente capitão previra, uma violenta tempestade se abateu sobre o navio.

Era uma tempestade terrível; o mar se agitava, estranho e perigoso. Fomos arrastados, segundo meus cálculos, para cerca de quinhentas léguas para o leste. Assim, nem o marinheiro mais experiente a bordo não seria capaz de dizer em que parte do mundo estávamos. Nossas provisões eram razoáveis, nosso navio estava em bom estado, nossa tripulação estava bem, mas sofriamos da mais completa falta de água. Julgamos melhor manter o mesmo rumo.

No dia 16 de junho de 1703, avistamos terra. No dia 17,

tivemos a visão de uma grande ilha ou continente. Ancoramos a uma légua de uma enseada³⁷ que por ali havia. Nosso capitão enviou uma dezena de seus homens, bem armados, num bote, com recipientes para água, no caso de que se viesse a encontrá-la. Pedi permissão para ir com eles, pois assim poderia ver o país e fazer sabe-se lá quantas descobertas. Ao chegarmos em terra, não vimos rio ou fonte nem sinal algum dos habitantes. Nossos homens vagaram pela praia para encontrar alguma água fresca perto do mar; e eu caminhei sozinho cerca de uma milha do outro lado.

Comecei a me cansar daquilo e, não vendo nada para entreter minha curiosidade, dirigi-me, calmamente, para a enseada. De repente, com o mar diante dos meus olhos, vi nossos homens já no bote, remando desesperadamente rumo ao navio. Eu estava a ponto de gritar por eles, quando notei uma enorme criatura caminhando atrás deles no mar, tão rápido quanto podia. A água chegava no máximo a seus joelhos e seus passos eram incrivelmente largos. Mas nossos homens tinham a vantagem de meia légua e o mar, por ali, era repleto de rochas pontiagudas. Assim, o monstro não conseguiu alcançar o barco.

Corri tão rápido quanto podia pelo caminho que eu seguira antes; então, subi num monte íngreme, de onde pude avistar o país. Era completamente cultivado, mas o que me surpreendeu de início foi a altura incrível da relva.

Fui parar numa estrada, pois assim me pareceu, embora servisse aos habitantes apenas como atalho através de um campo de cevada. Cheguei em uma hora ao fim desse campo. Era cercado por árvores tão elevadas que não me era possível calcular-lhes a altura. Esforçava-me para sair dali, quando vi aproximar-se um dos habitantes, do mesmo tamanho daquele que perseguira nosso bote no mar. Parecia tão alto quanto a torre de uma igreja e avançava cerca de três jardas³⁸ a cada passo, segundo supus. Sentindo o maior medo e espanto, corri a me esconder em meio à cevada, de

³⁷*Enseada*: pequeno golfo (extensão de mar que penetra em terra)

³⁸*Jarda*: medida inglesa, correspondente a cerca de 91 centímetros (0,914 m.).

onde o vi olhar para o campo mais próximo e ouvi chamar com uma voz fortíssima. Mas o barulho vinha de tão alto, no ar, que de início pensei que se tratava de um trovão. Nisso, sete monstros como ele vieram em sua direção, com foices enormes nas mãos. Essas pessoas não estavam tão bem vestidas quanto a primeira, parecendo ser seus criados ou trabalhadores. Realmente, depois de ele ter dito algumas palavras, foram trabalhar no campo em que eu estava.

Mantive deles a maior distância que pude, mas me via forçado a mover-me com extrema dificuldade. Contudo, consegui avançar até chegar a uma parte do campo onde o grão fora derrubado pela chuva e pelo vento. Aqui, era-me impossível dar um passo à frente. Ouvia os trabalhadores aproximando-se de mim.

Totalmente desanimado pela fadiga e completamente vencido pela dor e desespero, deite-me entre dois sulcos. Do fundo do coração, desejei terminar ali os meus dias. Senti pena de minha pobre viúva e meus filhos órfãos de pai. Lamentei minha própria loucura e teimosia em tentar uma segunda viagem contra o conselho de todos os meus amigos e parentes. Se os seres humanos, segundo se observava, eram tanto mais selvagens e cruéis quanto maior o seu tamanho, o que eu devia esperar senão ser uma porção de comida na boca dos primeiros daqueles bárbaros enormes que viessem a me capturar? Sem dúvida, têm razão quem diz que nada é grande ou pequeno, senão por comparação. A sorte poderia fazer com que os liliputianos encontrassem alguma nação onde as pessoas fossem tão pequeninas com relação a eles quanto eles eram em relação a mim. E quem sabe se até mesmo essa raça prodigiosa de mortais não poderia ser igualmente superada, em alguma região remota do mundo que ainda não descobrimos?

Assustado e confuso como estava, não pude deixar de me entregar a essa reflexão. Mas, de repente, um dos ceifeiros³⁹ me fez rezear que, com seu próximo passo, eu fosse esmagado sob seu pé ou cortado em dois com sua foice. Por isso, quando ele estava para se deslocar novamente, gritei tão alto quanto o medo me levava a fazê-lo. Nisso, a imensa criatura de repente parou, olhou em volta

³⁹*Cefeiro*: trabalhador que usa a foice.

por algum tempo e, por fim, avistou-me. Por um momento, olhou-me com a cautela de quem tenta segurar um animalzinho perigoso de tal modo que ele não possa arranhar ou morder. Por fim, arriscou-se a pegar-me pelas costas, na altura da cintura, entre seu dedo indicador e o polegar, e levou-me para perto dos olhos, para me observar melhor.

Ergui os olhos em direção ao sol e uni as mãos numa atitude de suplicante, pronunciando algumas palavras num tom humilde, triste. De fato, temia a todo momento que me atirasse contra o solo, como normalmente fazemos com todo animalzinho odioso que pretendemos eliminar. Mas a minha boa estrela fez com que ele parecesse gostar da minha voz e gestos e comesse a me examinar como uma raridade qualquer. Maravilhava-se muito por me ouvir pronunciar palavras articuladas, embora não pudesse compreendê-las. Gemi e derramei lágrimas para dar a entender como a pressão dos seus dedos me machucava cruelmente. Pareceu compreender-me, pois, erguendo a aba do casaco, pôs-me delicadamente dentro dele e imediatamente correu ao encontro de seu patrão. Este, um rico fazendeiro, era a mesma pessoa que eu vira por primeiro no campo.

Tendo o fazendeiro ouvido de seu criado uma descrição de mim, tomou uma palhinha e com ela levantou as abas do meu casaco. Soprou meus cabelos para o lado para examinar melhor meu rosto. Então, colocou-me suavemente no chão, de quatro. Mas eu ergui-me imediatamente e andei vagarosamente para trás e para frente, para mostrar àquelas pessoas que eu não tinha intenção de fugir. Sentaram-se em círculo à minha volta, para observar melhor meus movimentos. Tirei o chapéu e fiz um cumprimento ao fazendeiro. Ajoelhei-me e ergui as mãos e os olhos e disse várias palavras tão alto quanto conseguia. Peguei uma bolsa com ouro e humildemente apresentei a ele. Tomou-a na palma da mão, colocou-a bem junto dos olhos para ver o que era. Depois, virou-a várias vezes com a ponta de um alfinete, sem saber do que se tratava. Então, fiz um sinal para que colocasse sua mão no chão, peguei a bolsa e, abrindo-a, espalhei todo o ouro na sua palma. Pareceu ignorar totalmente o que era aquilo. Fez-me sinal para que eu recolocasse as moedas de ouro na bolsa, e esta no meu bolso.

O fazendeiro, àquela altura, estava convencido de que eu devia ser uma criatura racional. Falou várias vezes comigo, mas o som de sua voz feria meus ouvidos. Respondi o mais alto que pude em várias línguas. Mas tudo em vão, pois um não conseguia entender o outro. Ele, então, mandou os criados de volta para o trabalho, e, pegando um lenço do bolso, dobrou-o e estendeu-o em sua mão. Colocou-a no solo, com a palma voltada para cima, fazendo-me sinal para subir nela. Achei que devia obedecer, e, com medo de cair, estendi-me ao comprido sobre o lenço. Ele cobriu-me até a cabeça e dessa maneira me transportou para sua casa. Ali, chamou a esposa e mostrou-me, mas ela gritou e fugiu correndo como as mulheres inglesas quando vêem um sapo ou uma aranha. Contudo, quando reparou no meu comportamento e como eu entendia os sinais que seu marido fazia, logo se reconciliou comigo. Pouco a pouco, foi tomando enorme afeição por mim.

Era cerca de meio-dia, e um criado trouxe o almoço. Não passava de um prato de carne, apropriado à sua modesta condição. Estavam ali o lavrador e a esposa, três filhos e uma avó idosa. Quando todos se sentaram, o lavrador colocou-me a certa distância dele, sobre a mesa. Eu estava terrivelmente assustado e me mantinha o mais longe possível da beirada, com medo de cair. A esposa picou um bocado de carne, então esmigalhou um tanto de pão e colocou diante de mim. Curvei-me longamente para lhe agradecer, peguei minha faca e meu garfo e me pus a comer. Isso lhes causou um prazer extraordinário. A patroa mandou a criada buscar um pequeno cálice e o encheu com bebida. Peguei-o com muita dificuldade, usando as duas mãos, e bebi à saúde da senhora. Todos riram com tanto gosto que eu quase fiquei surdo pelo barulho.

Então, o senhor da casa fez-me um sinal para que me aproximasse. Mas, enquanto eu caminhava em cima da mesa, aconteceu-me de tropeçar numa casca de pão e cair, sem me machucar, porém. Levantei-me imediatamente e com meu chapéu fiz sinais para dar a entender que nada sofrera com a queda. Mas avançando em direção ao meu senhor, seu filho menor, de uns dez anos, pegou-me pelas pernas e levantou-me no ar tão alto que eu tremi em todo meu corpo. Seu pai tomou-me dele e, ao mesmo

tempo, deu-lhe um tapa no ouvido esquerdo, ordenando que saísse da mesa. Mas tive medo de que o menino ficasse com raiva de mim. Lembrava-me muito bem de como todas as crianças, em nosso país, são cruéis com pardais, coelhos, gatinhos e filhotes de cães. Por isso, caí de joelhos e, apontando para o menino, dei a entender a meu senhor que pedia seu perdão para o filho. O pai concordou e o rapazinho voltou a se sentar. Fui até ele e lhe beijei a mão.

No meio do almoço, o gato predileto de minha senhora pulou para o seu colo. Ouvi atrás de mim um grande barulho. Voltando a cabeça, descobri que vinha do ronronar do animal. Parecia três vezes maior do que um boi. O aspecto feroz dessa criatura desconcertou-me completamente. Por sorte, eu estava bem longe dele e sua dona o segurava firme, temendo que o animal desse um salto e me prendesse com suas garras. Na verdade, não havia perigo algum, pois o gato não deu a mínima importância para mim. Haviam-me dito e é verdade: fugir ou mostrar medo diante de um animal feroz é a melhor maneira de fazê-lo perseguir-nos ou atacar-nos. Assim, decidi não demonstrar a menor preocupação. Caminhei valentemente cinco ou seis vezes diante da cabeça mesma do gato, chegando bem perto. Ele recuou, então, como se tivesse mais medo de mim.

Quando o almoço estava quase no fim, a ama entrou com uma criança de um ano nos braços. Assim que me viu, o menino começou a berrar e chorar como que me desejando por brinquedo. A mãe me pegou e deu a ele. O menino me agarrou pela cintura e pôs minha cabeça na sua boca. Mas eu gritei tão alto que o danadinho se assustou e me deixou cair. Teria eu quebrado o pescoço, se a mãe não tivesse estendido seu avental sob mim. A babá, para acalmar o bebê, usou um chocalho, mas em vão. Teve de recorrer ao último remédio: dar-lhe de mamar.

Quando terminou o almoço, meu senhor foi ao encontro de seus trabalhadores. Eu estava muito cansado e inclinado ao sono. Minha senhora percebeu-o, colocou-me em sua própria cama e cobriu-me com um lenço limpo, branco, maior que a vela de um navio.

Dormi umas duas horas e sonhei que estava em casa, com

minha esposa e filhos. Isso só agravou minha tristeza ao acordar e me encontrar num quarto e numa cama enormes. Minha senhora tinha voltado a seus afazeres domésticos, e trancara-me ali. Mas eis que dois ratos rastejaram até o alto da cortina e correram pela cama, farejando, de um lado para o outro! Um deles chegou quase ao meu rosto. Nisso, levantei-me assustado e saquei meu punhal do cinto, para me defender. Aqueles animais horrendos tiveram a audácia de me atacar dos dois lados, mas tive a boa sorte de estripar a barriga de um deles. O outro, vendo o triste fim de seu companheiro, fugiu, não sem receber um bom golpe nas costas, durante a fuga. Aquelas criaturas eram do tamanho de um grande mastim,⁴⁰ mas infinitamente mais ágeis e ferozes. Assim, se eu tivesse tirado meu cinto antes de ir dormir, teria sido estraçalhado e devorado.

O nojo não me permitiu tirar da cama o corpo do rato morto, que sangrava. Observei que ainda lhe restava um sopro de vida, Mas, com um golpe forte no pescoço, despachei-o de uma vez por todas.

Logo depois, minha senhora entrou no quarto. Vendo-me todo ensangüentado, correu e me tomou em sua mão. Apontei para o rato morto, sorrindo e fazendo outros sinais para mostrar que eu não estava ferido. Ela se alegrou enormemente, chamando a criada para pegar o rato morto e atirá-lo para fora da janela.

⁴⁰*Mastim*: raça de cão.

Capítulo 2

Descrição da filha do fazendeiro. O autor levado para uma cidade-mercado e, então, para a metrópole. Pormenores de sua jornada.

Minha senhora tinha uma filha de nove anos. Precoce, a menina era muito boa na agulha e habilidosa em vestir sua boneca. A mãe e ela tiveram a idéia de adaptar o berço da boneca para me servir de cama. O berço foi colocado na gavetinha de um armário, e esta numa prateleira suspensa, por medo dos ratos. Foi a minha cama durante todo o tempo em que permaneci com aquelas pessoas.

A menininha era tão habilidosa que era capaz de pôr e tirar-me a roupa. Fez-me sete camisas e mais alguma roupa branca do tecido mais fino que se podia obter. Ela era minha professora no ensino do idioma; quando eu apontava cada coisa, dizia-me o nome na sua língua. Em poucos dias, pude expressar tudo o que eu queria. Ela era bondosa e pequena para sua idade. Deu-me o nome de *Grildrig*, adotado pela família e, depois, por todo o reino. Significava “anãozinho”. Eu a chamava minha *Glumdalclitch*, ou “amazinha”. Seria culpado de grande ingratidão, se deixasse de mencionar seu cuidado e afeto para comigo.

Começou, então, a se saber e a se contar na vizinhança que meu senhor tinha encontrado um estranho animal no campo. Pequeno, mas com o formato de uma criatura humana, que ele imitava em todas as suas ações. Parecia falar numa linguazinha toda sua, mas já aprendera várias palavras da deles. Caminhava sobre duas pernas, era manso e gentil. Atendia quando chamado, fazia o que quer que lhe pedissem e tinha o corpo mais belo do mundo.

Um outro lavrador, que morava nas imediações e era muito amigo de meu senhor, veio visitá-lo para saber a verdade sobre aquela história. Fui imediatamente exibido e colocado em cima de

uma mesa. Caminhei, quando me mandaram, e fiz um cumprimento ao visitante. Perguntei-lhe em sua própria língua como ele ia e lhe disse que era bem-vindo. O homem, que era velho e míope, pôs seus óculos para observar-me melhor. Não pude deixar de rir a mais não poder, pois seus olhos pareciam a lua cheia brilhando num quarto com duas janelas. Ao descobria a causa do meu bom humor, os outros me acompanharam no riso; o velho foi tolo bastante para ficar irritado e desnordeado. Tinha fama de ser um grande unha-de-fome — e merecida. Aconselhou meu senhor a exhibir-me como atração num dia de mercado na cidade mais próxima. Adivinhei que havia alguma patifaria sendo tramada, quando notei meu senhor e seu amigo cochichando e, por vezes, apontando para mim.

Mas, na manhã seguinte, Glumdalclitch contou-me toda a história. A pobre menina colocou-me em seu colo e se pôs a chorar de vergonha e dor. Receava que algo de ruim me acontecesse: pessoas rudes poderiam esmagar-me ou quebrar um de meus membros ao pegar-me nas mãos. Lamentava a indignidade que seria para mim ser exibido, por dinheiro, como espetáculo público às pessoas mais vis. Disse que seu papai e sua mamãe tinham prometido que Grildrig seria dela. Agora, descobria que a pretendiam tratar como no ano anterior, quando disseram que lhe dariam um cordeiro, mas, assim que ele engordou, venderam-no ao açougueiro.

Meu senhor, seguindo o conselho do amigo, levou-me, numa caixa, no primeiro dia de mercado, à cidade. Trazia consigo sua filhinha. A caixa era fechada de todos os lados, com uma portinha para eu entrar e sair e uns poucos buracos para entrar o ar. A menina fora atenciosa ao ponto de pôr a colcha da cama de sua boneca para eu me deitar. Contudo, fui terrivelmente sacudido nessa jornada, pois o cavalo trotava tão alto que sua agitação parecia a de um navio numa grande tempestade.

Meu senhor parou numa hospedaria que costumava freqüentar. Ali, contratou alguém para anunciar por toda a cidade que uma estranha criatura podia ser vista na *Águia Verde*. Muito pequena, parecia-se com um ser humano, podia falar várias palavras e realizar uma centena de traquinagens divertidas. Fui

colocado em cima de uma mesa da hospedaria, e minha amazinha sentou-se bem perto para cuidar de mim e me dizer o que eu tinha de fazer. Meu senhor, para evitar uma multidão, só permitia trinta pessoas de cada vez para vir ver-me. Caminhava sobre a mesa quando a menina ordenava; ela me fazia perguntas que eu respondia o mais alto possível. Cumprimentava os presentes e lhes dava as boas-vindas e falava coisas que me haviam ensinado. Bebia à saúde das pessoas e me exibia manejando a adaga e uma lança improvisada.

Naquele dia, apresentei-me diante de doze grupos de pessoas e fui obrigado a repetir as mesmas peraltices até ficar meio morto de cansaço e vergonha. Os que tinham-me visto fizeram relatos tão maravilhosos, que o povo estava disposto a arrombar as portas para entrar. Bancos foram postos ao redor da mesa para colocar-me fora do alcance de todos. Contudo, um miserável estudante mirou minha cabeça com uma avelã, que por pouco não me atingiu. Veio com tanta violência, que teria na certa estourado meus miolos, pois era quase do tamanho de uma abóbora pequena. Mas tive o prazer de ver o jovem patife surrado e expulso da sala.

Fiquei tão cansado com minha primeira viagem e com a tarefa de entreter os outros por oito horas seguidas, que mal podia ficar em pé ou dizer palavra. Passaram pelo menos três dias até eu recobrar as forças. Para que eu não tivesse descanso, toda a vizinhança, num raio de cem milhas, ouvindo a meu respeito, veio ver-me na própria casa de meu senhor. Não deveriam ser menos de trinta homens, com suas esposas e filhos. Por algum tempo, só tive pequenas pausas de repouso durante a semana toda, com exceção da quarta-feira, que é o dia de descanso deles.

Meu senhor, descobrindo como eu podia dar lucros, decidiu levar-me às mais importantes cidades do reino. Tendo providenciado todo o necessário para uma longa jornada, despediu-se da esposa. No dia 17 de agosto de 1703, uns dois meses depois de minha chegada, partimos para a metrópole. Glumdalclitch ia na garupa do cavalo e me carregava em seu colo, dentro de uma caixa. Desejando poupar-me de longas jornadas, ela se queixava ao pai de que o trote do cavalo a deixara cansada, obrigando-o a parar. Com freqüência, tirava-me da caixa, atendendo a meu desejo, para eu

tomar ar, e me mostrava a região. Estivemos em viagem por dez semanas e eu fui exibido em dezoito grandes cidades, além de muitas aldeias, e para famílias, em particular.

No dia 26 de outubro, chegamos à metrópole, cujo nome significava “orgulho do universo”. Meu senhor hospedou-se na rua principal da cidade, não longe do palácio real. Afixou os cartazes de sempre, contendo uma descrição exata de minha pessoa e de meus talentos. Eu era exibido dez vezes por dia, para maravilha e satisfação de todo o povo. Eu agora era capaz de falar a língua razoavelmente bem e compreendia perfeitamente tudo o que me falavam. Além disso, Glumdalclitch ensinara-me a ler e escrever.

Capítulo 3

Mandam chamar o autor à corte. A rainha o compra e o dá de presente ao rei. Discute com os grandes eruditos de sua Majestade. Um aposento é providenciado ao autor. Defende a honra de seu país. Seus desentendimentos com o anão da rainha.

As canseiras freqüentes por que eu tinha de passar todo dia em umas poucas semanas alteraram bastante a minha saúde. Quanto mais meu senhor lucrava comigo, mais insaciável se tornava. Fiquei quase reduzido a um esqueleto. Um dia, um funcionário da corte veio ordenar a meu amo que me levasse até lá imediatamente, para divertir a rainha e suas damas.

Sua Majestade e seus servidores encantaram-se imensamente com os meus modos. Ajoelhei-me e pedi a honra de beijar-lhe o pé, mas a princesa estendeu seu dedo mínimo em minha direção, depois que me sentei em cima de uma mesa. Abracei-o e, com o maior respeito, beijei-lhe a ponta. Fez-me algumas perguntas sobre meu país e minhas viagens. Perguntou-me se ficaria contente em viver na corte. Respondi, humildemente:

— Sou um escravo do meu senhor, mas ficaria orgulhoso de dedicar minha vida a vosso serviço, se dependesse só de mim.

Perguntou, então, a meu senhor se queria vender-me por um bom preço. Ele, temendo, diante de minha saúde abalada, que eu não vivesse nem mais um mês, estava pronto para se ver livre de mim. Queria mil moedas de ouro.

Pedi, então, à rainha que Glumdalclitch, que me tratara sempre com tanto cuidado e afeto, fosse admitida em seu serviço e continuasse a ser minha ama e professora. Sua Majestade concordou. A pobre menina mal pôde esconder sua alegria. Meu ex-patrão se retirou, dizendo-me adeus e dizendo que me deixava em boas mãos. Respondi sem pronunciar uma palavra, apenas me curvando levemente, em cumprimento.

A rainha notou minha frieza e quis saber a razão. Respondi:

— Só devo a meu ex-patrão o fato de não me ter esmigalhado os miolos. E esse favor eu mais do que lhe paguei, já, com os lucros que ele teve exibindo-me e com o que recebeu por minha venda. A vida que eu vinha levando era tão cansativa que bastaria para matar um animal dez vezes mais forte do que eu! Arruinou a minha saúde. Se meu senhor não tivesse pensado que minha vida estava em perigo, Vossa Majestade não teria feito tão bom negócio.

A rainha se surpreendeu com tanto juízo e bom senso em tão diminuto animal. Pegou-me na mão e levou-me para o rei. Sua Majestade, príncipe de muita seriedade e austeridade, não prestando atenção em como eu era, perguntou com frieza à rainha:

— Desde quando você se afeiçoou a semelhante animalzinho?

A rainha, porém, colocou-me delicadamente sobre uma escrivaninha e mandou que eu lhe fizesse um relato sobre mim mesmo. Eu o fiz em poucas palavras, confirmadas por Glumdalclitch, que não tirava os olhos de mim.

O rei, ao observar com exatidão como eu era e me ver andar ereto, antes de eu começar a falar, pensou que eu fosse um mecanismo de relojoaria. Mas, quando ouviu minha voz e viu que o que eu expressava era lógico e racional, não pôde conter seu assombro.

Depois de me fazer várias perguntas, sua Majestade mandou chamar três grandes eruditos. Esses senhores, após me examinarem com muita atenção, tiveram opiniões diferentes a meu respeito. Todos concordaram que eu não podia ter sido criado segundo as leis da natureza, já que não era dotado da capacidade de preservar minha vida correndo, subindo em árvores ou cavando buracos na terra. Observaram meus dentes e concluíram que eu era um animal carnívoro. Mas, como a maioria dos quadrúpedes era bem maior do que eu, não conseguiam entender como eu seria capaz de sobreviver, a menos que me alimentasse de caracóis e outros insetos. Um deles parecia pensar que eu devia ser um embrião, um feto abortado... Não podiam conceber que eu fosse um anão, já que minha pequenez não tinha igual: o anão favorito da rainha, o menor do reino, tinha cerca de trinta pés de altura. Após muita

discussão, concluíram unanimemente que eu era uma “aberração da natureza”. É com essa expressão, inventada para resolver todas as dificuldades, que os sábios disfarçam sua ignorância...

Assegurei ao rei que vinha de um país com milhões de pessoas da minha estatura, onde os animais, plantas e casas eram todos proporcionais. Disse que era capaz de me defender e de me sustentar. Os eruditos responderam com um sorriso de desprezo, dizendo que o lavrador ensinara-me muito bem a lição.

O rei, depois de ouvir o lavrador, meu ex-patrão, começou a achar que minha história era verdadeira. Um aposento adequado foi providenciado, na corte, para Glumdalclitch. Era ela quem deveria tomar conta de mim. A rainha mandou que fizessem uma caixa para me servir de dormitório, com os móveis necessários. A meu pedido, o ferreiro fabricou uma fechadura para a porta, com o objetivo de impedir a entrada de ratos e camundongos. A rainha também ordenou que me fizessem roupas da seda mais fina possível.

Sua Majestade se afeiçãoou tanto à minha companhia, que não podia almoçar sem mim.

Eu tinha uma mesa colocada sobre aquela na qual sua Majestade comia, ao lado de seu cotovelo esquerdo. Glumdalclitch permanecia perto de minha mesa, para ajudar-me e tomar conta de mim. Eu tinha um conjunto completo de talheres e pratos. Em proporção aos da rainha, não eram muito maiores do que os que vira à venda para uma casinha de bonecas. Minha amazinha os guardava em seu bolso, numa caixa de prata, e ia me passando quando eu os pedia. Sua Majestade costumava pôr um pouco de carne em um de meus pratos; sua diversão era ver-me comer em miniatura. De fato, a rainha punha na boca, de cada vez, tanta comida quanto doze lavradores nossos podiam comer numa refeição. Só de ver isso, sentia náuseas. Lembro quando Glumdalclitch me levou, por curiosidade, para ver algumas mesas na corte, onde dez ou doze enormes facas e garfos eram erguidos ao mesmo tempo. Acho que jamais contemplara espetáculo tão terrível.

É costume que toda quarta-feira o rei e a rainha, com o séquito real, alcem juntos no aposento de sua Majestade. Nessas

ocasiões, minha cadeirinha e mesinha eram colocados à sua esquerda, diante de um de seus saleiros. Esse príncipe tomou gosto em conversar comigo e me perguntar sobre os costumes, religião, leis, governo e educação da Europa. Respondia como podia. Uma vez, depois de eu me ter estendido sobre meu amado país, ele comentou:

— Que coisa desprezível é a grandeza humana, que pode ser macaqueada por insetos tão diminutos como este aqui! E, no entanto, essas criaturas certamente têm seus títulos e suas honrarias. Constroem ninhos e esconderijos, que chamam casas e cidades. Julgam-se importantes. Amam, lutam, brigam, enganam e traem.

Fiquei vermelho por várias vezes, indignado por ver nosso país tratado com tal desprezo. Depois, comecei a pôr em dúvida se eu fora realmente ultrajado ou não. Afinal, depois de me acostumar com aquele povo, se eu, então, observasse um grupo de nobres ingleses, com suas roupas mais finas, empertigando-se, inclinándose e tagarelando, eu me veria fortemente tentado a rir deles como o rei e as pessoas importantes da corte riam de mim.

Nem, de fato, podia evitar zombar de mim mesmo, quando a rainha me colocava em sua mão diante de um espelho e nós dois aparecíamos juntos, de corpo inteiro. Não podia haver nada mais ridículo que a comparação.

Nada me enraivecia e me atormentava mais que o anão da rainha. Sendo o de mais baixa estatura naquele país, tornou-se insolente ao ver um ser muito menor que ele. Com freqüência, ao passar por mim, lançava uma ou duas piadinhas sobre a minha pequenez. Eu só podia me vingar chamando-o de irmão ou desafiando-o para um duelo. Um dia, no almoço, ficou tão irritado com algo que eu lhe dissera, que me pegou pela cintura e me jogou dentro de uma grande taça de creme. Fui salvo pela minha amazonha, que me tirou da taça depois que eu já tinha engolido mais de um quarto do creme. O anão foi chicoteado e obrigado a beber a taça de creme na qual tinha me jogado.

A rainha freqüentemente zombava de mim por causa dos meus receios e costumava perguntar-me:

— Por acaso o povo de seu país é tão covarde quanto você?

Tudo isso, por causa de meu medo das moscas. O reino ficava infestado delas no verão. Esses insetos odiosos não me davam sossego quando eu me sentava para almoçar, com seu contínuo zumbido em meus ouvidos. Às vezes, pousavam na minha comida e deixavam seu repugnante excremento ou seus ovos, visíveis para mim, mas não para os nativos. Às vezes, picavam-me dolorosamente. Dava duro para me defender desses animais detestáveis, e não podia evitar de estremecer quando se aproximavam do meu rosto. O anão costumava pegar um certo número desses insetos na mão e, de repente, soltá-los no meu nariz, de propósito, para me assustar e divertir a rainha. Minha única saída era fazê-los em pedaços com a minha faca, enquanto esvoaçavam.

Capítulo 4

Descreve-se o país. O palácio do rei e alguma informação sobre a metrópole. O modo de viajar do autor. Descreve-se o templo principal.

Pretendo apresentar, aqui, ao leitor uma breve descrição do país.

O reino é uma península,⁴¹ limitada a nordeste por uma cadeia de montanhas, com vulcões que tornam impossível transpô-las. Nos outros três lados, é cercado pelo oceano. Não há um porto sequer em todo o reino, e as condições da costa são tão adversas que nenhum barco poderia atrever-se a enfrentar o mar. Assim, o povo vive inteiramente à parte do resto do mundo. Mas seus grandes rios se enchem de embarcações e têm excelente peixe em abundância.

O país é bastante habitado, pois conta com cinquenta e uma cidades e um grande número de fortificações e aldeias.

O palácio do rei não é um edifício regular, mas um amontoado de prédios. Puseram à disposição de Glumdalclitch e de mim uma carruagem e, nela, a governanta freqüentemente a levava para ver a cidade ou passear entre as lojas. Eu sempre ia junto, transportado em minha caixa. A menina, a meu pedido, muitas vezes me tirava para fora e me segurava em sua mão, para que eu pudesse ver melhor as casas e as pessoas quando passávamos pelas ruas.

Além da caixa grande na qual eu era normalmente transportado, a rainha mandara fazer uma menor, mais apropriada a viagens. Era um quadrado perfeito, com janelas protegidas por grades de ferro, para evitar acidentes em longas jornadas. Nelas, quando estava cansado da carruagem, um criado que ia a cavalo

⁴¹*Península*: porção de terra cercada de água por três lados; o quarto lado se liga ao continente. A Itália, por exemplo, é uma península. A palavra, literalmente, significa “quase uma ilha” (como *penúltimo*: “quase o último”).

afivelava em volta da cintura a minha caixa e colocava-a sobre uma almofada à sua frente. Então, através das três janelas da caixa, eu tinha vista completa do país.

Desejava muito ver o templo principal da metrópole, e particularmente a torre que dele fazia parte, considerada a mais alta do reino. Assim, um dia minha ama levou-me para lá, mas devo dizer que voltei decepcionado, pois sua altura não ultrapassava três mil pés. Mas o que lhe falta em altura, sobra-lhe em beleza e solidez. As paredes são espessas e adornadas com estátuas dos deuses e dos imperadores, em mármore, de tamanho maior que o real.

A cozinha do rei é, realmente, um belo edifício. O grande forno é quase do tamanho de uma catedral. Mas se eu fosse descrever as grelhas, as incríveis panelas e caldeirões, os espetos de carne e tantos outros detalhes, dificilmente acreditariam em mim. Algum crítico mais severo poderia vir a pensar que eu exagerei um pouco, como com frequência se suspeita que os viajantes façam.

Sua Majestade raramente mantém mais de seiscentos cavalos em seus estábulos. Mas quando desfila nos dias solenes, é acompanhado por uma guarda montada em quinhentos cavalos. Achei que era esse o espetáculo mais esplêndido que se poderia imaginar, até que vi parte de seu exército em formação de batalha

Capítulo 5

Várias aventuras que aconteceram ao autor. O autor mostra sua habilidade na navegação.

Teria vivido bastante feliz naquele país, se minha pequenez não me tivesse exposto a vários acidentes ridículos e aborrecidos. Glumdalclitch freqüentemente me levava aos jardins da corte em minha caixa menor. De vez em quando, tirava-me para fora e me segurava em sua mão ou me punha no chão para que eu andasse. Lembro-me de que uma vez o anão nos acompanhou àqueles jardins. Quando estávamos junto a umas macieiras, fiz uma comparação boba entre ele e as árvores. Por isso, o malvado, só esperando uma oportunidade para se vingar, quando me viu sob uma delas, sacudiu-a bem em cima da minha cabeça. Uma dúzia de maçãs, grandes como barris, caíram perto dos meus ouvidos. Uma delas atingiu-me nas costas e me fez cair com a cara no chão. Mas foi só isso, e o anão foi perdoado, porque eu o provocara.

Em outro dia, Glumdalclitch me deixou sobre uma relva macia, enquanto caminhava a alguma distância com sua governanta. Nesse meio-tempo, de repente caiu uma violenta chuva de pedra. Sua força derrubou-me ao chão. O granizo me golpeou cruelmente por todo o corpo. As pedras pareciam bolas de tênis. A custo arrastei-me, de quatro, e fui me abrigar numa moita. Estava tão machucado que fiquei dez dias sem poder sair de casa.

Mas um incidente mais perigoso ocorreu-me naquele mesmo jardim. Minha amazinha, acreditando que me tinha posto num lugar seguro, foi para outra parte com sua governanta. Em sua ausência, um cãozinho branco, que pertencia a um dos jardineiros, apareceu no jardim. O cão, farejando, veio diretamente a mim e me pegou na boca. Depois, correu até seu dono, abanando o rabo, e me colocou delicadamente no chão. Por sorte, fora tão bem ensinado,

que fui transportado entre seus dentes sem sofrer um arranhão e sem ter minhas roupas rasgadas. O pobre do jardineiro, que me conhecia muito bem, ficou terrivelmente assustado. Colocou-me delicadamente em suas mãos e me perguntou como eu me sentia. Tão espantado e sem fôlego estava que não pude dizer uma palavra sequer. Em poucos minutos voltei a mim e ele me levou são e salvo para minha amazinha.

Esse incidente fez que Glumdalclitch decidisse jamais perder-me de vista dali por diante. Não posso dizer se sentia mais prazer ou dor ao notar que até os menores pássaros não pareciam ter medo nenhum de mim. Aproximavam-se saltitando, procurando minhocas e outros alimentos, com indiferença e segurança, como se não houvesse criatura alguma perto deles. Um dia, um tordo teve a ousadia de me arrancar da mão, com seu bico, um pedaço de bolo que Glumdalclitch acabara de me dar. Quando eu tentava agarrar um desses pássaros, vinham, destemidos, em minha direção. Depois, tentavam bicar-me os dedos e voltavam a saltitar despreocupados, a caçar minhocas ou caracóis.

As damas de honra convidavam freqüentemente Glumdalclitch aos seus aposentos e pediam que me trouxesse com ela. Quando usavam perfumes, ao chegar perto delas eu imediatamente desmaiava. Mas o que mais me encabulava, quando minha ama me levava para visitá-las, era ver como tiravam e punham a roupa na minha presença, como se eu nada contasse. Não era, nem de longe, um espetáculo tentador. Suas peles pareciam tão grosseiras e irregulares, tão variadamente coloridas quando as via de perto, com crateras enormes e pêlos mais grossos que barbantes!

Um dia, a rainha, que freqüentemente me ouvia falar de minhas viagens marítimas, perguntou-me se eu sabia manejar uma vela ou um remo:

— Um pouco de exercício de remo poderia fazer bem a sua saúde — disse ela.

— Entendo de ambos muito bem — respondi.

Mas não podia compreender como aquilo poderia ser feito no país deles, onde o barco menor era igual ao maior navio de guerra nosso. O bote que eu poderia manejar não resistiria a nenhum dos

rios dali.

— Se você tiver um barco em mente, meu marceneiro o construirá e eu providenciarei um local em que você possa navegar — disse Sua Majestade.

Seguindo minhas instruções, aquele trabalhador engenhoso terminou, em dez dias, um barco completo, capaz de abrigar oito dos nossos. A rainha ordenou ao marceneiro que fizesse uma tina larga e profunda, que foi colocada num aposento externo do palácio. Ali eu costumava remar com frequência, para minha diversão e a da rainha e suas damas, entretidas com minha habilidade e agilidade. Por vezes, içava a vela, e minha tarefa era apenas pilotar, enquanto as damas, com seus leques, proporcionavam-me o vento necessário. Quando se cansavam, alguns pajens sopravam minha vela, enquanto eu demonstrava minha arte dirigindo o barco de um lado para o outro, como me dava na telha. Quando terminava, Glumdalclitch pendurava o bote num prego para secar.

Uma vez passei por um incidente que quase me custou a vida. Um dos pajens pôs meu bote na tina e a governanta de Glumdalclitch ergueu-me para nele me colocar. Mas deslizei entre seus dedos e teria caído no chão de uma grande altura, se pelo mais feliz acaso do mundo, não tivesse me prendido num alfinete da senhora. A cabeça do alfinete passou entre minha camisa e o cinto das minhas calças. Assim, fiquei preso pela cintura, no ar, até que Glumdalclitch veio socorrer-me.

Numa outra ocasião, um dos criados, ao encher de água minha tina, não percebeu que um sapo imenso caiu de seu balde. O sapo permaneceu escondido até eu ser posto no meu barco. Então, vendo um lugar para descansar, subiu a ele. Isso o fez inclinar tanto de um lado, que eu tive de pôr todo o meu peso do outro, para que não virasse. Dentro do barco, o sapo saltou sobre a minha cabeça, para trás e para a frente, lambuzando meu rosto e minhas roupas com sua gosma nojenta. Seu tamanho fê-lo parecer o animal mais desfigurado que se possa imaginar. Com um de meus remos, obriguei-o a pular do barco.

Mas o maior perigo que tive de enfrentar naquele reino veio de uma macaca, que pertencia a um dos ajudantes de cozinha.

Glumdalclitch tinha me trancado em seu quarto, enquanto saía para fazer compras ou visitar alguém. Como estava muito quente, a janela do quarto fora deixada aberta. Enquanto estava sentado, sossegadamente meditando à mesa, ouvi algo saltar para dentro, pela janela do quarto, e pular de um lado para o outro. Embora muito alarmado, arrisquei-me a olhar para fora, sem me mover de onde estava. Vi, então, aquele animal travesso dar cambalhotas e saltar, até que, por fim, chegou até minha caixa. Pareceu observá-la com grande prazer e curiosidade, espiando para dentro da porta e de cada janela.

Retirei-me para o canto mais afastado de minha caixa. Mas a macaca, olhando em cada lado, deixou-me tão aterrorizado que não me passou pela cabeça esconder-me debaixo da cama, como poderia ter feito facilmente. Depois de algum tempo espiando, arreganhando os dentes e guinchando, finalmente me viu. Então, introduzindo uma de suas mãos pela porta, como um gato faz quando brinca com um rato, agarrou a aba do meu casaco e me arrastou para fora. Pegou-me com sua mão direita e segurou-me como uma ama faz com uma criança que ela vai amamentar. Quando quis resistir, apertou-me tão forte que achei mais prudente me submeter. Tenho boas razões para acreditar que ela me tomou por um filhote de sua espécie, já que afagava constantemente o meu rosto, com toda delicadeza, usando a outra pata. Nisso, foi interrompida por um barulho na porta do quarto, como se alguém a estivesse abrindo. Então, ela de repente saltou para fora da janela pela qual entrara, segurando-me ainda. Por fim, subiu a um telhado próximo do nosso.

Ouvi Glumdalclitch soltar um grito no momento em que a macaca me levava para fora. A pobre menina estava aturdida. Foi um alvoroço só. Os criados correram em busca de escadas. Centenas de pessoas da corte viram a macaca sentada no alto de um edifício, segurando-me como eu se eu fosse um bebê e colocando comida em minha boca. Dava-me palmadinhas leves quando eu não queria comer. Vendo isso, muita gente não conseguia conter o riso. Nem acho eu que podem ser criticados por isso: o espetáculo era bastante cômico para todos, exceto para mim mesmo. Alguns atiravam pedras, esperando fazer a macaca descer,

mas isso acabou sendo proibido, para que não me esmigalhassem a cabeça.

Escadas foram, finalmente, empregadas e por elas subiram vários homens. A macaca, observando aquilo e se vendo quase cercada, incapaz de correr velozmente carregando-me, deixou-me cair numa telha e fugiu. Um bom sujeito, criado da minha ama, subiu ao telhado e, colocando-me em um bolso das suas calças, trouxe-me para baixo são e salvo.

Com uma agulhazinha, minha ama retirou a porcaria que a macaca enfiara na minha garganta. Vomitei, o que deu grande alívio. Estava tão fraco e moído que tive de ficar de cama por quinze dias. O rei, a rainha e toda a corte mandavam perguntar sobre minha saúde. Sua Majestade fez-me várias visitas durante minha doença. Ordenou-se que nenhum animal desse tipo poderia ser criado nas imediações do palácio.

Quando fui ao rei após minha recuperação, para agradecer-lhe por seus favores, perguntou-me:

— Que lhe passou pela cabeça quando estava na mão da macaca? Que achou da comida que ela lhe deu? E o ar fresco do telhado não abriu seu apetite?

— Não temos macacos na Europa, Majestade (respondi), exceto os que são trazidos de outros lugares, por curiosidade. Mas esses são tão pequenos, que eu poderia dar conta de uma dúzia deles ao mesmo tempo, se ousassem me atacar. Quanto àquele animal monstruoso (era do tamanho de um elefante), se o medo não me tivesse impedido de pensar, teria usado minha adaga. Aplicar-lhe-ia um golpe tal, que ele ficaria contente em retirá-la com a mesma rapidez com que eu a coloquei.

Disse tudo isso num tom firme, como uma pessoa receosa de que ponham em dúvida sua coragem. Contudo, minha fala não provocou nada além de uma sonora gargalhada. Em minha volta à Inglaterra, vi a moral que se podia extrair do meu próprio comportamento. De fato, ali, qualquer traste desprezível, sem nenhuma qualidade ou merecimento, faz-se de importante e se julga ao nível das maiores personalidades do reino.

Todo dia, proporcionava à corte alguma história ridícula. Certa vez, Glumdalclitch, que não se sentia bem, foi levada por sua

governanta para tomar ar, a alguma distância da cidade. Apearam da carruagem perto de um pequeno atalho num campo. Saí de minha caixa de viagem para um passeio. Havia esterco de vaca no caminho e eu precisava de toda a minha agilidade para saltar sobre ele. Peguei impulso, mas, infelizmente, pulei menos longe do que devia e caí exatamente no meio do esterco, que me chegou até os joelhos. Um dos criados me limpou como pôde, com seu lenço, pois eu estava imundo. Minha ama confinou-me em minha caixa até voltarmos para casa. A rainha foi logo informada sobre o que tinha se passado, e os criados espalharam. Assim, por alguns dias, toda a corte se divertiu à minha custa.

Capítulo 6

Várias idéias do autor para agradar ao rei e à rainha. Mostra sua habilidade na música. O rei lhe pergunta sobre a situação da Europa. As observações do rei a respeito.

Eu costumava assistir, uma ou duas vezes por semana, ao momento em que o rei se levantava. Muitas vezes, vi-o nas mãos do barbeiro, o que era, de início, um espetáculo terrível de se contemplar. É que a navalha era quase duas vezes o tamanho de uma foice. Certa vez, convenci o barbeiro a me dar um pouco da espuma do creme de barbear e dela peguei quarenta ou cinquenta das raízes de cabelo mais fortes. Tomei, então, um pedaço de madeira e talhei-o como as costas de um pente. Fiz vários furos, a igual distância, com a menor agulha de Glumdalclitch. Fixei nele as raízes, produzindo um pente bem razoável. O meu se encontrava tão avariado nos dentes que já estava quase inutilizável.

E isso me recorda uma diversão em que gastei muitas de minhas horas de lazer. Pedi a uma criada da rainha que guardasse para mim fios de cabelo que ficavam no pente de sua Majestade. Pedi que me fizessem a armação de duas cadeiras e reforcei as costas e o assento com os fios mais fortes. Quando prontas, presenteei-as ao rei. Sua Majestade as guardou em seus aposentos. Costumava exibi-las como curiosidades. A rainha queria que eu sentasse nelas, mas eu me recusei terminantemente a obedecer-lhe:

— Preferiria morrer mil vezes a colocar uma certa parte do meu corpo sobre os cabelos preciosos que um dia enfeitaram a cabeça de sua Majestade! — disse eu.

Com esses cabelos, fiz também uma bolsinha, com o nome de sua Majestade gravado em letras douradas. Dei-a a Glumdalclitch, com o consentimento da rainha.

O rei, que gostava muito de música, promovia com freqüência

concertos na corte. Por vezes, eu era levado a eles, mas tão grande era o barulho que eu mal podia distinguir as melodias. Meu costume era remover minha caixa para o ponto mais longe possível dos lugares onde os músicos tocavam. Então, fechava portas e janelas e cerrava as cortinas. Só então começava a achar que a música deles não era desagradável.

Eu aprendera, na mocidade, a tocar um pouco a espineta.⁴² Glumdalclitch tinha, em seu quarto, um instrumento parecido com esse. Inventei de querer divertir o rei e a rainha com uma melodia inglesa tocada naquele instrumento. Mas isso parecia extremamente difícil, por causa de seu tamanho. Inventei o seguinte método. Preparei dois pedaços de pau e recobri-lhes a ponta maior com pele de rato, para não estragar as teclas ao bater com eles. Colocaram-me diante do instrumento, em cima de um banco. Eu corria sobre ele, de um lado e de outro, o mais rápido que podia. Ia golpeando as teclas certas com minhas duas baquetas. Mas foi este o exercício mais penoso que fiz na minha vida. Contudo, não podia bater em mais de dezesseis teclas nem tocar graves e agudas ao mesmo tempo, o que foi uma grande desvantagem para minha interpretação.

O rei, príncipe muito inteligente, com frequência ordenava que eu fosse levado em minha caixa e posto sobre a mesa de seu gabinete. Eu tinha, então, muitas conversas com ele. Um dia, pediu-me que lhe fizesse um relato sobre o governo da Inglaterra. Contei-lhe, com detalhes, como era o nosso sistema político e a administração da justiça. Não deixei de falar nem mesmo de nossos esportes e passatempos e de qualquer outro detalhe que, pensava, resultasse em honra para o meu país. Terminei com um breve relato de sua história nos últimos cem anos.

Essa conversa durou cinco audiências, cada uma delas de várias horas. O rei ouvia tudo com grande atenção, frequentemente tomando notas do que eu dizia. Finalmente, perguntou-me:⁴³

⁴²*Espineta*: instrumento musical parecido com o cravo.

⁴³Note como, nas objeções atribuídas ao rei, o autor critica duramente aspectos da política de seu próprio país, a Inglaterra, com sua famosa câmara dos lordes.

— Que métodos vocês usam para cultivar a mente e o corpo dos jovens nobres? Quais são os requisitos para se criarem novos ministros? Será que eles estão sempre livres de avareza, parcialidade ou necessidade a ponto de recusarem algum suborno? E as eleições? Será que um desconhecido, com uma bolsa bem cheia de dinheiro, não poderia influenciar o povo a votar nele? Por que é que as pessoas desejam tanto ser eleitas para a assembléia de seu país? Afinal, vão exercer um cargo que, supostamente, exige muito trabalho e sacrifício... E sem receber salário, como acontece com os lordes de seu país? Será possível encontrar tanta honestidade e espírito público? Será que esses cavalheiros tão abnegados não teriam em mente encher o bolso, sacrificando o bem público aos interesses de um governante fraco e desonesto, em combinação secreta com um ministério corrupto?

Crivou-me de outras perguntas e objeções que não julgo prudente ou conveniente repetir...

Sobre a nossa justiça, perguntou quanto tempo normalmente se gastava para distinguir entre o certo e o errado e quanto custava isso. Prosseguiu:

— Os advogados têm liberdade para defender causas que são claramente injustas? Um partido religioso ou político pode influenciar na justiça? Advogados e juízes participaram da redação das leis que eles interpretam como lhes dá na telha? Será que chegaram, em ocasiões diversas, a advogar a favor e contra a mesma causa? São ricos ou pobres?

Quanto às nossas finanças, perguntou:

— Você deve ter-se enganado, já que, segundo minhas notas, vocês gastam mais do que o dobro do que arrecadam em impostos! Não consigo entender como um reino pode gastar mais do que tem, como fazem certas pessoas. Como é que vocês pagam seus credores?

Quando me ouvir falar de nossas guerras, ficou espantado:

— Vocês devem ser um povo de brigões ou então vivem ao lado de péssimos vizinhos. Seus generais devem ser mais ricos do que os reis!

Entre as diversões da nobreza, eu havia mencionado o jogo. Quis Sua Majestade saber:

— A partir de que idade as pessoas se dedicam a esse passatempo? Quando o deixam de lado? Quanto tempo de sua vida dedicam a ele? Não se arruinam financeiramente com ele? Pessoas de mau caráter, através de sua habilidade nessa arte, não podiam ficar milionárias e tornar os nobres dependentes delas ou corrompê-los?

Ficou absolutamente atônito com o relato que fiz da história de nosso país no último século. Para ele, não passava de um amontoado de conspirações, rebeliões, assassinatos, massacres, revoluções, exílios. Em suma, os piores efeitos que poderiam produzir a avarizia, o sectarismo, a hipocrisia, a perfídia, a crueldade, o ódio, a loucura, a inveja, a luxúria, a maldade e a ambição.

Sua Majestade, em outra audiência, tomou-me em suas mãos e afagando-me suavemente, disse-me:

— Meu amiguinho Grildrig, você fez o mais admirável elogio de seu país. Provou claramente que ignorância, preguiça e vício são os ingredientes apropriados para um governante. Provou que as leis são melhor explicadas, interpretadas e aplicadas pelos que têm interesse em deturpá-las e fraudá-las. Não transparece do que você disse que alguma virtude seja exigida de quem deseja subir na vida. Muito menos que os homens sejam enobrecidos por suas qualidades ou os sacerdotes progridam por sua religiosidade ou saber. Nem os soldados sejam promovidos por sua conduta ou valor; os juízes, por sua integridade; os políticos, escolhidos pelo patriotismo ou pela sabedoria. Você, que gastou a maior parte da vida viajando, parece ter escapado aos vícios de seu país. Mas, pelo que entendi do que você me contou e das respostas que me deu, só posso tirar uma conclusão: *na grande maioria, seu povo é a mais perniciosa raça de odiosos insetinhos que a natureza algum dia permitiu que rastejassem sobre a face da terra!*

Capítulo 7

O amor do autor por seu país. Ele faz uma proposta ao rei, que é recusada. A grande ignorância do rei em política. Leis, assuntos militares e políticos de Brobdingnag.

Só o amor à verdade poderia ter-me levado a não suprimir essa parte da minha história. Minhas queixas sobre as críticas feitas a minha terra natal eram sempre ridicularizadas. Eu era obrigado a ficar calado, enquanto meu nobre e amado país era tão injuriosamente tratado. Devo dizer em meu favor que evitei responder muitas das perguntas do rei e procurei sempre dar uma visão mais otimista sobre cada ponto indagado. Escondi os pontos fracos e os defeitos da minha pátria e salientei sempre suas virtudes e belezas.

Acontece que aquele rei, que vivia totalmente à parte do resto do mundo, ignorava os costumes que prevaleciam na maioria das nações. Para confirmar como a visão daquele príncipe era limitada, passo a narrar algo que será difícil de crer. Um dia, falei-lhe de uma descoberta de cerca de quatrocentos anos atrás:

— Há um certo pó, Majestade, que, ao entrar em contato com a menor faísca, incendeia tudo num instante. Nem algo tão grande quanto uma montanha escapa. Tudo voa pelos ares, com um barulho maior que o do trovão. Uma quantidade apropriada desse pó, socada para dentro de um tubo oco de bronze ou ferro, lança uma bola de ferro ou chumbo com tanta violência e velocidade que nada é capaz de conter sua força. As maiores balas destroem não apenas fileiras inteiras de um exército, mas põem no chão os mais fortes muros. Também afundam navios com mil homens. Frequentemente colocamos esse pó em grandes bolas de ferro e as atiramos, por meio de uma máquina, em alguma cidade que estamos sitiando. Isso destrói ruas, faz casas em pedaços e lança estilhaços por toda parte, esmigalhando os miolos de quem está por

perto. Eu sei muito bem como produzir esse pó, Majestade, e construir os tubos de que lhe falei. Com eles, Vossa Majestade poderia pôr abaixo, em algumas horas, os muros da cidade mais fortificada do reino. Poderia, também, destruir a metrópole toda, se ela pusesse em questão vossas ordens soberanas. Essa foi a minha humilde oferta a sua Majestade, como pequeno reconhecimento pelos favores a mim concedidos.

O rei ficou abalado de horror diante da descrição que eu dera daqueles engenhos terríveis e da proposta que eu fizera:

— Espanto-me ao ver como um inseto tão impotente e insignificante como você pode ter idéias tão desumanas. Pareceu não se comover com as cenas de sangue e destruição que pintou como sendo os efeitos dessas máquinas destrutivas! Deve ter sido um gênio mau, inimigo da humanidade, o primeiro homem que teve essa idéia. Nunca mais me volte a tocar no assunto, se dá valor à sua vida!

De outra feita, aconteceu de eu dizer ao rei que havia vários milhares de livros, entre nós, sobre a “arte de governar”. Isso lhe deu uma opinião nada boa a nosso respeito. Disse:

— Abomino e desprezo tudo quanto é tipo de intriga e conchavo num príncipe ou num ministro. A arte de governar tem a ver com bom senso e razão, justiça e clemência e rapidez nos processos judiciais. Na minha opinião, quem quer que possa fazer crescer duas espigas de trigo num pedaço de terra onde só antes crescia uma, merece mais reconhecimento da parte da humanidade que toda a raça dos políticos reunida.

Neste país as leis são redigidas de forma breve e nos termos mais objetivos e simples. Não são capazes de descobrir mais de uma interpretação para elas. Quanto aos processos judiciais, têm sido tão poucos que essa gente não pode se gabar de serem particularmente versados neles.

Conhecem a arte da imprensa. Escrevem de forma clara, vigorosa, sem adornos. Evitam, acima de tudo, multiplicar palavras desnecessárias ou usar expressões muito diferentes das do dia-a-dia.

Quanto aos assuntos militares, gabam-se de que o exército real consiste de cento e setenta e seis mil soldados a pé e trinta e dois

mil a cavalo. É constituído por comerciantes e lavradores, cujos comandantes pertencem à nobreza. Não recebem pagamento ou recompensa. São perfeitos em seu treinamento e muito disciplinados.

Uma vez vi o exército se exercitar num grande campo perto da cidade. Havia, além dos soldados a pé, uns seis mil homens a cavalo. Vi essa cavalaria toda, obedecendo a um comando, sacar suas espadas ao mesmo tempo e agitá-las no ar. A imaginação é incapaz de conceber algo tão grandioso, tão surpreendente e tão espantoso. Parecia que dez mil relâmpagos cruzavam cada canto do céu ao mesmo tempo.

Fiquei curioso para saber como o príncipe chegara a pensar em exércitos. Afinal, não havia acesso possível de outros países para o seu reino. Acabei descobrindo que, com o correr do tempo, tinham sido contaminados pela mesma doença a que toda a humanidade está sujeita. De fato, a nobreza freqüentemente lutava pelo poder; o povo, pela liberdade; e o rei, pelo domínio absoluto. Assim, houve guerras civis entre eles. A última foi sufocada pelo avô desse príncipe, que acabou criando, então, o exército, com o consentimento de todos.

Capítulo 8

*O rei e a rainha fazem um passeio até as fronteiras.
O autor vai junto com eles. O modo como deixa o país.
Retorna à Inglaterra.*

Tinha sempre a forte sensação de que um dia recuperaria minha liberdade. Mas não podia imaginar de que modo ou conceber algum plano com a menor esperança de ter sucesso. O navio em que eu viajara foi o primeiro a aparecer por ali, e o rei dera ordens severas:

— Se um outro navio aparecer, deverá ser levado para terra. Toda a sua tripulação e seus passageiros devem ser trazidos para a metrópole!

O rei desejava muito me dar uma esposa de meu próprio tamanho, com quem eu propagaria a espécie. Mas eu preferiria morrer a deixar filhos que seriam mantidos em gaiolas como canários! Era indigno do ser humano viver daquela maneira. Além disso, não podia esquecer jamais as pessoas queridas que deixara para trás. Queria estar entre pessoas com as quais pudesse conversar de igual para igual e andar pelas ruas e campos sem medo de ser esmagado como um sapo ou um cachorrinho.

Eu já estava há dois anos naquele país. No início do terceiro, Glumdalclitch e eu acompanhamos o rei e a rainha numa viagem à costa sul do reino. Fui transportado, como sempre, na minha caixa. Quando chegamos ao fim de nossa jornada, o rei houve por bem passar alguns dias num palácio que ele possuía perto do litoral. Glumdalclitch e eu estávamos muito cansados. Eu pegara um resfriado, mas a pobre menina estava tão mal que teve de ficar de cama. Eu ansiava por ver o oceano, certamente o único palco para uma eventual fuga. Fingi estar pior do que realmente estava e pedi que me deixassem tomar o ar fresco do mar.

Nunca esquecerei com que relutância Glumdalclitch consentiu. A menina encarregou expressamente o pagem que me

acompanharia de tomar conta de mim e se pôs a chorar um rio de lágrimas. Parecia pressentir o que estava para acontecer. O menino me levou, em minha caixa, para os rochedos do mar. Ordenei-lhe que me pusesse no chão e, olhando por uma das janelas, lancei olhares melancólicos para o mar. Não me sentia muito bem e disse ao pagem que tiraria uma soneca na minha caixa. Logo caí no sono. Imagino que, enquanto dormia, o pagem foi aos rochedos para procurar ovos de pássaros. Seja como for, de repente vi-me acordado por um violento puxão do anel preso ao alto da minha caixa para tornar mais cômodo o transporte. Senti a caixa ser erguida bem alto no ar e, então, transportada com incrível velocidade. Gritei por várias vezes, o mais alto que pude, mas tudo em vão. Olhei pelas janelas e não pude ver nada além de nuvens e céu. Ouvi um barulho bem acima da minha cabeça, parecido com o bater de asas. Foi então que comecei a perceber a terrível situação em que estava. Alguma águia tinha pegado em seu bico o anel da caixa, com a intenção de deixá-la cair numa rocha, como uma tartaruga em sua casca. Então, haveria de agarrar meu corpo e devorá-lo.

Pouco tempo depois, observei que o ruído e o bater de asas aumentavam muito rapidamente e que minha caixa era sacudida para cima e para baixo. Ouvi várias pancadas, que me pareceram dadas na suposta águia. De repente, senti que caía perpendicularmente, por mais de um minuto, mas com tanta rapidez, que quase perdi o fôlego. Minha queda foi interrompida por um choque terrível, que me soou mais alto que as cataratas do Niágara. Fiquei na escuridão por mais um minuto. Depois, minha caixa começou a subir tanto que pude ver luz do alto das minhas janelas. Agora percebia que tinha caído no mar. Supus que a águia que voava com minha caixa fora perseguida por duas ou três outras e obrigada a me soltar enquanto se defendia.

Quantas vezes, então, não desejei estar com a minha querida Glumdalclitch, de quem estava longe há somente uma hora! No meio de minha própria desgraça, não pude deixar de lamentar minha pobre ama. Imaginava o sofrimento que ela sentiria com minha perda, o descontentamento da rainha e o fim de sua boa-sorte. Esperava ver a qualquer momento minha caixa ser

despedaçada ou virada pelo primeiro vendaval ou por uma onda revolta.⁴⁴ Que se quebrasse uma única vidraça das janelas, e seria morte imediata! Via a água se infiltrar por várias fendas e me esforçava por vedá-las o melhor que podia. Se escapasse dos perigos daquela situação por um dia ou dois, que podia esperar senão uma terrível morte de frio e de fome? Fiquei quatro horas assim, esperando e até mesmo desejando que cada momento fosse o meu último.

Havia duas argolas fortes do lado de minha caixa. Nelas, o criado que costumava me transportar a cavalo passava seu cinto, que era depois afivelado à sua cintura. De repente, ouvi (ou julguei ter ouvido) um ruído do lado da caixa onde estavam fixadas as argolas. Logo depois, imaginei que a caixa estivesse sendo puxada ou rebocada pelo mar. De fato, de quando em quando sentia uma espécie de puxão, que fazia as ondas se erguerem até quase cobrir minhas janelas, por pouco não me deixando no escuro.

No espaço de uma hora, ou mais, o lado da caixa onde estavam as argolas bateu em algo que era duro. Receei que fosse uma rocha e me vi mais sacudido que nunca. Ouvi distintamente um barulho parecido com o de um cabo e seu rangido ao passar pela argola. Eu, então, me vi erguido pouco a pouco. Nisso, levantei minha bengala, com um lenço amarrado na ponta, e gritei por socorro até quase ficar rouco. Em resposta, ouvi um grande grito repetido três vezes, que me encheu de alegria. Eu, agora, ouvia passos sobre minha cabeça e alguém gritando:

— Se há alguém aí embaixo, fale!

— Sou um inglês, arrastado pela má sorte à maior das desgraças que alguma criatura já sofreu. Mas suplico, por tudo o que lhe é sagrado: liberte-me desta masmorra!

— Você está a salvo — replicou a voz. Sua caixa foi amarrada ao navio. O carpinteiro deve vir logo e vai serrar um buraco na tampa, grande bastante para você poder sair daí.

— Não é preciso. E isso levaria tempo demais. Basta que um dos tripulantes ponha seu dedo na argola e remova a caixa do mar para o navio e, daí, para a cabine do capitão.

⁴⁴*Revolto*: agitado.

Alguns deles, ouvindo-me falar tão absurdamente, pensaram que eu estivesse louco. Outros riram. De fato, não me entrara na cabeça ainda que eu estava, agora, entre pessoas de minha própria estatura e força. O carpinteiro chegou e em poucos minutos serrou uma passagem pela qual desceu uma escadinha. Subi por ela e fui levado ao navio num estado de grande fraqueza.

Os marinheiros ficaram, todos, espantados e fizeram-me mil perguntas. Não desejava responder. Sentia-me confuso diante da visão de tantos pigmeus, pois por tais os tomei. É que meus olhos tinham-se acostumado, por muito tempo, aos objetos monstruosos deixados para trás. O capitão, porém, vendo que eu estava prestes a desmaiar, levou-me a sua cabine. Ali, deu-me uma bebida para me reanimar e me fez deitar em sua própria cama.

Dormi algumas horas, mas continuamente perturbado por sonhos sobre o lugar que eu deixara e os perigos de que escapara. Contudo, ao despertar me senti muito melhor. Eram umas oito da noite, e o capitão ordenou que trouxessem a ceia imediatamente. Achava que eu tinha ficado tempo demais sem comer. Tratou-me com grande gentileza e pediu-me um relato de minhas viagens:

— Como é que você foi parar naquela arca de madeira monstruosa? Diga-me, com toda franqueza: será que você não está com a mente perturbada pelo remorso de algum crime monstruoso? Não foi para puni-lo que algum príncipe ordenou que você fosse encerrado naquela caixa? Minhas suspeitas aumentaram ao ouvir umas palavras sem nexos que você disse, primeiramente, aos marinheiros e, depois, a mim mesmo. Sem contar seus olhares estranhos e seu comportamento durante a ceia.

Supliquei sua paciência para ouvir-me contar minha história. Narrei-lhe tudo o que acontecera desde que deixara a Inglaterra pela última vez até o momento em que me descobrira. Esse ótimo cavalheiro, que tinha algum conhecimento e muito bom senso, imediatamente se convenceu da minha sinceridade e veracidade. Mas, desejando confirmar o que dissera, pedi-lhe:

— Ordene que tragam minha escrivania.

Abri-a em sua presença e mostrei-lhe minha pequena coleção de raridades. Ali estava o pente que eu fabricara com os pêlos da barba do rei. Mais uma coleção de agulhas e alfinetes, quatro

ferrões de abelhas, fios de cabelos da rainha, um anel de ouro que um dia ela me presenteara. Pedi que o capitão aceitasse o anel em recompensa por suas gentilezas. Recusou tachativamente. Mostrei-lhe, depois, um calo que eu mesmo cortara do pé de uma dama de honra. Por fim, pedi que visse os calções que eu vestia, feitos da pele de um rato.

Vi que ele observava com grande curiosidade o dente de um criado. Só isso consegui fazer com que aceitasse. Agradeceu-me muito. Um dentista inábil, chamado para curar uma dor de dente de um dos criados de Glumdalclitch, arrancara-o por engano. Estava em perfeito estado. Eu o mandara limpar e o guardara em minha escrivaninha.

— Espero que você, ao voltarmos para a Inglaterra, conte a sua história por escrito e a publique — disse o capitão.

— Mas já estamos tão abarrotados de livros de viagens, cheios de histórias extraordinárias! Chego a pensar que alguns escritores estão menos preocupados com a verdade do que com sua própria vaidade. Ou, então, desejam entreter leitores ignorantes. Minha história praticamente se resume a acontecimentos comuns. Contudo, prometo pensar no assunto.

Fizemos uma ótima viagem. O capitão parou em um ou dois portos, enviando homens para buscar água. Mas eu jamais deixei o navio até chegarmos à Inglaterra. Propus ao capitão deixar com ele meus bens em paga do que fizera por mim, mas não aceitou receber um centavo. Despedimo-nos muito amigavelmente e eu o fiz prometer que viria visitar-me em minha casa.

Na estrada, observando a pequenez das casas, das árvores, do gado e das pessoas, comecei a pensar que estava em Lilipute. Tinha medo de pisar em cada viajante que encontrava. Muitas vezes gritei para que saíssem do caminho.

Quando cheguei a minha própria casa, um dos criados abriu a porta e eu me abaixei para entrar, com medo de bater a cabeça. Minha esposa correu para me abraçar, mas eu me agachei abaixo dos seus joelhos, achando que, se não fizesse isso, ela não conseguiria alcançar minha boca. Todos me pareciam pigmeus e eu, um gigante. Disse a minha esposa que ela tinha economizado demais, pois via que ela e sua filha tinham passado fome até

ficarem reduzidas àquele nada. Em suma, comportei-me tão absurdamente que concluíram ter eu perdido o juízo.

Em pouco tempo, eu, minha família e meus amigos voltamos a nos entender bem. Minha esposa, contudo, disse que eu não deveria voltar ao mar outra vez. Contudo, meu destino infeliz dispusera as coisas de tal modo, que ela não poderia impedir-me disso.

Parte III

UMA VIAGEM A LAPUTA,
BALNIBARBI, LUGGNAGG,
GLUBBDUBDRIB E JAPÃO

Capítulo 1

O autor parte em sua terceira viagem. É capturado por piratas. A maldade de um holandês. Sua chegada a uma ilha. É recebido em Laputa.

Não fazia nem dez dias que eu estava em casa, quando recebi a visita do capitão do *Hopewell*. Eu tinha sido, outrora, médico de um outro navio comandado por ele. Tratara-me sempre mais como um irmão do que como um subordinado. Repetiu suas visitas com freqüência, expressando sua alegria por me encontrar em boa saúde. Um dia, disse que pretendia fazer uma viagem à Índia dali a dois meses e me convidou para ser um dos médicos do navio. Ganharia o dobro do salário normal. Além disso, conhecendo minha experiência, seguiria meus conselhos como se eu dividisse o comando com ele.

Partimos no dia 5 de agosto de 1706 e chegamos ao Forte São Jorge em 11 de abril de 1707, onde permanecemos por três semanas. Dali fomos para Tonquin,⁴⁵ onde o capitão decidiu ficar algum tempo. É que muitas das mercadorias que ele pretendia comprar ainda não estavam prontas. Enquanto aguardava, comprou um outro navio e carregou-o com mercadorias que os tonquineses geralmente comerciavam com as ilhas vizinhas. Colocou quatorze homens a bordo, sob meu comando, encarregando-me de negociar enquanto ele cuidava de seus negócios.

Não chegamos a navegar mais de três dias quando surgiu uma grande tempestade. Durante cinco dias, fomos levados para nordeste e, então, para leste. Depois disso, tivemos tempo bom. No décimo dia, fomos perseguidos por dois navios-piratas. Logo nos alcançaram, pois meu navio estava tão carregado que navegava muito lentamente. E nem estávamos em condições de nos defender.

Fomos abordados quase ao mesmo tempo pelos dois líderes

⁴⁵*Tonquin*: região no norte do atual Vietnã.

dos piratas. Encontraram-nos deitados com o rosto voltado para o chão, como eu ordenara. Amarraram-nos com cordas fortes e, deixando-nos sob vigia, foram revistar o navio. Observei entre eles um holandês, que parecia ter alguma influência sobre os outros. Garantiu que seríamos amarrados uns aos outros e jogados no mar. Eu falava holandês razoavelmente bem; disse-lhe quem éramos e supliquei: — Somos cristãos, de países vizinhos. Faça com que os comandantes tenham alguma piedade de nós!

Isso mais acendeu seu ódio e o levou a repetir suas ameaças.

O maior dos dois navios-piratas era comandado por um capitão japonês, que falava um pouco de holandês. Veio a mim e, depois de várias perguntas, disse que não morreríamos. O holandês tentou em vão convencer os capitães a me jogarem no mar. Consegui, porém, que me dessem um castigo pior do que a própria morte. Meus homens foram distribuídos entre os dois navios. Mas eu vagaria pelo mar numa canoa pequena, com alimento para quatro dias. Baixei à canoa, enquanto o holandês lançava contra mim tudo quanto é praga e palavrão.

Quando estava a alguma distância dos piratas, avistei, com minha luneta de bolso, várias ilhas. Alcancei a mais próxima em cerca de três horas. Era toda rochosa. Todavia, consegui muitos ovos de aves. Fazendo fogo, assei-os. Não comi mais nada, decidido a economizar minhas provisões o mais que podia. Passei a noite ao abrigo de uma rocha e dormi muito bem.

No dia seguinte, naveguei para uma outra ilha, e daí para uma terceira, e para uma quarta. No quinto dia, cheguei à última ilha ao alcance dos meus olhos. Descobri que era toda rochosa, com alguns intervalos de relva e ervas de perfume suave. Tirei do navio minhas provisões, alimentei-me e guardei o que sobrou numa caverna. Recolhi grande número de ovos sobre as rochas e pretendia assá-los no dia seguinte. Permaneci toda a noite na caverna. Dormi muito pouco, pois as inquietações de minha mente foram mais fortes que meu cansaço — e me fizeram ficar acordado. Pensava em como era impossível preservar minha vida num lugar tão desolado e em como haveria de ser infeliz o meu fim.

No dia seguinte, ao sair da caverna, caminhei um pouco entre

as rochas. O céu estava totalmente claro, e o sol tão quente que eu tinha de desviar meu rosto dele. De repente, escureceu, de um modo muito diferente do que acontece quando uma nuvem cobre o sol. Virei-me para trás e vi um grande corpo entre mim e o sol, movendo-se em direção à ilha. Quando se aproximou do lugar em que eu estava, pareceu ser uma substância firme, com um fundo plano, liso e brilhando muito intensamente.

Vi esse corpo enorme descer quase até ficar paralelo comigo, a menos de uma milha de distância. Peguei minha luneta e pude distinguir claramente um grande número de pessoas se movendo para cima e para baixo. Mas não consegui ver o que elas estavam fazendo.

O amor natural pela vida fez-me sentir alguma alegria. Tive esperança de que me livraria daquele lugar desolado e das condições em que estava. Mas, ao mesmo tempo, enorme era meu espanto ao ver uma ilha no ar. Era habitada por homens capazes de erguê-la, abaixá-la ou dar-lhe um movimento para a frente, como desejassem.

Logo ela avançou para mais perto, e eu pude ver seus lados, circundados de galerias e escadas. Na galeria mais baixa, vi algumas pessoas pescando e outras observando. Agitei meu gorro e meu lenço em direção à ilha. Ao chegar ela mais perto, chamei e gritei com a voz mais forte que podia. Então, observando mais atentamente, notei uma multidão reunida do lado que estava mais à minha vista. Vendo aquelas pessoas apontarem para mim e uns para os outros, percebi que me haviam descoberto. Pude ver quatro ou cinco homens correndo muito apressados para as escadas que levavam ao topo da ilha, que, então, desapareceram. Imaginei, corretamente, que tinham ido procurar alguma autoridade para receber ordens sobre o que fazer naquela situação.

O número de pessoas aumentou muito em pouco tempo. Assumi, então, a postura do mais submisso dos suplicantes. Falei-lhes com toda humildade, sem receber resposta. As pessoas que estavam mais próximas de mim pareciam-me importantes, como supus por suas roupas. Conversavam entre si, olhando-me com freqüência. Finalmente, um deles se dirigiu a mim numa língua semelhante, no som, ao italiano. Respondi nesta língua, mas um

não compreendeu o outro. Todavia, o sentido do que eu dissera foi facilmente compreendido, pois as pessoas viam o triste estado em que me encontrava.

Fizeram sinais para que eu descesse da rocha e me dirigisse à praia. Assim o fiz. A ilha voadora, erguida a uma altura conveniente, ficou com um dos lados acima de mim. Desceram um assento, preso a uma corrente, da galeria mais baixa. Sentei nele e me puxaram para cima.

Capítulo 2

*Descrição do caráter dos habitantes de Laputa.
Informações sobre sua ciência. O rei e sua corte. A
recepção do autor. Medos e inquietações dos habitantes.
Informações sobre as mulheres.*

Ao descer, fui cercado por uma multidão. Observavam-me com espanto. Nem eu lhes fiquei atrás, pois jamais vira uma raça de homens tão diferente. A cabeça deles era inclinada ou para a direita, ou para a esquerda. Um de seus olhos era virado para dentro, e o outro para o ponto mais alto do céu. Seus trajes eram adornados de imagens de sóis, luas e estrelas, misturados com instrumentos musicais.

Observei, aqui e ali, muitos vestidos de criados, com uma bexiga amarrada na ponta de um pedaço de pau, que eles carregavam nas mãos. Em cada bexiga havia uma pequena quantidade de ervilhas secas ou pedrinhas. Com essas bexigas, eles batiam, de quando em quando, na boca e nos ouvidos dos que estavam perto deles. Não conseguia entender o significado daquilo tudo. Parece que as mentes dessas pessoas estão a tal ponto mergulhadas em suas investigações profundas que elas não podem falar ou prestar atenção na fala dos outros se não forem despertadas por um toque em sua boca ou ouvidos. Por isso, os distraídos que podem se dar a esse luxo sempre levam consigo um criado. Quando duas ou mais pessoas estão reunidas, a função desse empregado é bater suavemente com sua bexiga na boca do que está para falar e na orelha direita da pessoa à qual o falante se dirige.

Uma outra tarefa sua é acompanhar o patrão em seus passeios e, conforme a ocasião, dar-lhe uma batida suave nos olhos. É que ele está sempre tão envolvido em seus pensamentos que corre realmente o risco de cair em todos os precipícios e de bater a cabeça em todos os postes. Nas ruas, pode empurrar os outros ou ser ele mesmo empurrado para a sarjeta.

Isso explica o comportamento dessas pessoas enquanto me conduziam escada acima. Quando subíamos para o palácio real, esqueciam-se, por várias vezes, do que estavam fazendo ali e me abandonavam. Então, sua memória era reavivada pelos criados.

Por fim, entramos no palácio. Vi o rei sentado em seu trono, cercado por pessoas da nobreza. Diante do trono, havia uma grande mesa cheia de globos, esferas e instrumentos matemáticos de todo tipo. Sua Majestade não notou nossa presença, embora nossa entrada não tenha sido nada silenciosa. É que o rei estava absorto num problema de matemática. Nós tivemos de esperar uma hora, pelo menos, até ele ser capaz de resolvê-lo. Ao lado dele, estavam dois pagens, com abanos nas mãos. Quando viram que ele estava sem fazer nada, um deles lhe bateu suavemente na boca e o outro em seu ouvido direito. Com isso, estremeceu como quem acorda de repente e, olhando para mim e meus acompanhantes, lembrou o motivo de nossa vinda. Falou algumas palavras. Nisso, imediatamente um jovem, com um abano, veio para o meu lado e me tocou suavemente o ouvido direito. Fiz sinais para dar a entender que não precisava daquele instrumento. Isso deu a Sua Majestade e a toda a corte uma opinião muito ruim a respeito da minha inteligência.

O rei, segundo entendi, fez-me várias perguntas e eu me dirigi a ele em todas as línguas que dominava. Quando ficou claro que um não podia entender o outro, ordenou que me levassem para um aposento do palácio. Ali indicaram-se dois criados para me servir. Trouxeram meu almoço, e quatro pessoas da nobreza me fizeram a honra de almoçar comigo. Toda a comida tinha a forma de figuras geométricas ou de instrumentos musicais. Primeiramente, um pedaço de carneiro cortado como um triângulo equilátero;⁴⁶ bifês de carne de vaca em forma de quadrilátero; um pudim perfeitamente circular. Depois, dois patos em forma de violino; salsichas e pudins que lembravam flautas e oboés; e um peito de vitela no formato de uma harpa. Os criados cortavam nosso pão por meio de cones, cilindros, paralelogramas e várias outras figuras matemáticas.

⁴⁶*Equilátero*: que tem lados de mesmo tamanho.

Depois do almoço, meus acompanhantes se retiraram e foi-me enviada uma pessoa, por ordem do rei, para me ensinar a língua. Em poucos dias, com a ajuda da minha memória muito boa, pude ter alguma compreensão dela. O nome do país, “Laputa”, parece significar “ilha voadora”.

As pessoas às quais o rei me confiara, notaram como eu me vestia mal. Assim, mandaram que um alfaiate viesse na manhã seguinte para tomar as minhas medidas. Iria me fazer um traje completo. O alfaiate procedeu de uma maneira diferente da nossa. Primeiro, mediu minha altura e, então, com régua e compasso, anotou as dimensões e os contornos de todo o meu corpo. Em seis dias, trouxe minhas roupas, muito mal feitas e num formato errado: é que ele errara num cálculo. Meu consolo era que tais incidentes eram muito comuns e ninguém se importava.

Nesse meio-tempo, fiz progressos no aprendizado da língua. Quando voltei à corte, podia, já, entender muitas coisas que o rei dizia e dar-lhe algumas respostas. Sua Majestade dera ordens para que a ilha se movesse rumo à metrópole do reino, Lagado. Em nossa jornada rumo à capital, sua Majestade ordenou que a ilha parasse sobre certas cidades e aldeias, para receber as reivindicações de seus súditos. Para isso, vários barbantes eram descidos, com pequenos pesos na ponta. Nesses barbantes as pessoas penduravam suas reivindicações. Por vezes, recebíamos vinho e comida lá de baixo.

O conhecimento matemático que eu tinha ajudou-me muito a dominar a fala daquele povo. Estava muito ligada à matemática e à música. Quando, por exemplo, elogiavam a beleza de uma mulher, descreviam-na por meio de quadriláteros, círculos, paralelogramas, elipses e outros termos geométricos ou pelo vocabulário musical.

Suas casas são muito mal construídas, com paredes desalinhadas e nenhum ângulo reto em aposento algum. É que desprezam a geometria prática, considerada vulgar. As instruções que dão aos trabalhadores são refinadas demais, o que sempre é causa de erros. Eram bastante hábeis diante de uma folha de papel, manejando a régua, o lápis e o compasso. Nas ações do dia-a-dia, porém, e no modo de vida, nunca vi povo mais desajeitado, desastrado e inábil. Além disso, raciocinavam devagar e

confusamente sobre tudo, exceto quando se tratava de matemática e música. Imaginação, fantasia, criatividade são totalmente estranhas a eles e nem sequer possuem palavras em sua língua para expressar tais idéias. Aquelas duas ciências tornam estreitos seus pensamentos e suas mentes.

Esse povo sofre de contínuas inquietações, nunca desfrutando de um minuto de paz espiritual. Temem que a terra, pelo constante aproximar-se do sol, com o passar do tempo, acabe sendo absorvida ou engolida por ele. Que o sol um dia se cubra de uma crosta e não mais ilumine o mundo. Que o próximo cometa, daqui a trinta e um anos, segundo seus cálculos, destrua a nós todos.

Estão em estado de alarme tão constante por causa desses perigos e de outros do mesmo tipo, que não conseguem dormir sossegados em suas camas nem aproveitar os prazeres comuns ou as alegrias da vida. Quando encontram um conhecido de manhã, a primeira pergunta é:

— Vai bem o sol? Qual o seu aspecto ao nascer?

Ou:

— Podemos ter esperança de evitar o choque do cometa?

As mulheres da ilha têm grande vivacidade. Desprezam os maridos e adoram estrangeiros. É entre eles que escolhem seus amantes. Agem com a maior facilidade e segurança. Afinal, o marido está sempre tão entregue a seus pensamentos, que a esposa e o amante podem trocar gentilezas na sua frente sem que ele perceba coisa alguma.

Esposas e filhas lamentam seu confinamento naquela ilha, embora eu a ache o lugar mais agradável do mundo. Desejam conhecer o mundo e divertir-se na metrópole. Mas só podem fazer isso com uma autorização do rei, nada fácil de conseguir. É que os nobres viram como era difícil convencer suas esposas a retornar de lá de baixo...

Em cerca de um mês, eu tinha feito razoável progresso em sua língua e era capaz de responder à maior parte das perguntas do rei. Sua Majestade não demonstrou o menor interesse em me indagar sobre as leis, o governo, a história, a religião ou os costumes dos países em que eu estivera. Restringiu suas perguntas ao estado em que se encontravam as matemáticas. Ouviu, com desprezo e

indiferença, o relato que lhe fiz.

Capítulo 3

Descrição da ilha. O método do rei para sufocar rebeliões.

Pedi ao príncipe que me deixasse sair para ver as curiosidades da ilha, o que ele me concedeu gentilmente.

A ilha voadora, ou flutuante, é um círculo perfeito. O fundo, que aparece aos que a vêem de baixo, é uma superfície plana de diamante. Acima dela estão vários minerais em sua ordem normal e sobre tudo isso uma camada de terra muito boa. O monarca tem o poder de erguer a ilha acima da região das nuvens, podendo, assim, escapar da queda do orvalho ou das chuvas quando desejar.

No centro da ilha, há uma fenda por onde os astrônomos descem até uma caverna. Ali, vinte lâmpadas continuamente acesas projetam, a partir do reflexo no diamante, uma luz forte para todos os lados. O lugar armazena uma grande variedade de instrumentos astronômicos. Mas a maior curiosidade, de que depende o destino da ilha, é uma pedra-ímã de tamanho prodigioso. É sustentada por um eixo de diamante que lhe atravessa o meio. É por meio dessa pedra-ímã que a ilha é movida. A pedra possui, num dos lados, força atrativa; no outro, repulsiva. Ao colocar o ímã em pé, com a ponta atrativa voltada para a terra, a ilha desce. Mas quando a extremidade repulsiva aponta para baixo, a ilha se move para cima.

A pedra está sob os cuidados de certos astrônomos, que lhe dão certa posição conforme as ordens do monarca. Passam a maior parte de suas vidas observando os corpos celestes, com a ajuda de lentes muito melhores que as nossas. Fizeram um catálogo de dez mil estrelas fixas, ao passo que o maior dos nossos não contém mais do que um terço desse número. Observaram noventa e três cometas diferentes e estabeleceram seus períodos com grande exatidão.

Se uma cidade sob seu poder se revolta, é abalada por tumultos violentos ou se nega a pagar os impostos, o rei tem dois

métodos de trazê-la de volta à obediência. O primeiro e mais brando consiste em manter a ilha suspensa sobre a cidade. Assim, ele a priva do benefício do sol e da chuva, afligindo seus habitantes com escassez de alimentos e doenças. Se o crime o merecer, recebem, de cima, uma chuva de pedras grandes. Aqui, sua única defesa é esconder-se em cavernas enquanto os tetos de suas casas são completamente arruinados. Mas, se insistem ou continuam a promover revoltas, o rei recorre ao último remédio. Faz que a ilha desça diretamente sobre suas cabeças, destruindo casas e homens.

Só em caso extremo o rei lança mão desse último tipo de punição. E existe uma razão para isso: o temor de abalar o fundo da ilha. Embora ele seja de diamante, poderia partir-se num choque demasiado grande ou se queimar ao se aproximar demais dos fogos das casas lá embaixo. O povo sabe muito bem disso. O rei, quando se sente provocado no mais alto grau e decidido a aniquilar a cidade, manda que a ilha desça com grande suavidade. Dá como pretexto para isso seu afeto para com o povo, mas, na verdade, o motivo real é o receio de quebrar o fundo de diamante. Nesse caso, na opinião de todos os filósofos do país, a pedra-ímã não poderia mais se sustentar, e a ilha toda se precipitaria ao chão.

Uma vez, três anos antes de minha chegada a Laputa, ocorreu um incidente que quase acabou com a monarquia. A segunda cidade mais importante do reino revoltou-se. Seus habitantes se queixavam da opressão a que estavam sujeitos. Fecharam as portas da cidade, aprisionaram o governador e puseram em prática um plano para a defesa. Ergueram quatro torres nos quatro cantos da cidade, que é quadrada. No alto de cada uma, fixaram uma grande pedra-ímã. Para o caso de isso não resolver, estocaram grande quantidade de lenha e combustível. Pretendiam queimar o fundo da ilha, se o plano do ímã não funcionasse.

Ao saber da rebelião, o rei mandou que a ilha pairasse sobre a cidade. Assim se fez por vários dias, para privá-la de sol e chuva. O povo reclamava que se acabassem com os abusos, que cessassem os privilégios e tivessem a liberdade de escolher seu próprio governador. Sua Majestade, então, mandou que todos os habitantes da ilha atirassem pedras enormes sobre os rebeldes. Estes, porém, abrigaram-se nas torres e nos abrigos subterrâneos construídos

especialmente para isso.

O rei foi obrigado a conceder à cidade o que ela exigia. Um ministro assegurou-me:

— Se a ilha tivesse descido tanto que não fosse possível erguê-la depois, por causa dos ímãs, os habitantes daquela cidade estavam firmemente decididos a prendê-la para sempre. Também matariam o rei e todos os seus criados e mudariam completamente o regime.

Capítulo 4

O autor deixa Laputa, é transportado a Balnibarbi. Chega à metrópole. Uma descrição da metrópole e dos campos vizinhos. O autor é recebido hospitaleiramente por um grande senhor. Sua conversa com esse senhor.

Embora não possa dizer que tenha sido maltratado na ilha, devo, porém, confessar que me sentia deixado de lado e desprezado. É que nem o príncipe nem o povo pareciam ter curiosidade por outro ramo do conhecimento que não a matemática e a música. Como eu era muito inferior a eles nesses campos, davam-me pouca importância.

Além disso, aquela gente estava sempre tão mergulhada em seus pensamentos que jamais encontrei companhia tão desagradável. Conversava apenas com mulheres, comerciantes e criados, as únicas pessoas de quem podia receber uma resposta de bom senso. Cansei-me de ficar confinado numa ilha onde recebia tão pouca atenção e decidi deixá-la na primeira oportunidade.

Havia um grande senhor na corte, parente próximo do rei e, só por esse motivo, tratado com respeito. Era considerado por todos como a pessoa mais ignorante e estúpida entre eles. Prestara muitos serviços relevantes para a coroa, era íntegro e honrado. Mas tinha um ouvido tão ruim para a música que seus inimigos diziam que ele muitas vezes marcara o compasso na hora errada. Seus professores não conseguiam ensinar-lhe sem muita dificuldade o princípio matemático mais fácil.

Com frequência esse senhor me deu a honra de uma visita. Nessas ocasiões, indagava-me sobre a situação da Europa, as leis e costumes, os hábitos e os conhecimentos dos vários países que eu conhecera em minhas viagens. Ouvia-me com grande atenção e fazia observações muito justas sobre tudo o que eu dizia.

Implorei a esse ilustre personagem que intercedesse em meu nome junto ao rei para que me deixasse partir.

No dia 16 de fevereiro, despedi-me de sua Majestade e da corte. A ilha se encontrava suspensa sobre uma montanha, a duas milhas da metrópole de Lagado. Fui descido da galeria mais baixa da mesma maneira com que subira.

O continente tinha o nome geral de Balnibarbi, e a metrópole, como já disse, era chamada Lagado. Senti alguma satisfação ao me encontrar em terra firme. Caminhei para a cidade vestido como um dos nativos e suficientemente instruído para poder conversar com eles. Logo encontrei a casa de uma pessoa a quem aquele grande senhor, meu amigo, recomendara-me. E fui recebido com muita gentileza. O dono da casa, o senhor Munodi, me acolheu da maneira mais hospitaleira possível.

Na manhã seguinte à da minha chegada, levou-me em sua carruagem para conhecer a cidade. As casas eram construídas de uma forma estranha e muitas delas estavam precisando de reparos. As pessoas nas ruas caminhavam rapidamente. Tinham um olhar alucinado, os olhos fixos e roupas geralmente em farrapos. Passamos por um dos portões da cidade e entramos no campo. Ali vi muitos trabalhadores ocupados com tarefas que não consegui entender. Não via o menor sinal de trigo ou relva, embora o solo parecesse excelente.

Não pude evitar a admiração diante do que vira na cidade e no campo. Perguntei ao meu guia:

— Pode-me explicar, por favor, por que tantas cabeças, mãos e rostos ocupados nas ruas e no campo? Não descubro nenhum proveito nisso. Nunca vi solo tão mal cultivado, casas tão mal construídas, em ruínas, nem um povo com tanta miséria e necessidade estampadas em suas fisionomias e em suas roupas.

O senhor Munodi era uma pessoa da classe alta e tinha sido, por alguns anos, governador de Lagado. Entretanto, graças a intrigas de ministros, fora demitido como incapaz. O rei o tratava com afeto, como homem bem-intencionado, mas de fraco entendimento. Disse-me:

— Você não esteve conosco tempo suficiente para poder julgar. Cada nação do mundo tem os seus costumes.

Quando voltamos ao seu palácio, porém, perguntou-me:

— O que você acha do edifício? Que absurdos notou por

aqui? Que você viu de negativo nas roupas e nos rostos dos meus criados?

Ora, tudo à sua volta era magnífico, regular e civilizado.

Respondi:

— O bom senso e a fortuna de Vossa Excelência o isentaram dos defeitos que a tolice e a miséria provocaram nos outros.

Na manhã seguinte, fomos a sua casa de campo. Durante nossa jornada, fez-me observar os vários métodos empregados por seus lavradores no cultivo da terra. Pareciam-me totalmente sem sentido, pois, a não ser em alguns poucos lugares, não pude avistar uma única espiga de milho ou haste de relva. Mas, após três horas de viagem, a cena se alterou completamente. Chegamos a uma região das mais belas. As casas dos lavradores eram construídas com capricho. Nos campos havia vinhedos, trigais e prados. Não me lembrava de ter visto paisagem mais agradável. Sua Excelência disse-me, com um suspiro, que sua propriedade começava ali e continuaria a mesma até chegarmos a sua casa:

— Os outros me ridicularizam e desprezam por eu não administrar melhor os meus negócios e dar tão mau exemplo ao reino. Agem como eu uns poucos mais, velhos, teimosos e fracos como eu.

Chegamos, finalmente, à casa. Era uma nobre construção, de acordo com as melhores regras da antiga arquitetura. As fontes, jardins, passeios, caminhos e bosques estavam todos dispostos com bom gosto. Elogiei, como merecia, cada coisa que eu via. Só depois do almoço, porém, quando ficamos a sós, pareceu notar o que eu dizia. Disse-me com ar melancólico:

— Acho que terei de derrubar minhas casas na cidade e no campo e reconstruí-las de acordo com a moda atual. E também destruir todas as plantações e iniciar outras utilizando os métodos de hoje. Se não fizer isso, vão me acusar de orgulho, excentricidade, afetação, ignorância e teimosia. O rei vai ficar mais aborrecido ainda comigo.

Contou-me, depois, como se chegara àquela situação:

— Há uns quarenta anos atrás, algumas pessoas foram para Laputa, a negócios ou a passeio. Depois de cinco meses, voltaram com leves conhecimentos de matemática, mas com a cabeça cheia

de vento, adquirido naquelas regiões aéreas. Começaram a não gostar do modo como se administravam as coisas aqui embaixo e planejaram remodelar todas as artes, ciências, línguas e técnicas. Para isso, fundaram uma academia de projetistas em Lagado. Atualmente, não há uma cidade em todo o reino que não tenha a sua. Nessas associações, os professores inventam novas regras e métodos de agricultura e construção e novos instrumentos e ferramentas. Com eles, afirmam, um só homem pode fazer o trabalho de dez. Assim, um palácio pode ser construído em uma semana, com materiais tão resistentes que duram para sempre sem necessidade de reparos. Todos os frutos da terra amadurecerão na estação que escolhermos e aumentarão cem vezes mais do que hoje em dia. O único inconveniente é que nenhum desses projetos chegou à perfeição. Nesse meio tempo, o campo está desolado; as casas, em ruínas; e o povo sem comida nem roupa. Ao invés de desanimarem com isso, desenvolvem seus projetos com um entusiasmo cinquenta vezes maior, levados pela esperança e pelo desespero. Eu, porém, não tenho espírito empreendedor. Contento-me em seguir os velhos hábitos, viver nas casas que meus ancestrais construíram e agir como eles, sem inovar. Alguns poucos outros têm feito o mesmo, mas somos vistos com desprezo e má vontade. Consideram-nos inimigos da arte, ignorantes e prejudiciais à comunidade, como se preferíssemos nosso próprio bem-estar e a nossa preguiça ao progresso geral do país. Mas não o privarei do prazer de uma visita à academia.

Dentro de poucos dias, voltamos à cidade. Sua Excelência, considerando a má reputação de que gozava na academia, não quis ir comigo. Mas me recomendou a um amigo que me acompanhasse. Fui apresentado como um grande admirador de projetos e uma pessoa muito curiosa e que acredita em tudo. Isso, de fato, não estava longe da verdade, pois eu mesmo tinha sido uma espécie de projetista em minha juventude.

Capítulo 5

Permite-se que o autor visite a grande academia de Lagado. Descrição da academia. As artes de que se ocupam os professores.

Essa academia não é um único edifício, mas um conjunto de várias casas de ambos os lados de uma rua. Fui recebido muito gentilmente pelo guarda e freqüentei a academia por muitos dias. Cada sala tinha um ou mais projetistas e, creio, não eram menos de quinhentas salas.

O primeiro homem que eu vi era magro, com as mãos e o rosto cobertos de fuligem. Tinham cabelo e barba compridos e chamuscados em vários pontos. Suas roupas, camisa e pele eram todas da mesma cor. Estava há oito anos trabalhando num projeto para extrair raios solares de pepinos. Disse-me:

— Tenho certeza de que em mais oito anos poderei suprir os jardins do governador com luz solar a um custo razoável.

Entrei em outro aposento, mas já pronto para sair correndo dali, pois quase não suportava o terrível mau cheiro. Meu condutor, porém, impeliu-me para frente, dizendo, num sussurro:

— Não cometa essa indelicadeza, que seria uma ofensa grave!

O projetista daquele aposento era o estudioso mais antigo da academia. Seu rosto e barba eram de um amarelo pálido; tinha as mãos e roupas cheias de imundície. Quando lhe fui apresentado, deu-me um abraço apertado. Sua tarefa, desde que chegara à academia, era conseguir transformar excremento humano na comida que lhe dera origem. Recebia da sociedade uma doação semanal: uma vasilha cheia de excremento humano, do tamanho de um barril.

Vi um outro trabalhando para transformar gelo em pólvora. Havia, também, um arquiteto engenhoso. Inventara um novo método de construir casas, começando pelo telhado e, depois, trabalhando na parte de baixo até os alicerces. Justificou-se

dizendo-me que era assim que faziam insetos prudentes como a abelha e a aranha.

Em outro aposento, topei com um projetista que tinha inventado um método de arar a terra com porcos. Esperava economizar, desse modo, arado, gado e trabalho. O método era o seguinte: num acre de terra, enterra-se a certa profundidade a comida de que aqueles animais mais gostam. Então, levam-se seiscentos ou mais deles ao campo. Em poucos dias, os porcos removerão a terra toda à procura de seu alimento e a deixarão pronta para semear, ao mesmo tempo adubando-a com esterco. É bem verdade, como demonstrou a experiência, que o custo e a dor de cabeça são muito grandes. A colheita é pouca, ou nenhuma.

Entrei em outra sala, cujas paredes e teto estavam completamente tomados por teias de aranha, com exceção de uma passagem estreita para o artista ir e vir. Quando entrei, gritou-me:

— Não vá perturbar as minhas teias!

Depois, queixou-se do erro fatal de todo mundo, que usa bichos-da-seda quando havia um monte de insetos domésticos infinitamente superiores a eles:

— Empregando aranhas, não se gasta nada para tingir a seda — disse ele, mostrando-me um grande número de moscas coloridas da forma mais bela, com as quais ele alimentava suas aranhas. Garantia-nos que os fios sairiam coloridos.

Eu vira até aqui apenas um lado da academia; o outro estava reservado ao conhecimento abstrato. Ali ficava a pessoa que era chamada por eles de “o artista universal”. Disse-nos que passara trinta anos pensando, sempre, no progresso da vida humana. Tinha duas salas grandes cheias de curiosidades espantosas e cinquenta homens trabalhando. Alguns deles amaciavam mármore para fazer travesseiros e almofadas. Quanto ao artista, trabalhava num projeto grandioso. Por meio de uma mistura de resinas, minerais e vegetais, aplicada externamente, tentava impedir o nascimento de lã em dois carneirinhos. Tinha esperança de brevemente poder propagar a raça de carneiros pelados através de todo o reino.

O primeiro professor que eu vi na parte da academia dedicada ao conhecimento abstrato estava acompanhado de quarenta alunos. Depois do cumprimento, observando-me olhar atentamente para

um quadro que havia em sua sala, disse:

— Logo o mundo irá perceber sua utilidade. Não sei como uma idéia tão grandiosa jamais passou pela cabeça de um outro homem! Todo mundo sabe como é custoso o método normal de adquirir conhecimento. Mas através desta minha invenção, até a pessoa mais ignorante poderá escrever livros de filosofia, poesia, política, direito, matemática e teologia. Não é preciso ser um gênio nem estudar.

Ele, então, levou-me ao quadro, colocado no meio da sala. Era composto de vários pedaços de madeira, amarrados entre si com fios finos. Esses pedaços de madeira estavam recobertos de papel. Neles, estavam escritas todas as palavras de sua língua: verbos nos vários modos e tempos, substantivos no singular e no plural, masculino e feminino, etc., mas sem nenhuma ordem. O professor, então, desejou que eu observasse o engenho em funcionamento. Cada um dos alunos segurou uma manivela de ferro: eram quarenta, presas ao redor do quadro. Girando-as, a disposição das palavras mudava completamente. Ele, então, mandava que trinta e seis rapazes lessem as várias linhas à medida que apareciam no quadro. Ao encontrarem três ou quatro palavras reunidas que podiam fazer parte de uma frase, ditavam para os quatro meninos restantes. Esse trabalho era repetido três ou quatro vezes.

Os jovens estudantes se ocupavam desse trabalho seis horas por dia. O professor mostrou-me vários volumes, cheios de frases truncadas, que ele pretendia agrupar. Com esse rico material, daria ao mundo um panorama completo de todas as artes e ciências.

Fomos, depois, à escola de línguas e conheci os projetos de três professores para o progresso de seu país. O primeiro consistia em encurtar o discurso cortando os polissílabos e abolindo os verbos e adjetivos. Justificavam-se:

— Pois não é verdade que todas as coisas imagináveis são substantivos?

O outro era um plano para eliminar completamente todas as palavras, grande vantagem no que diz respeito à saúde e à brevidade. De fato, é claro que toda palavra que nós dizemos é, em algum grau, uma diminuição dos nossos pulmões por corrosão. Falar, portanto, contribui para o encurtamento de nossas vidas. A

solução encontrada foi a seguinte: uma vez que palavras são apenas nomes para as *coisas*, seria mais conveniente que todos os homens carregassem consigo as *coisas* necessárias para expressar seu pensamento. Muitos dos mais eruditos e sábios adotaram aquele novo meio de se expressar através das *coisas*. Havia um único inconveniente: se um homem tinha de falar muito e sobre assuntos variados, era obrigado a carregar nas costas um monte de *coisas*, a menos que pudesse pagar um ou dois criados robustos para acompanhá-lo.

Uma grande vantagem dessa invenção é que poderia servir como língua universal, compreendida por todas as nações civilizadas. Afinal, no mundo todo, objetos e instrumentos são geralmente do mesmo tipo ou muito parecidos.

Estive na escola de matemática, onde o mestre ensinava seus alunos com um método muito diferente do nosso. Os teoremas matemáticos e suas demonstrações são escritos sobre uma pasta fina, com tintura cefálica. O estudante deve engoli-la em jejum e nos três dias seguintes só comer pão e água. Quando a pasta é digerida, a tintura sobe ao cérebro, levando teoremas. Mas até o momento o sucesso não foi o que se esperava. Em parte, isso é devido a algum erro na composição, em parte pela malandragem dos meninos. É que esse bolo lhes parece tão repugnante que, geralmente, fingem comer e o cospem fora antes que possa fazer efeito. Não se conseguiu convencê-los, também, a ficar em jejum por tão longo tempo.

Capítulo 6

Mais informação sobre a academia.

Na escola dos projetistas políticos, os professores me pareceram estar completamente doidos, cena que sempre me deixa triste. Essa gente infeliz propunha planos para convencer os reis a escolher seus favoritos utilizando o critério da sabedoria, capacidade e virtude. Também pretendia ensinar os ministros a levarem em conta o bem público. Desejavam que fossem recompensados o mérito, as grandes habilidades e os bons serviços prestados. Pretendiam ensinar os governantes a fazer dos interesses do povo os seus próprios interesses e a escolher para os cargos pessoas qualificadas para exercê-los. E muitas outras quimeras impossíveis, que não passariam pela cabeça de ninguém.

Havia um médico muito engenhoso que parecia entender muito da arte de governar. Entre outros projetos, inventou um remédio contra a memória curta dos favoritos do príncipe:

— Para quem se encontra com um primeiro-ministro, basta fazer o seguinte. Depois de relatar seu caso da forma mais breve, ao ir embora, deve torcer o nariz desse ministro ou dar-lhe um soco no estômago. Ou então, pisar em seus calos, puxar sua orelha três vezes ou beliscar seu braço até ficar roxo. Isso vai impedi-lo de se esquecer da conversa. Todo santo dia, repete-se a mesma operação, até que o caso seja resolvido ou se receba um “não” definitivo.

Todo senador, na grande assembleia de uma nação, depois de ter expressado seu parecer e argumentado em sua defesa, seria obrigado a dar o voto contrário ao que dera primeiro. É que se isso fosse feito, resultaria, sem nenhuma dúvida, no bem público.

Quando, num país, os partidos eram violentamente contrários, o doutor tinha um método maravilhoso para reconciliá-los:

— É só pegar uns cem líderes de cada partido. Depois, dispô-los em pares, de acordo com o tamanho de suas cabeças. Dois cirurgiões, então, serrarão seus cérebros pela metade. Daí basta

trocar os cérebros, colocando cada metade serrada na cabeça do homem do partido oposto.

Ao que parece, o trabalho requer muita precisão. Mas o professor garantiu que, se for feito com perícia, a cura seria infalível, pois as duas metades do cérebro discutiriam entre si no espaço de um só crânio. Em pouco tempo, chegariam a um bom entendimento e se produziria aquela moderação e bom senso tão desejáveis na cabeça dos que só querem saber de política.

Ouvi um debate muito exaltado entre dois professores sobre o modo mais cômodo e efetivo de angariar dinheiro sem oprimir os governados. O primeiro afirmava que o método mais justo seria taxar os vícios e a estupidez. A soma seria fixada da maneira mais justa, por um júri composto dos vizinhos de cada um. O segundo era de opinião exatamente contrária: taxar as qualidades físicas e espirituais mais valorizadas por todos. O total a pagar estaria de acordo com os graus da excelência. A decisão, porém, ficaria a cargo da consciência de cada um. Contudo, honra, justiça, sabedoria e cultura não receberiam nenhuma taxaço. É que são qualidades tão especiais que nenhum homem a reconhecerá em seu vizinho ou as valorizará em si mesmo. Propôs que as mulheres fossem taxadas de acordo com sua beleza e habilidade no vestir-se. Mas constância, castidade, bom senso e bondade natural não pagariam imposto. O total da arrecadação seria tão pouco que não valeria a pena.⁴⁷

Um outro professor mostrou-me um papel extenso com instruções para descobrir conspirações contra o governo:

— Os grandes estadistas devem examinar a dieta das pessoas suspeitas. É importante, também, verificar o horário de suas refeições, de que lado da cama dormem, com que mão limpam o traseiro. Sugiro que examinem atentamente seus excrementos. A partir da cor, odor, gosto e consistência deles, poderão formar um julgamento a respeito de seus pensamentos e planos. É que os homens nunca ficam tão sérios, pensativos e atentos como quando estão sentados na privada. Descobri isso por mim mesmo, através

47Note a misoginia deste trecho: as mulheres, *no geral*, são vistas como inconstantes, incapazes de castidade, insensatas e maldosas!

de um experimento. Quando estou no banheiro e, só como teste, penso no melhor modo de assassinar o rei, minhas fezes saem esverdeadas.

Ofereci-me ao professor para fazer alguns acréscimos às suas observações. Contei-lhe que tinha estado num reino cujo povo era todo constituído de espíões, testemunhas, informantes, acusadores e perseguidores. Combinam entre si que pessoas suspeitas serão acusadas de conspiração. Então, fazem de tudo para se apossar de todas as suas cartas e outros papéis. Esses papéis são entregues a um grupo de artistas muito hábeis em descobrir os significados misteriosos de palavras, sílabas e letras. Por exemplo, podem decifrar que um “bando de gansos” significa “senado”; “idiota” está por “ministro”; “vassoura”, por “revolução”, e assim por diante. Ou então, a frase mais inocente, escrita em algum papel suspeito, será interpretada como contendo uma mensagem secreta de um conspirador a outro.

O professor se mostrou muito reconhecido por eu lhe comunicar minhas observações e prometeu que mencionaria meu nome em seu livro.

Não vi, naquele país, nada que pudesse me incitar a permanecer ali por mais tempo e comecei a pensar em retornar para minha casa na Inglaterra.

Capítulo 7

*O autor deixa Lagado e chega a Maldonada.
Nenhum navio pronto para partir. Faz uma pequena
viagem a Glubbubdrib. Sua recepção pelo governador.*

O continente de que este reino faz parte se estende, ao oeste, até à parte desconhecida da América e, ao norte, até o oceano pacífico. Este não fica longe de Lagado, onde há um bom porto e intenso comércio com a grande ilha de Luggnagg, situada a sudeste do Japão. Há uma aliança entre o imperador japonês e o rei de Luggnagg, o que torna possível a navegação freqüente de uma ilha a outra. Decidi, por isso, rumar para lá, para regressar à Europa. Aluguei duas mulas e um guia. Despedi-me de meu nobre protetor, que me deu um belo presente à minha partida.

Quando cheguei ao porto, que se chamava Maldonada, não havia navio para Luggnagg. Fui conhecer a cidade e logo travei amizade com algumas pessoas e fui muito bem recebido. Um cavalheiro disse-me:

— Navios para Luggnagg talvez só partam daqui a um mês. Mas não seria um passatempo desagradável para você fazer uma viagem à ilha de Glubbubdrib.

Ofereceu-se para acompanhar-me, junto com um amigo seu.

“Glubbubdrib” significa “ilha dos Feiticeiros” ou “ilha dos Magos”. É governada pelo líder de uma certa tribo onde todos são mágicos. Essa tribo se casa somente entre si e o mais velho na sucessão se torna príncipe ou governador. Ele possui um belo palácio e um grande parque, com gado, plantações e jardins.

O governador e sua família eram servidos por criados de um tipo algo incomum. Ele tinha o poder de evocar do reino dos mortos quem desejasse e reclamar seus serviços por vinte e quatro horas, mas não por mais tempo. E só podia chamar a mesma pessoa de novo depois de pelo menos três meses, a não ser em ocasiões extraordinárias.

Quando chegamos à ilha, um dos cavalheiros que me acompanhavam foi até o governador. Disse-lhe que um estrangeiro viera com o objetivo único e exclusivo de ter a honra de visitá-lo. Isso foi concedido e nós três entramos pelo portão do palácio. Havia ali duas fileiras de guardas, armados e vestidos de uma maneira muito antiga. Tinham uma expressão na face que me fez arrepiar com um horror inexprimível! Passamos por vários aposentos entre criados do mesmo tipo, até chegarmos à sala de recepção.

Sua Alteza entendia a língua de Balnibarbi, embora ela fosse muito diferente da falada em sua ilha. Pediu que eu lhe contasse as minhas viagens. Para mostrar-me que eu seria tratado sem cerimônia, mandou embora todos os seus criados fazendo um sinal com o dedo. Para meu grande espanto, desapareceram num piscar de olhos, como imagens de um sonho quando acordamos de repente. Não pude me recuperar durante algum tempo, até que o governador garantiu-me que eu não sofreria nada. Comecei a tomar coragem e contei à sua Alteza, brevemente, as minhas viagens. Mas não deixava de olhar várias vezes atrás de mim, para o lugar onde vira os criados-fantasmas.

Tive a honra de almoçar com o governador, quando um novo grupo de fantasmas nos serviram à mesa. Observei, então, que estava menos assustado do que estivera de manhã. Permaneci até o pôr-do-sol, mas pedi humildemente a Sua Alteza que me desculpasse por não aceitar seu convite para me alojar no palácio. Meus dois amigos e eu ficamos numa casa particular, na cidade vizinha, que é a capital dessa ilha.

Permanecemos ali por dez dias, na maior parte do dia com o governador e à noite em nosso alojamento. Logo familiarizei-me a tal ponto com a vista dos espíritos que, depois da terceira ou quarta vez, não me provocaram nenhuma emoção. Ou, se havia ainda algum receio, minha curiosidade era maior. Sua Alteza mandou que eu invocasse os mortos que quisesse para que respondessem às minhas perguntas. Havia uma só condição: minhas perguntas deveriam se limitar ao tempo de vida de cada um.

Agradei humildemente tamanho favor. Primeiramente, desejei ver Alexandre o Grande. A um sinal do governador, ele

imediatamente apareceu no vasto jardim sob a janela da sala. Foi chamado a ela. Foi com grande dificuldade que eu compreendi seu grego. Garantiu-me que não tinha sido envenenado, mas morreria de uma febre causada por excesso de bebida.

Depois, vi o general cartaginês Aníbal⁴⁸ cruzando os Alpes, que me contou que não tinha uma gota de vinagre sequer em seu acampamento. Vi César e Pompeu, à frente de suas tropas, prontos para se enfrentarem. Pedi para ver o Senado de Roma numa grande sala e, numa outra, um senado moderno. A primeira pareceu-me uma assembléia de heróis e semideuses. A segunda, um bando de trambiqueiros, batedores de carteira, bandidos e contadores de papo.

Seria aborrecido perturbar o leitor relatando meus encontros com tantas pessoas ilustres invocadas de entre os mortos. Senti prazer, sobretudo, contemplando os destruidores dos tiranos bem como os restauradores da liberdade das nações oprimidas e maltratadas.

Desgostei-me, sobretudo, com a história moderna. Tendo examinado atentamente todas as pessoas de maior reputação nas cortes dos príncipes nos últimos cem anos, pude ver como o mundo tem sido enganado por certos escritores vendidos. Estes atribuíram os mais grandiosos feitos a covardes, os mais sábios conselhos a tolos, sinceridade a adutores, virtude antiga a traidores da pátria, devoção a ateus, castidade a depravados, verdade a delatores. Quantas pessoas inocentes e excelentes foram condenadas à morte ou ao exílio graças a juizes corruptos e às intrigas políticas mais maldosas! Quantos velhacos tinham sido elevados aos mais altos cargos de confiança, poder, prestígio e lucro! Como tinham parte ativa na vida da corte e no senado os piores tipos! Que baixa opinião tive eu da sabedoria e da integridade humana quando me informei sobre os reais motivos que impulsionaram os grandes atos e revoluções do mundo!

48Na guerra entre Roma e Cartago, o general cartaginês Aníbal desempenhou papel muito importante.

Capítulo 8

O retorno do autor a Maldonada. Ele navega para o reino de Luggnagg. É preso. Envia-no à corte. Sua recepção. A grande bondade do rei para com seus súditos.

Ao chegar o dia de nossa partida, despedi-me de sua Alteza, o governador de Glubbudribb, e retornei com meus dois companheiros a Maldonada. Ali, após uma espera de quinze dias, um navio estava pronto para navegar rumo a Luggnagg. Estive em viagem por um mês.

No dia 21 de abril de 1708, navegamos por um rio a sudeste de Luggnagg. Ancoramos a uma légua da cidade e fizemos sinais de que procurávamos por um piloto. Dois deles vieram a bordo em menos de meia hora. Guiaram-nos através de uma passagem cheia de perigos.

Alguns de nossos marinheiros, por traição ou descuido, informaram aos pilotos que eu era um estrangeiro. Estes avisaram um funcionário da alfândega, que me revistou rigorosamente quando desembarquei. Falou-me na língua de Balnibarbi. Conte-lhe a minha história, mas ocultei minha nacionalidade, dizendo-me holandês. Pretendia viajar para o Japão e sabia que os holandeses eram os únicos europeus que tinham permissão de entrar naquele reino. O funcionário disse:

— O senhor ficará preso até que eu receba ordens da corte. Escreverei a ela imediatamente e conto que terei uma resposta em uns quinze dias.

Fui levado a um alojamento cômodo, com um guarda à porta. Tinha, porém, um grande jardim à disposição e era tratado com bastante humanidade.

Contratei um jovem que veio no mesmo navio para ser meu intérprete. Era natural de Luggnagg, mas vivera alguns anos em Maldonada e dominava perfeitamente as duas línguas.

O despacho veio da corte mais ou menos no prazo esperado. Eu deveria ser levado a Traldragdubb (ou era Trildrogdrib?). Acompanhava-me apenas o pobre moço que era meu intérprete. Um mensageiro foi despachado meio dia de jornada antes de nós, para avisar o rei de minha vinda próxima. Também se pedia que sua Majestade fizesse a gentileza de marcar dia e hora em que eu teria a honra de *lamber a poeira em frente de seu descanso para os pés*. Era este o estilo da corte. Aliás, dois dias depois de minha chegada, mandaram-me rastejar e lambar o chão à medida que eu avançava. Mas, em atenção ao fato de ser eu um estrangeiro, tomou-se cuidado para limpá-lo de tal forma que a poeira não poderia fazer mal algum. Era uma concessão excepcional. De fato, às vezes até espalham poeira por todo o chão de propósito, quando a pessoa a ser recebida tem inimigos poderosos na corte. É crime punido com a morte cuspir ou limpar a boca na presença de sua Majestade.

Há, na verdade, um outro costume que não posso aprovar de todo. Quando o rei planeja matar um de seus nobres de maneira delicada e clemente, manda que espalhem pelo chão um certo pó de cor marrom. Ao ser lambido, mata em vinte e quatro horas. Mas grande é a bondade deste príncipe, verdade seja dita! Afinal, após cada execução, o chão é muito bem lavado.

Depois de me ter arrastado até o trono, ergui-me calmamente. Então, batendo a testa no chão sete vezes, pronunciei as seguintes palavras, ensinadas a mim na noite anterior:

— *Ickpling gloffthrobb squutserumm blhiop mlashnalt zwin tnodbalkguffh slhiophad gurdlubh asht.*

Esse é o cumprimento que, segundo as leis do país, devem dizer todas as pessoas admitidas à presença do rei. Pode ser traduzido assim:

— Possa Vossa celestial Majestade viver onze luas e meia mais que o sol!

O rei deu uma resposta qualquer que não compreendi. Depois, com a ajuda de meu intérprete respondi às muitas perguntas que o rei pôde fazer em mais de uma hora.

O rei se encantou com minha companhia e ordenou que providenciassem um aposento para mim e meu intérprete, além de

dinheiro para as despesas do dia-a-dia. Permaneci três meses naquele país, obedecendo fielmente, assim, a sua Majestade, que me tratou muito bem e me fez propostas muito honrosas. Mas julguei mais prudente — e mais justo — passar o resto de meus dias com minha mulher e minha família.

Capítulo 9

Elogio dos Luggnaggiuanos. Descrição dos Struldruggs.

Os luggnaggiuanos são um povo gentil e generoso. Mostram-se amáveis com os estrangeiros, especialmente pelos que têm o apoio da corte. Um dia, em muito boa companhia, alguém me perguntou se eu já vira um de seus *Struldruggs*, ou “imortais”. Disse que não e desejei saber o porquê daquele nome, dado a uma criatura mortal. Respondeu:

— De quando em quando, embora muito raramente, acontece de uma criança nascer com uma círculo vermelho na testa, em cima da sobrancelha esquerda. É um sinal infalível de que nunca morrerá. Com o passar do tempo, o círculo vai aumentando e mudando de cor. Aos quarenta e cinco anos, fica preto como carvão e não se altera mais. É caso raro. Não creio que haja mais de mil e cem *Struldruggs* em todo o reino.

— Não há nação mais feliz que esta — exclamei — onde nascem pessoas livres da morte, a desgraça universal da natureza humana, e que vivem sem o peso do receio contínuo do fim!

E mostrei meu espanto por não ter observado nenhuma dessas pessoas na corte; a marca negra na testa não me passaria despercebida. Era impossível que sua Majestade, tão bom príncipe, não se cercasse de um bom número de conselheiros tão sábios e capazes. Mas talvez a virtude desses sábios fosse severa demais para o ambiente corrompido de uma corte. Estava determinado a conversar com o rei a respeito, na primeira oportunidade. Sua Majestade propusera muitas vezes que eu me estabelecesse naquele país. Eu iria aceitar e passar minha vida ali em conversas com aqueles seres superiores, os *Struldruggs*. Isso, se me aceitassem em sua companhia.

O cavaleiro a quem dirigi essas palavras respondeu-me com o sorriso de quem tem dó de um ignorante:

— Como você planejaría o seu modo de vida, se tivesse nascido Struldbugg?

Respondi que a resposta era fácil. Eu mesmo já refletira bastante a respeito, imaginando-me como passaria a vida se tivesse certeza de viver para sempre. Disse que, de início, pensaria na melhor forma de garantir meu sustento. Em uns duzentos anos, seria o homem mais rico do mundo. Em segundo lugar, desde cedo me dedicaria ao estudo das artes e das ciências. Com o tempo, superaria todo mundo em conhecimento. Finalmente, registraria toda ação ou acontecimento público, narrando imparcialmente a vida política da minha época. Reportaria com exatidão as várias mudanças nos costumes, línguas, modas, roupa, alimentação e diversões. Com tudo isso, haveria de ser um tesouro vivo de conhecimento e sabedoria.

Acrescentei que os Struldbuggs e eu comunicaríamos sempre entre nós nossas observações. Notaríamos como a corrupção se introduz no mundo e a enfrentaríamos sempre, com advertências e ensinamentos à humanidade. Isso e mais nosso próprio exemplo evitariam, provavelmente, a contínua degeneração da natureza humana.

Quando terminei e meu discurso foi traduzido, vi as pessoas conversarem na língua do país e rirem às minhas custas. Então, meu intérprete disse que desejava corrigir alguns de meus poucos erros:

— Tive a honra de ser embaixador de sua Majestade em Balnibarbi e no Japão. Nesses dois reinos, observei que uma vida longa é o desejo universal dos homens. Quem tem um pé na cova, procura pisar com o outro na vida o mais forte que pode. O mais velho ainda tem esperanças de viver mais um dia e olha a morte como se fosse o maior dos males. É apenas nesta nossa ilha de Luggnagg que o apetite pela vida não é tão intenso, por causa do exemplo dos Struldbuggs diante dos nossos olhos. O modo de vida em que você pensou é insensato, já que supõe que juventude, saúde e vigor duram para sempre: ninguém é tolo o bastante para contar com isso. Se é assim, como passar uma vida eterna com todas as desvantagens que a velhice traz consigo? Entretanto, todos parecem desejar adiar a morte, por mais tarde que ela venha. É raro

ouvir dizer que alguém desejou morrer, a menos que estivesse no auge da dor ou da tortura.

Depois dessa introdução, contou-me como viviam os Struldruggs:

— Normalmente agem como mortais até aos trinta anos, mais ou menos; depois vão-se tornando melancólicos e desanimados. Quando chegam aos oitenta, que é considerada a idade-limite neste país, têm não só todas as tolices e doenças dos outros velhos, como também muitas outras mais, causadas pela perspectiva terrível de nunca morrer. Ficam não apenas teimosos, rabugentos, avarentos, carrancudos, bobos, tagarelas, mas incapazes de amizade e insensíveis a todo afeto natural, que vai só até seus netos. Inveja e desejos impotentes são as suas paixões predominantes. Invejam os jovens, pelos seus prazeres. Invejam os que morrem e podem, finalmente, descansar, coisa que não lhes é possível. Só se lembram do que aprenderam e observaram em sua juventude e na meia-idade, e, mesmo assim, de uma forma imperfeita. Não é seguro confiar em sua memória. Aliás, os menos infelizes dentre eles parecem ser os que ficam caducos e perdem inteiramente a memória. Estes últimos recebem maior compaixão e ajuda, pois carecem de muitas qualidades más que os outros têm de sobra.

Ao completarem oitenta anos, legalmente é como se estivessem mortos. Seus herdeiros imediatamente tomam posse de seus bens, restando-lhe apenas uma pequena pensão para seu sustento. São considerados incapazes de exercer cargo de confiança ou atividade lucrativa.

Aos noventa, perdem dentes e cabelo; não distinguem mais o sabor das coisas. Só comem e bebem, sem gosto nem apetite, o que eventualmente conseguem. Permanecem as doenças, sem aumentar nem diminuir. Ao falar, esquecem o nome das coisas, das pessoas e até mesmo dos seus amigos e parentes mais próximos. Por isso mesmo, não são capazes de se divertir com a leitura, pois sua memória não é suficiente para levá-los do começo ao fim de uma frase.

Como a língua do país muda constantemente, os Struldruggs de uma época não entendem os de outra. Depois de duzentos anos, não são sequer capazes de manter uma conversa com os mortais.

Assim, vivem como estrangeiros em seu próprio país.

Algum tempo depois, vi cinco ou seis Struldbuggs; o mais moço não tinha mais de duzentos anos. Embora lhes dissessem que eu viajara muito e vira todo o mundo, não tiveram a menor curiosidade de me dirigirem uma pergunta sequer. Pediram somente que eu lhes desse uma esmola.

São desprezados e odiados por todo tipo de pessoas. Quando nasce um deles, considera-se isso de mau agouro. Eram o espetáculo mais desolador que eu já contemplara, e as mulheres mais horrendas que os homens. Além das deformidades normais da extrema velhice, adquiriam uma palidez de fantasma proporcional ao número de anos.

Depois do que ouvi e vi, meu vivo apetite pela vida eterna sofreu um grande abalo. Pensei que tirano algum poderia inventar uma morte pior que uma vida como aquela. O rei soube de tudo o que se passara e zombou de mim. Desejava que eu enviasse um par de Struldbuggs para meu próprio país, para armar nosso povo contra o medo da morte. Mas parece que isso é proibido pelas leis do reino.

Não pude deixar de dizer que as leis se apoiavam nas mais fortes razões. Todo país se veria na necessidade de fazer o mesmo em tais circunstâncias. Caso contrário, como todo velho tem uma tendência natural a ser avarento, aqueles imortais iriam, com o tempo, tornar-se proprietários de toda a nação e tomar para si todo o poder.

Sua Majestade insistiu muito para que eu aceitasse algum cargo em sua corte. Vendo-me, porém, firmemente determinado a retornar a meu país natal, deu-me licença para partir. Honrou-me com uma carta de recomendação para o imperador do Japão e me presenteou com ouro e diamante.

No dia 6 de maio de 1709, despedi-me solenemente de sua Majestade e de todos os meus amigos. Levei quinze dias na viagem até o Japão. Fiz-me passar ali por um comerciante holandês, naufragado em um país muito distante. Esperava uma oportunidade para retornar à Europa. Eu vivera na Holanda e falava bem o holandês.

No dia 9 de junho cheguei a Nagasaque. Nada aconteceu

nessa viagem digno de menção. Navegamos com vento favorável ao Cabo da Boa Esperança, onde paramos só para buscar água fresca. Em 16 de abril chegamos sãos e salvos a Amsterdam. Dali, logo parti para a Inglaterra, numa pequena embarcação pertencente àquela cidade.

No dia 10 de abril de 1710, chegamos à Inglaterra. Desembarquei na manhã seguinte e revi novamente meu país, depois de uma ausência de cinco anos e seis meses. Encontrei minha esposa e minha família em boa saúde.

Parte IV

UMA VIAGEM AO PAÍS DOS HOUYHNNHNS⁴⁹

⁴⁹*Houyhnhnms*: nome imaginário, criado por Swift. Não se preocupe com a pronúncia (algo como *huin-áms*). Note que evoca o relinchar do cavalo.

Capítulo 1

O autor parte em viagem como capitão de um navio. Seus homens conspiram contra ele. Prendem-no em sua cabine e o desembarcam numa terra desconhecida. Viaja através do país. Descrição dos Yahoos, uma estranha espécie de animal. O autor encontra dois Houyhnhnms.

Permaneci em casa com minha esposa e filhos por cerca de cinco meses. Aceitei, então, uma oferta vantajosa para ser capitão do *Aventura*, um sólido navio mercante. Parti no dia 7 de setembro de 1710.

Durante a viagem, perdi vários homens, de doença, de tal forma que tive de recrutar outros em certas ilhas. Logo haveria de me arrepender. Os patifes que eu acolhi a bordo estragaram-me os outros homens. Em conjunto, fizeram uma conspiração para se apoderar do navio e me prender. Um dia de manhã, irromperam em minha cabine e me amarraram as mãos e os pés, ameaçando me jogar ao mar, se eu opusesse resistência. Disse-lhes que era seu prisioneiro e me renderia. Fizeram-me jurar isso e, então, desamarraram-me, prendendo, apenas, uma de minhas pernas, com uma corrente, à minha cama. Colocaram um guarda na porta, com a arma carregada, pronto para me matar se eu tentasse fugir. Mandaram-me comida e bebida e se apoderaram do navio. Pretendiam tornar-se piratas. Navegaram durante muitas semanas, mas eu não sabia que rumo tinham tomado. Encerrado em minha cabine, não esperava senão que me matassem, como tinham ameaçado freqüentemente.

No dia 9 de maio de 1711, alguém veio até mim:

— Tenho ordens do capitão para desembarcá-lo — disse.

Obrigaram-me a entrar no bote, com algumas roupas, mas sem armas, com exceção de minha adaga. Foram educados o bastante para não revistar meus bolsos, em que havia, entre outras coisas, algum dinheiro. Deixaram-me numa terra cujo nome até eles

mesmos desconheciam.

Em terra firme, sentei-me para descansar e pensar no que era o melhor a fazer. Depois de ter descansado um pouco, fui adentrando o país. Estava determinado a me entregar aos primeiros selvagens que encontrasse no caminho. Tentaria obter minha liberdade trocando-a por alguns objetos que eu tinha nos meus bolsos. Caminhei com muito atenção, receando ser pego de surpresa ou receber uma flechada repentina.

Fui parar numa estrada, onde vi muitas marcas de pés humanos e algumas de vacas, mas a maioria de cavalos. Finalmente, avistei vários animais num campo e um ou dois da mesma espécie sentados em árvores. Sua forma era muito estranha e deformada, o que me perturbou um pouco. Assim, deitei-me atrás de uma moita para observá-los melhor. Alguns deles avançaram para perto de onde eu estava, dando-me uma oportunidade de examiná-los.

Suas cabeças e peitos eram cobertos de pêlos grossos. Tinham barbas de bode e uma longa crina no dorso e na parte dianteira das pernas e dos pés. Mas o resto do corpo era nu; sua pele, castanha. Não tinham caudas. Subiam em árvores altas tão facilmente quanto um esquilo, pois possuíam garras fortes, na frente e atrás, terminando em pontas afiadas, em forma de gancho. Saltavam e pulavam várias vezes com incrível agilidade. As fêmeas não eram tão grandes quanto os machos e tinham longo cabelo liso na cabeça e somente uma espécie de penugem no resto do corpo. Os cabelos, em ambos os sexos, eram de cores variadas: castanho, vermelho, preto e amarelo. No conjunto, eu jamais vira, em minhas viagens, animal tão desagradável nem mais antipático. Assim, pensando já ter visto suficientemente, cheio de desprezo e aversão, voltei à estrada.

Não tinha ido longe, quando deparei com uma dessas criaturas vindo diretamente em minha direção. O monstro feio, ao me ver, contorceu o rosto todo e me encarou, como se tivesse diante dos olhos algo que nunca vira antes. Então, aproximando-se, levantou sua pata dianteira. Peguei de minha adaga e lhe dei um bom golpe do lado não cortante. É que temia a reação dos outros animais, se eu matasse ou mutilasse um do seu rebanho.

Ao sentir a dor, o animal retrocedeu e berrou tão alto que um bando de pelo menos quarenta acorreram e se juntaram à minha volta. Uivavam e faziam caretas horrendas. Mas eu corri para o tronco de uma árvore e, encostado nele e agitando minha adaga, mantive-os afastados. Vários deles, porém, conseguiram subir na árvore e começaram a atirar seus excrementos na minha cabeça. Contudo, esquivei-me⁵⁰ muito bem, colando-me ao tronco. Estava quase sufocado com a imundície, que caía sobre mim de toda parte.

Em meio a essa situação desesperadora, de repente os vi fugir correndo o mais rápido que podiam. Aventurei-me a deixar a árvore e a voltar à estrada, perguntando-me, admirado:

— Que será que os assustou tanto?

Mas, olhando à minha esquerda, vi um cavalo caminhando, tranqüilamente, no campo. Era esta a causa do medo dos meus perseguidores. O cavalo estremeceu um pouco ao se aproximar, mas logo se recobrou. Fixou os olhos em mim, espantado. Examinou minhas mãos e pés, andando à minha volta por várias vezes. Em seguida, pôs-se no meu caminho, com uma fisionomia muito mansa, não demonstrando o menor sinal de violência. Ficamos olhando um para o outro durante algum tempo. Finalmente, ousei estender minha mão ao seu pescoço. Pretendia acariciá-lo, empregando os modos usuais e o assobio dos adestradores de cavalos. Mas o animal pareceu receber minhas gentilezas com desprezo. Balançou a cabeça, ergueu as sobranceiras e levantou devagar a pata esquerda para afastar minha mão. Então, relinchou três ou quatro vezes, mas de tal forma, que comecei a pensar que estava falando em alguma língua sua.

Nesse meio tempo, chegou um outro cavalo. Um roçou gentilmente o casco dianteiro do outro. Relinchavam várias vezes e com um som variável que parecia fala. Depois, como que para discutir entre si, caminharam um ao lado do outro, para trás e para frente. Pareciam pessoas debatendo algum assunto importante. Frequentemente dirigiam os olhos a mim, como para se certificar de que eu não fugira.

Estava espantado de ver tais ações e tal comportamento em

⁵⁰*Esquivar-se*: conseguir escapar.

animais. Se eram assim os animais, concluí que os habitantes daquele país deveriam ser os homens mais sábios da terra. Esse pensamento me deu um certo alívio e decidi ir em frente até descobrir alguma casa ou aldeia, ou, então, topar com um nativo. Mas o primeiro cavalo viu que eu estava saindo de fininho e relinchou para mim de modo tão expressivo que julguei entender o que ele queria dizer. Assim, voltei e me aproximei dele para aguardar suas ordens. Escondia meu medo o melhor que podia.

Os dois cavalos chegaram mais perto de mim, olhando-me atentamente. Um deles esfregou meu chapéu com o casco direito, deslocando-o do lugar. Fui obrigado a tirá-lo para o ajustar melhor. Os dois pareceram muito surpresos com isso. Então, um deles acariciou minha mão direita, parecendo admirar-lhe a maciez e a cor. Mas a apertou tão fortemente que me vi forçado a berrar. Depois disso, ambos passaram a me tocar com a maior delicadeza possível. Estavam perplexos com meus sapatos e meias. Tocavam-nos, relinchando um para o outro e fazendo vários gestos. Não deixavam de lembrar um filósofo tentando entender algum fenômeno novo e difícil.

Em suma, o comportamento daqueles animais era tão racional e sensato que concluí serem mágicos que se tinham transformado em cavalos. Vendo um estranho em seu caminho, tinham decidido divertir-se às custas dele, isto é, de mim. Ou, então, estavam realmente admirados com a visão de um estrangeiro tão diferente deles. Assim, ousei dirigir-lhes estas palavras:

— Cavalheiros, se são feiticeiros, podem entender qualquer língua. Sou um pobre inglês que a desgraça trouxe até esta sua costa. Imploro a um de vocês que me deixe cavalgá-lo, como se ele fosse um cavalo de verdade, rumo a alguma casa ou aldeia onde eu possa me refazer. Em troca, darei de presente esta faca e este bracelete — disse, tirando os objetos do bolso.

As duas criaturas permaneceram em silêncio enquanto eu falava, parecendo ouvir com grande atenção. Quando terminei, relincharam um para o outro, como se conversassem entre si. Notei que sua língua expressava os sentimentos muito bem. Suas palavras poderiam ser transcritas em nosso alfabeto mais facilmente do que o chinês.

Pude distinguir, várias vezes, a palavra “Yahoo”. Quando se calaram, pronunciei “Yahoo” em voz alta, imitando, ao mesmo tempo, o relincho de um cavalo. Ficaram visivelmente surpresos com isso. Um deles repetiu a mesma palavra duas vezes, como que desejando ensinar-me a pronúncia correta. Eu voltei a dizê-la o melhor que podia. Então, o outro me pôs à prova com uma segunda palavra, muito mais difícil de ser pronunciada — algo como:

— Houyhnhnm.

Não tive o mesmo sucesso que da primeira vez, mas após duas ou três tentativas, melhorei. Pareceram, os dois, espantados com minha capacidade.

Depois de mais conversa entre si, provavelmente a meu respeito, os dois amigos se despediram, com o mesmo cumprimento de tocar o casco um do outro. Então, um deles fez sinais para que eu caminhasse à sua frente. Achei prudente obedecer, até encontrar guia melhor. Quando eu diminuía o passo, ele gritava:

— Hhunn, hhunn.

Eu dava a entender, como podia, que estava cansado e incapaz de caminhar mais rápido. Diante disso, ele parava um pouco para me deixar descansar.

Capítulo 2

O autor conduzido por um Houyhnhnm para sua casa. Descrição da casa. A recepção ao autor. A comida dos Houyhnhnms. Como o autor se alimentava naquele país.

Depois de viajar por umas três milhas, chegamos a um edifício longo, feito de tronco de árvore. O teto era baixo e coberto de palha. O cavalo fez sinal para eu entrar primeiro. Era uma sala grande, com chão de terra batida e um cocho num dos lados. Estavam ali três cavalos e duas éguas, alguns deles ocupados em tarefas domésticas, o que mais me espantou. Pensei comigo mesmo:

— Um povo capaz de civilizar animais irracionais deve certamente superar em sabedoria todas as nações do mundo!

O cavalo que me levava até ali entrou em seguida e impediu que me tratassem mal. Relinchou para eles várias vezes demonstrando autoridade e recebeu respostas.

Além dessa sala, havia outras três, em que se entrava por três portas. Dirigimo-nos para a terceira sala. Meu acompanhante entrou nela primeiro, acenando para que eu aguardasse. Aguardei na segunda sala, preparando meus presentes para o dono e a dona da casa. O cavalo relinchou três ou quatro vezes e eu esperei ouvir algumas respostas em voz humana, mas ouvi somente o mesmo dialeto, num tom um pouco mais agudo. Comecei a pensar que a casa deveria pertencer a algum personagem de importância entre eles, em vista de tamanha cerimônia para me permitir a entrada. Mas não conseguia compreender como um tal homem fosse servido unicamente por cavalos. Estaria eu ficando louco ou tudo não passava de um sonho? Belisquei-me para acordar. Concluí, então, que tudo aquilo deveria ser fruto de feitiçaria ou mágica. Mas logo o cavalo veio para a porta e fez sinal para que eu seguisse, entrando na terceira sala. Ali vi uma belíssima égua,

junto com dois potros.

A égua, assim que entrei, veio para perto de mim e olhou-me com o maior desprezo. Então se voltou para o cavalo, e ouvi a palavra “Yahoo” repetida várias vezes. Não sabia seu significado. Logo, porém, seria melhor informado, para minha eterna aflição. O cavalo acenou com a cabeça para mim, repetindo:

— Hhuun, hhuun.

Entendi que deveria segui-lo. Levou-me, então, a um outro edifício, a alguma distância da casa. Entrei e vi três daquelas detestáveis criaturas que eu encontrara por primeiro ao desembarcar. Alimentavam-se de raízes e da carne de alguns animais, que depois soube serem burros e cães. Às vezes, comiam a carne de alguma vaca morta por acidente ou doença. Estavam todos amarrados pelo pescoço e presos a uma trave. Seguravam a comida com as garras das patas dianteiras e a rasgavam com os dentes.

O cavalo-mestre ordenou a um alazão,⁵¹ seu criado, que desamarrasse o maior desses animais e levasse para um pátio. A besta e eu fomos levados para bem perto um do outro e nossas feições comparadas atentamente pelo senhor e seu criado, que repetiram várias vezes:

— “Yahoo”.

É impossível descrever meu horror e meu espanto, quando notei, nesse animal abominável, uma figura humana completa, apesar do rosto achatado, do nariz mais fundo, os lábios grandes e a boca larga. As patas dianteiras do Yahoo diferiam de minhas mãos só pelo comprimento das unhas, a aspereza e o escuro das palmas, bem como pelo dorso peludo. Havia a mesma semelhança entre nossos pés e as patas traseiras, com as mesmas diferenças.

A grande dificuldade que parecia confundir os dois cavalos era ver que o resto de meu corpo era tão diferente do de um Yahoo. É que eu estava com minhas roupas, coisa que jamais tinham visto antes. O alazão me ofereceu uma raiz. Peguei-a em minhas mãos, cheirei-a e devolvi-a com toda educação. Foi buscar um pedaço de carne de burro, mas fedia tão repulsivamente que eu me afastei

⁵¹*Alazão*: cavalo de cor amarelo-avermelhada.

dela. O cavalo, então, lançou-a ao Yahoo, que a devorou com gosto. Depois, mostrou-me feno e aveia, mas eu sacudi a cabeça dando a entender que nada daquilo era comida para mim. Receava, agora, morrer de fome se não encontrasse alguém da minha espécie. Quanto àqueles Yahoos imundos, por mais que eu amasse a humanidade, devia confessar jamais ter visto um ser animado tão abominável em todos os aspectos. Quanto mais me aproximava deles, tanto mais detestáveis se mostravam. O cavalo-mestre notou meu comportamento e, por isso, pôs o Yahoo de volta na sua toca.

O cavalo fez-me sinais que davam a entender sua preocupação com o que eu iria comer. De repente, notei uma vaca que passava por ali. Apontei para ela expressando o desejo de ordenhá-la. Isso funcionou, pois ele me levou de volta à casa. Ali, ordenou que uma égua-criada abrisse um aposento onde havia um bom estoque de leite em vasilhas de barro e de madeira. Ela me deu uma grande tigela bem cheia. Bebi com grande prazer e senti-me revigorado.

Por volta do meio-dia, vi aproximar-se da casa uma espécie de veículo, puxado por quatro Yahoos. Nele ia um velho corcel, que parecia ser importante. Viera almoçar com nosso cavalo, que o recebeu com muita educação. Depois de comer aveia e feno no cocho, o dono da casa e o convidado conversaram muito a meu respeito. Via-os olhar várias vezes para mim, repetindo freqüentemente:

— “Yahoo”.

Durante o almoço, o dono me ensinou os nomes para aveia, leite, fogo, água e mais alguns outros. Era fácil para mim, que desde a juventude tivera grande capacidade de aprender idiomas.

Acabado o almoço, o cavalo-mestre se dirigiu a mim à parte e, por sinais e palavras, fez-me entender sua preocupação por eu não ter nada para comer. Aveia, em sua língua, é “hlunnh”. Pronunciei essa palavra duas ou três vezes, pois, embora a tivesse recusado no começo, achei que poderia fazer uma espécie de pão com ela. O cavalo imediatamente mandou que uma égua-criada trouxesse uma boa quantidade de aveia. Aqueci-a no fogo o melhor que pude, para tirar-lhe a casca. Depois, moí-a e, com água, fiz uma pasta,

que assei no fogo e comi com leite. Com o tempo, aquela dieta insípida⁵² se tornou suportável. Não era a primeira vez que eu passava apertado na vida e via como podemos satisfazer facilmente nossas necessidades naturais. Às vezes, caçava um coelho ou um pássaro com redes feitas de pêlo de Yahoos. Também colhia ervas, que eu fervia para comer como salada acompanhando meu pão. De vez em quando, fazia um pouco de manteiga. A princípio, sentia muita falta do sal, mas habituei-me. Foi esta a minha dieta nos três anos que permaneci naquele país.

Ao se aproximar o cair da noite, o cavalo-mestre providenciou um lugar para eu me alojar, separado do estábulo dos Yahoos. Ali juntei alguma palha e, cobrindo-me com minhas próprias roupas, dormi muito profundamente.

⁵²*Insípido*: sem sabor.

Capítulo 3

O autor estuda a língua, ajudado pelo Houyhnhnm que é seu dono. Vários Houyhnhnm importantes aparecem para ver o autor. Ele faz a seu dono um breve relato de sua viagem.

Concentrava meus esforços em aprender a língua, que meu dono e seus filhos, bem como todo criado da casa, estavam desejosos de ensinar-me. Consideravam um prodígio que um animal irracional desse tantas mostras de razão. Eu apontava para cada coisa e perguntava seu nome, que anotava em meu diário.

Ao falar, pronunciavam os sons pelo nariz e garganta e sua língua lembra o holandês ou o alemão. A curiosidade e impaciência de meu dono eram tão grandes que ele gastava muitas horas de seu lazer instruindo-me. Estava convencido de que eu era um Yahoo, mas minha capacidade de aprender, minha educação e asseio o espantavam. É que essas qualidades eram o oposto das daqueles animais. O que o deixava mais perplexo eram minhas roupas:

— Serão parte do seu corpo ou não? — ruminava ele consigo mesmo.

Meu dono estava ansioso para saber de onde eu viera, como adquirira aquelas mostras aparentes de razão que notava em todas as minhas ações e minha história, de minha própria boca. Para ajudar minha memória no aprendizado da língua, eu transcrevia as palavras no nosso alfabeto, com a devida tradução. Foi difícil explicar a meu dono o que eu estava fazendo, pois os habitantes não têm a menor idéia do que sejam livros ou literatura.

Em cerca de dez semanas, estava apto a compreender a maior parte de suas perguntas e, em três meses, a dar respostas toleráveis. Meu dono estava extremamente curioso para saber de que parte do país eu viera e como aprendera a imitar uma criatura racional.

Afinal, os Yahoos (com os quais eu parecia) eram, sabidamente, os animais menos capazes de aprender alguma coisa. Respondi que vinha do mar, de um lugar distante, onde havia muitos outros como eu. Contei como fora abandonado ali pelos companheiros de meu navio. Foi só com alguma dificuldade e com o auxílio de muitos sinais que pude me fazer entender.

— Você deve estar enganado — replicou ele. Ou está dizendo *coisa que não é* (eles não têm palavra, em sua língua, para dizer “mentira”). É impossível haver um país além do mar ou que um bando de irracionais possa navegar numa embarcação de madeira.

A palavra “Hoyhnhnm”, na língua deles, significa “cavalo”; na origem, seu sentido é “a perfeição da natureza”.

Na casa, todos aproveitavam qualquer oportunidade para me ensinar. Vários cavalos e éguas importantes, moradores das redondezas, vinham ver aquele maravilhoso Yahoo que podia falar como um Houyhnhnm e parecia ser dotado de alguma razão. Gostavam de conversar comigo. Em cinco meses, fiz tão grande progresso que podia compreender tudo o que me diziam e expressar-me razoavelmente bem.

Toda noite, quando a família ia para a cama, costumava despir-me e cobrir-me com minhas roupas. Mas um dia de manhã bem cedo, o criado alazão de meu dono chegou quando eu ainda dormia profundamente. Minhas roupas estavam caídas a um canto e minha camisa acima da cintura. Acordei com o barulho que ele fez. Ele saiu ao encontro de meu dono e, muito assustado, fez-lhe um relato confuso do que vira. Vesti-me e fui ao seu encontro. Perguntou-me que significava o que seu criado contara, isto é, que eu não era, dormindo, a mesma coisa que parecia ser acordado. Seu criado garantia que algumas partes de mim eram brancas, outras amarelas ou pelo menos não tão brancas, e algumas marron.

Até aqui, eu escondera o segredo de minhas roupas, para me distinguir o mais possível da raça maldita dos Yahoos. Agora era inútil continuar a fazê-lo. Disse, então, a meu dono:

— No país de onde venho, os de minha espécie sempre cobrem seus corpos com os pêlos de certos animais, tratados artificialmente. Fazemos isso por pudor e para nos proteger do calor e do frio.

— Estranhas palavras — respondeu ele. Não consigo entender como a natureza poderia nos ensinar a esconder o que a própria natureza nos deu. Nem eu nem minha família temos vergonha de alguma parte de nossos corpos.

Despi-me, deixando apenas minha camisa amarrada na cintura como uma espécie de cinto. Meu dono observou o que eu fazia com curiosidade e admiração. Examinou minhas roupas atentamente e, então, tocou meu corpo muito delicadamente. Depois, disse que eu era um perfeito Yahoo, mas que diferia deles pela brancura e suavidade da pele, a falta de pêlo em algumas partes do corpo, o formato e o comprimento das garras e minha mania de caminhar sobre as patas traseiras. Por fim, deixou-me vestir de novo minhas roupas, pois eu tremia de frio.

Expressei-lhe meu desconforto ao vê-lo chamar-me de Yahoo, aquele animal asqueroso, que eu odiava e desprezava tanto. Supliquei que evitasse chamar-me assim e ordenasse o mesmo a toda a sua família e aos amigos que vinham me visitar. Pedi, também, que o segredo do falso revestimento de meu corpo não fosse revelado a ninguém. Meu dono concordou com tudo e dali por diante redobrou os esforços para me instruir em sua língua. Estava impaciente para ouvir as maravilhas que eu prometera lhe contar.

Um dia, narrei-lhe como chegara até seu país num navio. Perguntou-me, então:

— Mas quem fez esse navio? Como é possível que os Houyhnhnms de seu país deixem isso nas mãos dos animais irracionais?

Disse que lhe responderia se ele me desse sua palavra de que não se ofenderia com o que lhe iria contar. Concordou. Então, garanti-lhe que o navio fora construído por criaturas como eu, que eram os únicos animais racionais dominantes, não só em meu país como em todos os outros que eu conhecera em minhas viagens. Continuei:

— Ao chegar, espantei-me ao ver os Houyhnhnms agindo como seres racionais, assim como você e seus amigos ao descobrir sinais de razão num ser que vocês chamam Yahoo. Reconheço a minha semelhança com esse animal, mas não encontro explicação

para sua natureza degenerada e brutal.

Acrescentei que se a boa sorte me fizesse regressar a meu país natal, quando contasse minhas viagens, todo mundo acreditaria que eu *disse a coisa que não era*, que eu inventei a história toda:

— Com todo respeito a você, sua família e seus amigos, meus compatriotas dificilmente acharão possível que um Houyhnhnm seja a criatura que domina um país e o Yahoo, um ser irracional.

Capítulo 4

A noção de verdade e mentira dos Houyhnhnms. O discurso do autor desaprovado por seu dono. O autor informa mais detalhadamente sobre si mesmo e os incidentes de sua viagem.

Meu dono ouviu-me com grande manifestação de desconforto em seu semblante. É que *duvidar* ou *não acreditar* são tão pouco conhecidos neste país que seus habitantes não sabem muito bem como se comportar em tais circunstâncias. Só com grande dificuldade conseguia fazê-los entender o que eu queria dizer ao falar em *mentira* e *falsidade*. Assim raciocinava meu dono:

— A utilidade da fala é fazer-nos compreender uns aos outros e receber informação a respeito dos fatos. Ora, se alguém *disser a coisa que não é*, esses objetivos não são atingidos, pois nesse caso não estou realmente entendendo a outra pessoa nem sendo informado como convém.

Era essa a sua noção da capacidade de *mentir*, tão universalmente praticada entre os seres humanos.

Mas quando afirmei que os Yahoos eram os únicos animais dominantes em meu país, desejou saber se tínhamos Houyhnhnms entre nós e qual a sua função. Contei-lhe que os tínhamos em grande número:

— No inverno, são mantidos em casas, com feno e aveia. Os criados Yahoos têm o encargo de deixar-lhes o pêlo bem liso, pentear suas crinas, limpar suas patas, dar-lhes comida e preparar suas camas.

— Estou entendendo — disse meu dono. Os Houyhnhnms são seus amos; gostaria tanto que nossos Yahoos fossem mansos assim!

— Desculpe-me, senhor, repliquei, pelo que vou dizer. Estou certo de que lhe será desagradável. Os Houyhnhnms entre nós são

chamados “cavalos” e são os animais mais generosos e graciosos que temos. Superam os outros em força e velocidade. Uns são tratados com muita bondade e atenção. Quando morrem, suas peles são arrancadas e vendidas, e seus corpos abandonados, para que cães e aves de rapina os devorem. Mas a raça comum dos cavalos não tem tanta sorte, nas mãos de lavradores e carroceiros que lhes dão maiores trabalhos e pior comida.

Descrevi, depois, nossa maneira de cavalgar e os apetrechos que usamos para isso. Falei-lhe das ferraduras, explicando como eram feitas e para que serviam.

Meu dono, após algumas manifestações de grande indignação, espantou-se:

— Como vocês têm coragem de montar em cima de um Houyhnhnm? Afinal, o mais fraco dos meus criados seria capaz de derrubar o mais forte dos Yahoos!

Respondi que nossos cavalos eram treinados desde a idade de três ou quatro anos para as várias funções. Prossegui assim:

— Se alguns deles se mostram intoleravelmente rebeldes, são empregados em carruagens. São duramente golpeados, quando jovens, a cada birra manhosa. Os machos destinados a serem cavalgados são castrados cerca de dois anos depois de seu nascimento, para torná-los mais mansos. Não têm o menor verniz de razão, exatamente como os Yahoos em seu país.

É impossível expressar sua revolta diante do tratamento selvagem da raça houyhnhnm. Disse:

— Se é possível haver algum país onde só os Yahoos sejam dotados de razão, eles ali serão certamente os animais dominantes. Afinal, a razão sempre será mais poderosa que a força bruta. Mas, a julgar pelo corpo que você tem, nenhuma criatura desse tamanho está menos preparada para empregar a razão nas tarefas cotidianas da vida. Os seres com os quais você convive se parecem mais com você ou com os Yahoos de meu país?

— Sou tão bem modelado quanto a maior parte dos que têm a minha idade. Mas os mais moços e as fêmeas são muito mais delicados e tenros — respondi.

— Você difere dos nossos Yahoos por seu asseio e por não ser tão disforme. Mas difere para pior. Suas garras não servem para

nada. Quanto a suas patas dianteiras, nem posso chamá-las assim, pois nunca vi você caminhar sobre elas. São macias demais para agüentar o contato com o chão. Não pode caminhar com segurança, pois se uma de suas patas traseiras escorregar, é certeza que você cairá.

Então, começou a encontrar defeitos em outras partes do meu corpo: meu rosto achatado, o nariz proeminente, os olhos colocados na frente, de tal forma que eu não podia olhar para os lados sem mexer a cabeça. De resto, todo o meu corpo não tinha defesa contra o calor e o frio. Por fim, disse que todos os animais de seu país detestavam naturalmente os Yahoos. Supondo que fôssemos dotados de razão, como poderíamos vencer a antipatia natural que toda criatura demonstrava contra nós?

Contudo, não quis discutir mais a questão, pois desejava mesmo era conhecer minha história e o país de onde viera.

Disse-lhe que nascera numa ilha chamada Inglaterra, muito distante daquele seu país. Que estudara para ser médico-cirurgião, cuja função era curar feridas e machucados do corpo. Que meu país era governado pela fêmea de um homem, que nós chamávamos “rainha”:

— Deixei-o para obter riquezas com as quais sustentar a mim mesmo e a minha família quando retornar. Em minha última viagem, comandava o navio. Tinha cerca de cinqüenta Yahoos sob minhas ordens. Muitos morreram no mar e eu fui obrigado a acolher outros, de várias nações.

— Mas como você conseguiu convencer estrangeiros de diferentes países a se aventurar junto com você pelos perigos do mar? — interrompeu o meu dono.

Respondi que eram pessoas em situação desesperadora, forçadas a fugir da sua terra natal, por causa da pobreza ou dos crimes que tinham cometido por lá.

Durante a conversa, meu dono me interrompeu várias vezes. Eu tive de recorrer a muitos rodeios para descrever a ele os vários tipos de crimes que levaram nossa tripulação a fugir da terra natal. Foi só depois de vários dias de conversa que ele pôde me compreender. É que não conseguia entender qual seria a utilidade ou a necessidade de praticar crimes. Para esclarecer, tive de dar-lhe

alguma idéia a respeito de nosso desejo de poder e riquezas, dos terríveis efeitos da cobiça, do excesso, da maldade e da inveja. Meu dono erguia os olhos com espanto e indignação. Não havia, na língua do país, palavras para “poder”, “governo”, “guerra”, “lei”, “punição” e milhares de outras coisas.

Muito inteligente, meu mestre por fim chegou a um entendimento perfeito do que o ser humano era capaz de fazer em nossa região do mundo. Finalmente, pediu que eu lhe contasse algo sobre a terra chamada Europa e sobre meu próprio país.

Capítulo 5

O autor, atendendo às ordens de seu dono, informa-o sobre a situação de seu país. Causas da guerra entre os soberanos da Europa.

Em obediência às ordens de meu dono, contei-lhe a longa guerra entre a França e a Inglaterra, que ainda estava em curso. Calculei, a seu pedido, que cerca de um milhão de Yahoos deveriam ter morrido nela. Umas cem cidades ou mais teriam sido, talvez, capturadas, e um número cinco vezes maior de navios queimados ou afundados. Perguntou-me, então:

— Quais as causas ou as razões que normalmente fazem um país travar guerra com outro?

— São incontáveis — respondi. Mencionarei algumas dentre as principais. Por vezes, a ambição dos governantes, que nunca pensam que têm terra ou povo suficientes para governar. Por vezes, a corrupção de seus ministros. Eles envolvem seu líder numa guerra para desviar a atenção dos governados contra sua má administração. Divergência de opinião também tem custado milhões de vidas. Mata-se, por exemplo, para discutir se *assobiar* é um vício ou uma virtude, qual a melhor cor para um casaco, *branca, preta, vermelha* ou *cinza* — e muitas outras ninharias do mesmo tipo. São mais violentas e sangrentas, mais longas e consideradas mais *importantes*, as guerras provocadas por divergência de opinião, especialmente a respeito de coisas sem nenhuma *importância*.

Por vezes, dois governantes vão à luta para decidir qual dos dois vai se apoderar do reino de um terceiro. Mas sem que nenhum dos dois tenha algum direito sobre ele. Às vezes, um governante vai à luta com outro por medo de que esse outro vá à luta com ele. Considera-se causa muito justa de guerra invadir um país depois que seu povo foi devastado pela fome, destruído por doenças ou mergulhado em disputas políticas internas. Se um governante envia

tropas para uma nação onde o povo é pobre e ignorante, pode legalmente matar metade dele e escravizar o restante, para lhes trazer a civilização e livrá-los do estado bárbaro em que viviam.

A profissão de *soldado* é a mais honrada de todas, pois um *soldado* é um Yahoo contratado para matar a sangue-frio o maior número possível de outros de sua própria espécie. Homens que nunca lhe fizeram mal algum.

Aqui, interveio meu dono:

— Ainda bem que a natureza fez vocês de tal forma que não podem causar muitos danos. Afinal, suas bocas estão no mesmo nível de seus rostos, o que torna difícil vocês se morderem uns aos outros. Quanto a suas garras, são tão curtas e macias que um só de meus Yahoos poria uns doze de vocês para correr. E, levando em conta o número dos mortos em batalha, não posso deixar de pensar que você *disse a coisa que não é*.

Não pude deixar de sacudir a cabeça e sorrir um pouco diante de sua ignorância. E dei-lhe uma descrição dos canhões, carabinas, pistolas, balas, pólvora, espadas, baionetas, cercos, retiradas, ataques, minas, bombardeios, batalhas navais, navios afundados com mil homens, vinte mil mortos de cada lado, gemidos, mutilações, fumaça, barulho, confusão, fuga, perseguição, vitória, campos cheios de cadáveres, saques, incêndios e destruição. E, para valorizar ao máximo o valor de meus queridos compatriotas,⁵³ garanti-lhe:

— Eu mesmo os vi lançarem pelos ares cem inimigos ao mesmo tempo durante um cerco e outros cem num navio. Caíam pedaços de corpos das nuvens, espetáculo que divertia muito todos os presentes.

Ia continuar, mas meu dono me ordenou que silenciasse. Disse-me:

— Quem sabe como são os Yahoos, não tem dificuldade em acreditar que um animal tão vil possa mesmo fazer tudo isso que você me contou. Mas eu odeio os Yahoos de meu país como odeio uma ave de rapina por sua crueldade ou uma pedra afiada por

⁵³Note a ironia do autor, que, na verdade, está criticando duramente os ingleses de sua época.

cortar meu casco. Agora, se uma criatura que se pretende racional pratica essas monstruosidades, tenho medo de que a deturpação da razão seja pior do que ausência total dela. Estou certo de que vocês não possuem razão, mas somente alguma outra qualidade apropriada para aumentar seus vícios naturais.

Meu dono não queria mais que se tocasse no assunto da guerra. Passei a lhe falar, então, sobre nossas leis e nosso sistema judiciário:

— Existe um grupo de homens, entre nós, educados desde a mocidade na arte de provar que branco é preto e preto é branco, conforme lhes pagam. Para esse grupo, as outras pessoas não passam de escravos. Chamam-se advogados.

Por exemplo, se meu vizinho deseja ficar com minha vaca, contrata um advogado para provar que ele deve tirá-la de mim. Eu, então, tenho de contratar um outro para defender meu direito. Ora, meu advogado vem praticando, quase desde o berço, a arte de defender a falsidade e por isso se sente como peixe fora da água quando tem de lutar pela justiça. Só se dedica a isso de má vontade. Quanto aos que vão julgar o caso, o senhor deve saber como são os juízes. São escolhidos entre os advogados mais experientes, quando se tornam velhos ou preguiçosos. Tendo passado a vida toda inclinados contra a verdade e a justiça, sentem a necessidade de favorecer a fraude, a falsidade e a opressão. Uma vez, ofereceram a um juiz suborno para defender uma causa justa. Ele recusou, mas só para não trair os princípios de seu grupo defendendo a justiça.

Quando defendem uma causa, os advogados evitam cuidadosamente tocar no que realmente interessa. Mas são barulhentos, violentos e aborrecidos quando tratam de todas as circunstâncias que não têm nenhuma importância. Por exemplo, no caso que mencionei: eles nunca querem saber que direito meu adversário tem para reclamar minha vaca, mas se a vaca é vermelha ou preta, se os chifres são compridos ou curtos, e coisas assim. Depois disso, consultam outros casos semelhantes, os chamados *precedentes*, vão adiando sempre a causa e em dez, vinte ou trinta anos chegam a um resultado.

Esse grupo possui uma linguagem toda especial, que nenhum

mortal é capaz de entender. Nela são redigidas as leis. Tomam todo cuidado para multiplicá-las, fazendo com que se confunda totalmente verdade e mentira. Assim, leva-se trinta anos para decidir se um campo que herdei de meus ancestrais pertence a mim mesmo ou a algum estranho a trezentas milhas dali.

Aqui, meu dono interveio de novo:

— É pena que tais criaturas com tão incríveis habilidades como são esses advogados não sejam encorajados a educarem os outros na sabedoria e no conhecimento!

— Posso lhe garantir — respondi: quando não se trata de sua própria profissão, são geralmente as pessoas mais ignorantes e estúpidas entre nós. Na conversa do dia-a-dia, são as mais desprezíveis, inimigos declarados de todo conhecimento e aprendizado. Além disso, estão sempre dispostos a deturpar a razão humana em qualquer tema de discussão.

Meu dono não podia entender que motivos incitariam essa raça de advogados a tantos esforços para prejudicar seus semelhantes. Nem compreendia o que eu queria dizer ao empregar a palavra “contratar”. Tive muita dificuldade para lhe descrever o uso do *dinheiro*. Disse-lhe:

— Quando um Yahoo tem um grande estoque dessa substância preciosa, pode conseguir o que quiser: as roupas mais finas, as melhores casas, terras, comidas e bebidas caras, além da escolha das mulheres mais belas. Por isso, como só o *dinheiro* é capaz disso, nossos Yahoos nunca acham que o têm em quantidade suficiente para gastar ou poupar, conforme são inclinados ao consumismo ou à avareza. Os ricos desfrutam do trabalho dos pobres, que são mil vezes mais numerosos que os primeiros. A maior parte de nosso povo é obrigada a levar uma vida miserável, trabalhando todo dia com um salário pequeno, para que uns poucos vivam com fartura.

Capítulo 6

*O grande amor do autor por sua terra natal.
Observações de seu dono sobre a natureza humana.*

O leitor pode estranhar que eu traçasse um quadro tão franco da minha própria espécie aos Houyhnhnms. Estes, devido à minha semelhança com os Yahoos, já se inclinavam a ter a pior opinião possível a respeito do ser humano. Mas as muitas qualidades daqueles excelentes *quadrúpedes*, tão opostas aos vícios humanos, tinham aberto meus olhos até para enxergar os meus próprios defeitos. Eu aprendera, também, com o exemplo de meu dono, a ter ódio supremo a toda espécie de falsidade e hipocrisia. A verdade me pareceu tão adorável que estava determinado a sacrificar tudo por ela.

Não tinha passado um ano no país e já sentia grande amor e respeito por seus habitantes. Tão grande, que decidira nunca mais voltar para junto do gênero humano, mas, sim, passar o resto da minha vida entre aqueles admiráveis Houyhnhnms. O destino, porém, meu perpétuo inimigo, determinou que eu não teria tal felicidade.

Um dia, meu dono mandou me chamar. Ordenou que eu sentasse a uma certa distância e disse:

— Pensei seriamente em tudo que você me contou. Vocês são uma espécie dotada de uma pontinha de razão. Porém, só conseguem usá-la para piorar seus vícios naturais e adquirir novos outros que a natureza não deu. Vocês estão sempre sentindo falta de alguma coisa mais, sempre com novas necessidades e passam a vida toda tentando satisfazê-las com suas invenções. Suas instituições e suas leis atestam os erros grosseiros de sua razão, já que a razão já basta para governar uma criatura realmente racional. Quem é racional, não precisa de instituições e leis.

Os Yahoos, sabidamente, detestam-se uns aos outros mais do que detestam outras espécies animais. A razão das disputas entre

eles em meu país são as mesmas do seu. Afinal, basta lançar em meio a cinco Yahoos comida suficiente para cinquenta e eles, ao invés de comer em paz, começarão a morder a orelha um do outro para ficar com tudo só para si. A diferença é que se matam raramente por não terem os instrumentos de morte que você mencionou.

Nada torna os Yahoos mais odiosos que seu apetite insaciável para devorar tudo o que fica no seu caminho: ervas, raízes, grãos, carne podre de animais. É característico deles desejarem mais o que podem obter roubando do que comida muito melhor preparada para eles em casa.

Quanto a governo, ouvi dizer que na maioria dos bandos de Yahoos, há uma espécie de Yahoo presidente. Tem sempre o corpo mais deformado e a índole mais perversa. Esse *líder* tem, geralmente, um favorito o mais parecido possível com ele próprio. Seu cargo consiste em lambar os pés e o traseiro de seu chefe e levar as fêmeas Yahoos para sua toca. Por essa tarefa, é recompensado com um pedaço de carne de burro. Mas em que medida isso tem a ver com as cortes, favoritos e ministros de Estado de seu país, você deve saber melhor que eu.

Há outras características notáveis nos Yahoos, que você não mencionou a falar dos seus semelhantes. Os machos brigam e lutam com as fêmeas com a mesma ferocidade com que o fazem entre si. Nenhum outro ser animado chega a tal grau de brutalidade infamante!

Capítulo 7

O autor menciona várias características dos Yahoos. As grandes virtudes dos Houyhnhnms. Seus costumes.

Muitas vezes roguei a meu amo que me deixasse chegar perto dos rebanhos de Yahoos da vizinhança. Sempre concordava de muito bom grado. Estava certo de que meu ódio por eles não me deixaria, jamais, ser contaminado. Ordenava que um de seus criados, um forte e honesto alazão, me servisse de guarda para me proteger. Por três ou quatro vezes eu quase chegara a cair nas garras desses animais detestáveis, ao me aventurar um tanto longe sem a minha adaga. Pareciam achar que eu era de sua espécie. Quando tirava minhas luvas e mostrava meus braços e peito, na presença de meu protetor, aproximavam-se e imitavam minhas ações como macacos. Nessas ocasiões, demonstravam grandes sinais de ódio.

São incrivelmente ágeis desde a infância. Uma vez, peguei um jovem macho de três anos e tentei acalmá-lo com todas as marcas de afeto possíveis. Mas o diabinho começou a berrar, a arranhar e a morder com tanta violência que fui obrigado a soltá-lo. Notei que a carne do jovem animal cheirava horrendamente e o odor era algo entre uma doninha e uma raposa, mas muito mais desagradável.

Os Yahoos parecem ser, de todos os animais, os menos inclinados ao aprendizado. Sua capacidade nunca vai além de arrastar ou carregar peso. Na minha opinião, esse defeito nasce de sua índole perversa e teimosa, pois são espertalhões, maldosos, traiçoeiros e vingativos. São fortes e vigorosos, mas covardes, insolentes, vis e cruéis.

Os Houyhnhnms mantêm os Yahoos que estão sendo usados no momento em palhoças não muito distantes da casa. Mas os outros são mandados para certos campos. Ali escavam raízes, comem vários tipos de erva e procuram carniça ou doninhas e ratos

selvagens.

Nadam desde a infância como sapos e são capazes de ficar por muito tempo embaixo da água. Apanham peixe, que as fêmeas levam para seus filhotes.

Quanto aos Houyhnhnms, são dotados pela natureza de uma inclinação a todas as virtudes. Não podem sequer imaginar a existência do mal numa criatura racional. Por isso, seu grande lema é cultivar a *razão* e ser totalmente governado por ela.

Amizade e bondade são as duas principais virtudes entre os Houyhnhnms. Mas não são dirigidas a todos os da sua raça. Mantêm sempre a *decência* e a *polidez*, mas desconhecem totalmente a *cerimônia*. Não têm afeto particular por seus filhos, mas os educam guiados pela *razão*. Notei que meu amo demonstrava a mesma afeição pelo filho do vizinho que pelo seu próprio.

Na união dos sexos, o *vigor* é muito apreciado no macho e a *beleza* na fêmea. Para evitar que a raça degenera, quando acontece de uma fêmea se sobressair pelo vigor, escolhe-se para ela um esposo que se sobressaia em beleza. Namoro, amor, presentes e dote não têm lugar em seus pensamentos nem há palavras para expressá-los em sua língua. O jovem casal se encontra e se une simplesmente porque assim determinaram seus pais e amigos. Nunca se ouviu falar ali em adultério. Os casados passam a vida na mesma amizade e bondade mútua que dirigem ao restante da espécie, sem ciúmes, carinhos, brigas ou descontentamento.

Moderação, empenho, exercício e asseio são as lições ensinadas igualmente aos meninos e meninas. Meu amo achou monstruoso o fato de nós darmos às fêmeas uma educação diferente da dos machos, exceto por certas questões de administração da casa.

Os Houyhnhnms treinam seus jovens em força, velocidade e vigor, exercitando-os em corridas por caminhos difíceis. Quatro vezes por ano, há festivais onde os jovens competem. Quem vence é recompensado com uma canção feita em seu nome.

De quatro em quatro anos, reúne-se o conselho representativo da nação, por cinco ou seis dias. Discutem a situação do país: “Há, em algum distrito, abundância ou falta de feno, aveia, vacas,

Yahoos?” Onde há falta (o que é raro), tratam de suprir o distrito, com o consentimento e a contribuição de todos.

Capítulo 8

Um grande debate na assembléia geral dos Houyhnhnms. Outras características desse povo.

Realizou-se durante minha estada no país uma dessas grandes assembléias, uns três meses antes de minha partida. Meu amo era o representante de nosso distrito. Ao dela voltar, fez-me um relato do que se discutira.

A questão a ser debatida era se os Yahoos deveriam ser exterminados da face da terra. Um dos presentes defendia que sim:

— Os Yahoos são os animais mais imundos, nocivos e disformes que a natureza produziu. São também os mais teimosos e indóceis, perversos e maldosos. As escondidas, sugam as tetas das nossas vacas, matam e devoram nossos gatos, pisam em nossa aveia e nossa relva. Segundo a tradição, os Yahoos não estiveram sempre em nosso país. Conta-se que há muito tempo atrás dois desses animais apareceram numa montanha, ninguém sabe como. Procriaram e em pouco tempo se tornaram tão numerosos a ponto de infestar o país todo. Nossos compatriotas, com essa idéia de empregar a espécie para certos serviços, deixou de lado a raça dos burros, belo animal, fácil de manter, manso e ordeiro. Seus zurrões não têm um som agradável, mas são preferíveis aos uivos horríveis dos Yahoos.

Vários outros expressaram os mesmos sentimentos. Então, meu amo tomou a palavra:

— Os dois Yahoos mencionados como os primeiros vieram do mar. Depois, retiraram-se para as montanhas e degeneraram pouco a pouco. Com o tempo, tornaram-se muito mais selvagens do que os de sua própria espécie no país de onde tinham vindo. Digo isso porque tenho em meu poder um maravilhoso Yahoo, de que vocês já devem ter ouvido falar. Seu corpo é todo coberto com uma mistura artificial de peles e pêlos de outros animais. Fala com uma língua própria e já aprendeu a nossa. Contou-me como chegou até

aqui. Ao vê-lo sem a sua cobertura, pareceu-me um Yahoo sem tirar nem pôr. Tentou convencer-me de que em seu país e em outros, os Yahoos agem como animais dominantes e racionais e mantêm os Houyhnhnms como seus escravos. Notei nele todas as características da espécie, só que um pouco mais civilizada por um verniz de razão.

Depois, contou na assembléia sobre o costume de castrar os Houyhnhnms quando jovens, o que os deixava dóceis. E, por fim, sugeriu que se realizasse aquela operação, simples e segura, com os jovens Yahoos do país:

— Isso os tornará mais mansos e aptos para o serviço. Com o tempo, toda a espécie desaparecerá. Enquanto isso, devemos encorajar os nossos compatriotas a cultivar a raça dos burros, melhor que a dos Yahoos em todos os aspectos.

Foi o que meu amo achou conveniente me contar. Mas escondeu, então, um detalhe que me dizia respeito. Logo eu viria a sentir os efeitos infelizes dele. Daqui datam as desgraças posteriores de minha vida, como logo saberá o leitor.

Os Houyhnhnms não têm doenças entre eles; assim, não precisam de médicos. Contudo, possuem excelentes remédios feitos de ervas para curar machucados e cortes.

Calculam o ano pelo curso do sol e da lua, mas não o dividem em semanas.

Em *poesia*, superam todos os outros mortais. Em seus versos, cantam a amizade e a bondade ou elogios aos vencedores nas competições esportivas.

Suas construções são toscas⁵⁴ e simples, mas não sem conforto, e protegem bem do frio e do calor.

Os Houyhnhnms utilizam-se de suas patas com grande habilidade. Vi uma égua branca de nossa família enfiar uma linha numa agulha. Ordenham suas vacas, colhem a aveia e fazem todo tipo de trabalho que requer o uso das mãos.

Se conseguem evitar acidentes, morrem somente de velhice. Seus amigos e parentes não expressam nem sofrimento nem alegria em sua partida. Os moribundos não demonstram o menor sinal de

⁵⁴*Tosco*: rude, grosseiro.

lamento por estarem deixando o mundo. A palavra para “morrer” em sua língua é difícil de traduzir; significa “retirar-se para sua primeira mãe”.

Vivem, geralmente, até os setenta ou setenta e cinco anos, raramente até os oitenta. Algumas semanas antes da morte, sentem um abatimento geral, mas sem dor. Por esse tempo, são muito visitados pelos amigos. Depois, cerca de dez dias antes da morte, retribuem as visitas. Estão se despedindo solenemente de seus amigos, como se fossem partir para alguma região distante do país onde fossem passar o resto de suas vidas.

Os Houyhnhnms não têm nenhuma palavra em sua língua para expressar o mal. Recorrem, se necessário, às deformidades e más qualidades dos Yahoos. Quando o tempo, por exemplo, está feio, dizem:

— Que tempo-Yahoo!

Capítulo 9

A vida feliz do autor entre os Houyhnhnms. Seu grande aperfeiçoamento espiritual convivendo com eles. Suas conversas. Seu amo o informa de que ele deve deixar o país. Desmaia de dor, mas obedece. Constrói uma canoa e embarca.

Meu amo ordenara que me fizessem um aposento perto da casa. Fabriquei duas cadeiras com minha faca e a ajuda do cavalo alazão. Quando minhas roupas ficaram em farrapos, fiz eu mesmo outras com peles de lebre e de um outro animal do país. Quando o couro de meus sapatos se desgastou, substituí-o por peles de Yahoos secadas ao sol. Muitas vezes, extraía mel das árvores, que misturava com água ou comia com pão. Pude verificar a verdade destas máximas:

- A natureza se satisfaz facilmente.
- A necessidade é a mãe da invenção.

Gozei de perfeita saúde física e de tranqüilidade espiritual. Não sentia a traição ou a inconstância de um amigo nem as ofensas de um inimigo. Não tinha oportunidade de subornar, adular ou intrigar para obter favores de algum homem ilustre. Aqui não havia médico para destruir meu corpo nem advogado para arruinar minhas economias. Nem informante para vigiar minhas palavras e ações ou inventar acusações contra mim, pago por alguém. Aqui, não havia engraçadinhos, censores, caluniadores, batedores de carteira, bandidos, arrombadores, procuradores, intrigantes, bobos, jogadores, políticos, assassinos, ladrões. Nem lideranças ou partidos; nem encorajamento ao vício; nem prisões, nem donos de lojas e mecânicos trapaceiros. Nem orgulho, vaidade ou afetação. Nem pedantes estúpidos, orgulhosos. Nem companheiros importunos, barulhentos, superficiais. Nem lordes, violinistas, juizes ou professores de dança.

Concederam-me o favor de poder estar com vários

Houyhnhnms, que vinham visitar meu amo. Ele e sua companhia consentiam muitas vezes em fazer-me perguntas e receber minhas respostas. Por vezes, acompanhava meu amo em visitas a outros. Sentia enorme prazer em ser um humilde ouvinte das conversas entre os Houyhnhnms. Nelas, tudo o que se dizia era útil e expresso sem palavras desnecessárias.

Para minha grande admiração, meu amo parecia compreender a natureza dos Yahoos muito melhor do que eu próprio. Passava em revista todos os nossos vícios e tolices e descobria muitos que eu nunca lhe tinha mencionado. É que lhe bastava imaginar as características que um Yahoo de seu país poderiam expressar com uma pequena parcela de razão. Concluía:

— Como uma tal criatura deve ser vil e desgraçada!

Confesso com toda franqueza que o pequeno conhecimento que tenho da virtude foi adquirido pelas lições que recebi de meu amo e pelas conversas entre ele e seus amigos. Eu admirava a força, beleza e velocidade dos habitantes. Tantas virtudes juntas em pessoas tão amáveis provocavam em mim a mais alta veneração. Sentia por eles respeito, amor e gratidão.

Ao pensar em minha família, nos meus amigos e compatriotas, ou na raça humana em geral, via-os como realmente eram, Yahoos na forma e na índole, talvez um pouco mais civilizados e dotados de fala e razão. Mas desta última só usavam para desenvolver e multiplicar seus vícios. Quando acontecia de eu ver meu próprio corpo refletido num lago ou numa fonte, desviava meu rosto com horror e ódio a mim mesmo. Conseguia suportar melhor a visão de um Yahoo comum do que a de minha própria pessoa. Comecei a imitar o modo de andar e os gestos dos Houyhnhnms, o que se tornou um hábito. Muitas vezes meus amigos me dizem:

— Você está trotando como um cavalo!

Mas considero isso um grande cumprimento.

Em meio a essa felicidade, quando eu me achava instalado ali para sempre, certo dia de manhã meu amo mandou me chamar. Notei seu embaraço e sua dificuldade para falar o que tinha a dizer. Depois de um breve silêncio, disse-me:

— Não sei como você vai reagir ao que vou-lhe contar. Na

última assembléia, discutiu-se a questão dos Yahoos. Então, os representantes dos distritos me repreenderam por manter um desses animais em minha família, tratando-o mais como um Houyhnhnm do que como um ser irracional. Disseram que todos sabem que eu converso muito com você e que isso não é bom. A assembléia, então, incita-me a mandar que você nade de volta para o lugar de onde veio. Meus vizinhos me pressionam todo dia para que eu cumpra o *conselho* da assembléia. Já não posso adiar mais. Entretanto, duvido que você possa nadar para algum país; assim, você poderia construir um daqueles veículos que você me descreveu. Ele o transportaria pelo mar. Meus criados e meus vizinhos o ajudarão. De minha parte, gostaria de manter você comigo a meu serviço para sempre. Afinal, vejo que você está curado de alguns maus hábitos e tendências dos Yahoos, procurando imitar os Houyhnhnms.

Senti-me atingido pela mais profunda dor e desespero diante daquelas palavras de meu amo. Não podendo suportar o sofrimento, desmaiei a seus pés. Quando voltei a mim, ele me disse:

— Pensei que você tivesse morrido.

— A morte seria algo bom demais para mim — respondi-lhe, com voz fraca.

Meu amo concedeu-me o prazo de dois meses para terminar meu barco e ordenou que o alazão seguisse minhas instruções.

Minha primeira providência foi ir para a parte da costa onde minha tripulação rebelada ordenara que eu fosse desembarcado. Subi numa colina e olhando o mar, avistei uma ilhazinha. Depois, com meus óculos de bolso examinei-a melhor. Resolvi que ali seria o primeiro lugar de meu exílio; deixaria o resto para o destino decidir.

Com madeira de carvalho, construí, em seis semanas, uma canoa e cobri-a com peles de Yahoos costuradas umas nas outras. Minha vela também era feita de peles do mesmo animal. Providenciei quatro remos. Estoquei carne cozida de lebres e aves e levei comigo duas vasilhas: uma com leite, outra com água.

Quando tudo estava pronto e chegou o dia da partida, despedi-me de meu amo e de toda a família. Tinha lágrimas nos olhos, dor

no coração. Meu amo e seus vizinhos vieram ver-me em minha canoa. Quando o vento soprou na direção da ilha, voltei a me despedir. Ia me ajoelhando para lhe beijar o casco, mas ele o ergueu gentilmente até minha boca.

Saudei todos os outros Houyhnhnms e, entrando em minha canoa, deixei a praia.

Capítulo 10

A perigosa viagem do autor. Chega à Nova Holanda, esperando estabelecer-se ali. É ferido por uma flecha, preso e levado à força a um navio português. A grande educação do capitão. O autor chega à Inglaterra.

Comecei a viagem em 15 de fevereiro de 1714, às nove horas da manhã. O vento era muito favorável. Meu amo e seus amigos permaneceram na praia até eu quase desaparecer de vista. Ouvi o alazão gritar muitas vezes:

— Hnuy illa nyha maiah Yahoo (cuide-se, caro Yahoo)!

Minha idéia era descobrir alguma ilhazinha desabitada, com o suficiente para prover-me do necessário à vida. Parecia-me felicidade maior que a de ser primeiro-ministro na mais civilizada das cortes. Tão horrível me parecia a idéia de retornar à vida em sociedade sob o governo de Yahoos. Na solidão, poderia ao menos me entreter com meus próprios pensamentos e meditar nas virtudes daqueles inigualáveis Houyhnhnms. Não teria oportunidade de degenerar nos vícios de minha própria espécie.

Resolvi dirigir meu curso para leste, esperando atingir a costa da Nova Holanda e, talvez, alguma ilha a oeste dela. A umas seis horas da tarde, mais ou menos, avistei uma ilhazinha a cerca de meia légua, que logo alcancei. Depois de desembarcar, subi a um rochedo e vi terra a leste. Fiquei na canoa a noite toda e, retomando minha viagem bem cedo, cheguei em sete horas à Nova Holanda.

Não vi nenhum habitante no lugar em que desembarquei. Estando desarmado, fiquei com medo de me aventurar país adentro. Encontrei alguns mariscos na praia e os comi crus, não ousando fazer fogo por medo de ser descoberto pelos nativos. Durante três dias, alimentei-me de ostras e moluscos. Por sorte, encontrei um riacho de água excelente.

No quarto dia, aventurando-me um pouco mais longe, vi vinte ou trinta nativos sobre uma colina. Estavam completamente nus,

homens, mulheres e crianças, ao redor de uma fogueira. Um deles me viu e avisou os outros. Cinco deles avançaram em minha direção. Corri o mais que pude para a praia e entrei em minha canoa. Os selvagens, vendo-me ir embora, correram atrás de mim. Antes que eu conseguisse estar a uma distância segura, dispararam uma flecha que me feriu profundamente no joelho esquerdo. Temendo que a seta estivesse envenenada, chupei a ferida e fiz o melhor curativo possível.

Mantive o curso para o norte, remando, já que o vento não soprava a meu favor. De repente vi uma vela dirigindo-se para nordeste e que se tornava mais visível a cada minuto. Meu ódio aos Yahoos fez-me virar minha canoa e navegar para o sul. Ia para o mesmo lugar de onde partira naquela manhã, pois preferia confiar-me àqueles *bárbaros* a viver entre Yahoos europeus. Levei minha canoa para o mais perto possível da praia e escondi-me atrás de uma pedra.

Logo chegou o navio e mandou uma embarcação com vasilhas para buscar água fresca. Só percebi isso quando já era tarde demais para procurar um outro esconderijo. Os marinheiros, ao desembarcarem, viram minha canoa e imaginaram que seu dono não poderia estar longe. Quatro deles, bem armados, vasculharam cada possível esconderijo, até que finalmente me encontraram.

Por um momento, ficaram olhando espantados para minhas roupas estranhas. Concluíram que eu não era um nativo do lugar, pois todos eles andavam nus. Um dos marinheiros mandou, em português, que eu me levantasse e perguntou quem eu era. Eu compreendia a língua muito bem e, levantando-me, disse:

— Sou um pobre Yahoo, expulso da terra dos Houyhnhnms. Por favor, deixem-me ir embora!

Ficaram admirados com minha resposta em sua própria língua e viram, pelo meu tipo físico, que eu deveria ser europeu. Mas não faziam a menor idéia do que queria dizer com Yahoos e Houyhnhnms. Ao mesmo tempo, caíram na risada diante de minha pronúncia estranha, que lembrava o relinchar de um cavalo. Tremi de medo e ódio. Queria partir, mas eles me detiveram, desejando saber quem eu era e de que país viera. Disse-lhes que nascera na Inglaterra, de onde viera há uns cinco anos. Acrescentei:

— Espero que não me tratem como inimigo. Não passo de um pobre Yahoo, procurando algum lugar deserto onde passar o resto de minha vida infeliz. Os portugueses se dirigiram a mim com grande humanidade e disseram estar seguros de que seu capitão me levaria de graça para Lisboa. Dali, eu poderia retornar a meu país:

— Dois de nós irão ao navio informar o capitão e receber suas ordens. Nesse meio tempo, nós o reteremos à força, a menos que você jure solenemente não fugir.

Achei melhor concordar com aquela proposta. Achavam eles que minhas desgraças me tiram tirado o juízo. Duas horas depois, o bote retornou com ordens do capitão para me levar a bordo. Caí de joelhos implorando minha liberdade, mas em vão. Os homens, depois de me amarrar, levaram-me ao navio e ali, à cabine do capitão.

Seu nome era Pedro de Mendez, um homem gentil e generoso. Tratou-me tão bem que me espantei por encontrar tanta amabilidade num Yahoo. Contudo, permaneci em silêncio. Eu estava a ponto de desmaiar com o cheiro dele e de seus homens. Quando julguei que a tripulação estava almoçando, estive a ponto de pular no mar e nadar para salvar minha vida. Preferia isso a continuar entre Yahoos. Mas um dos marinheiros me impediu e, depois de ter informado o capitão, fui acorrentado à minha cabine.

Após o almoço, Dom Pedro veio até mim. Desejava saber a razão daquela minha tentativa desesperada. Assegurou-me de que só queria o meu bem. Falou-me tão comovidamente que me pus a tratá-lo como a um animal dotado de certa parcela de razão.

Fiz-lhe um relato breve de minha viagem, da conspiração contra mim, de minha estada de cinco anos no país dos Houyhnhnms. Achou que tudo aquilo era um sonho ou uma alucinação. Senti-me muito ofendido, pois perdera completamente a capacidade de mentir, tão característica dos Yahoos, e de suspeitar que os outros não estão dizendo a verdade. Perguntei:

— Em seu país, é costume *dizer a coisa que não é*?

O capitão, depois de muitas tentativas de me desmascarar em alguma parte de minha história, começou, por fim, a ter melhor opinião a respeito de minha veracidade.

Nossa viagem se deu sem nenhum incidente importante. Grato

ao capitão, por vezes me sentava ao seu lado e tentava esconder minha antipatia contra o gênero humano. Mas na maior parte do dia ficava fechado em minha cabine para evitar ver algum dos tripulantes.

Chegamos a Lisboa no dia 5 de novembro de 1715. Fui levado à casa do capitão. Fiz que jurasse não contar a ninguém o que eu dissera sobre os Houyhnhnms, já que a menor menção a essa história atrairia uma multidão para ver-me.

Contei a Dom Pedro algo sobre os meus assuntos domésticos. Disse-me:

— Mas é uma questão de honra e de consciência voltar para seu país natal e viver em casa ao lado de sua esposa e filhos! Há um navio inglês no porto, pronto para zarpar. Eu lhe darei todo o necessário à viagem.

Depois de resistir muito àquela idéia, acabei concordando que era o melhor a fazer. Deixei Lisboa no dia 24 de novembro. Durante essa última viagem, não tive contato com ninguém do navio. Fingi que estava doente e me mantive encerrado em minha cabine. No dia 5 de dezembro de 1715, chegamos à Inglaterra.

Minha esposa e minha família receberam-me com grande surpresa e alegria, pois me davam por morto. Mas devo confessar que a visão deles enchia-me de ódio, repulsa e desprezo.

Assim que entrei em casa, minha mulher me abraçou e beijou. Desacostumado ao toque daquele odioso animal por tantos anos, desmaiei por quase uma hora. Durante o primeiro ano, não podia suportar a presença de minha mulher e de meus filhos. O primeiro dinheiro que gastei foi para comprar dois garanhões, que mantenho num bom estábulo. Meus cavalos me entendem razoavelmente bem; converso com eles pelo menos quatro horas por dia. Não conhecem freio nem sela. Vivem em grande amizade comigo e são bons companheiros um do outro.

Capítulo 11

Últimas considerações do autor. Despede-se ele do leitor.

Pois bem, caro leitor, dei-lhe um relato verídico de minhas viagens durante dezesseis anos e mais de sete meses. Não me preocupei com enfeitá-lo, mas com a verdade. Poderia, como outros, ter espantado você com histórias estranhas e improváveis, mas preferi narrar os fatos da forma mais simples. Meu objetivo principal foi informar, não divertir. Um viajante deveria se preocupar, sobretudo, com tornar os homens mais sábios e melhores, mostrando-lhes os exemplos bons e maus vistos em países estrangeiros.

Desejaria de coração que houvesse uma lei obrigando todo viajante a jurar na corte de justiça que sua história é absolutamente verídica. Assim, o mundo não seria mais enganado, como é, com as maiores mentiras.

Quanto a mim, minha única intenção é o bem público. Afinal, quem pode ler sobre as virtudes dos gloriosos Houyhnhnms sem se envergonhar de seus próprios vícios? Não escrevo para criticar ninguém, mas para instruir a humanidade. Julgo que sou um tanto superior a ela, por causa do proveito que tirei da longa convivência com os Houyhnhnms. Escrevo sem pensar em lucro ou elogio.

Aqui, despeço-me de meu caro leitor e retorno à minha meditação no pequeno jardim de minha casa. Vou-me dedicar a aplicar as excelentes lições de virtude dos Houyhnhnms e instruir os Yahoos de minha família. Verei minha imagem num espelho freqüentemente para acostumar-me, com o tempo, a suportar a visão de um ser humano. Tratarei sempre os cavalos de meu país com respeito, por amor a meu nobre amo, sua família, seus amigos e toda a raça dos Houyhnhnms. Esses nossos animais têm a honra de lembrar os Houyhnhnms em todos os seus traços, mas seu intelecto degenerou.

Na semana passada, comecei a permitir que minha esposa almoçasse comigo, no ponta mais distante de uma mesa comprida. Ainda assim, o cheiro de um Yahoo continua repulsivo e por isso sempre trago o nariz bem tapado com folhas de arruda, alfazema ou fumo. É difícil para um homem de certa idade deixar velhos hábitos, mas ainda assim não perdi as esperanças de vir a suportar algum dia a companhia de um Yahoo sem temer seus dentes ou suas garras.

Minha reconciliação com a espécie dos Yahoos poderia ser menos difícil se eu não visse neles um amontoado de deformidades e doenças no corpo e no espírito. Além disso, incham-se de *orgulho*, o que acaba com minha paciência. Como é um animal desse tipo e um vício desse tipo podem estar juntos? De que se pode orgulhar um Yahoo? Os sábios e virtuosos Houyhnhnms nem têm um nome para esse vício em sua língua. Não foram capazes de distinguir o orgulho entre as características detestáveis dos Yahoos, porque não possuem uma compreensão completa da natureza humana tal qual se revela nos países em que aqueles animais dominam. Mas eu, que tenho mais experiência, pude observar alguns traços de orgulho entre os Yahoos selvagens.

Mas os Houyhnhnms não têm orgulho das boas qualidades que possuem, assim como eu não deveria me orgulhar por não ter falta de uma perna ou um braço. Nenhum homem em seu juízo perfeito haveria de se vangloriar disso, por mais que houvesse de ser um pobre coitado sem eles.

Tento, por todos os meios possíveis, tornar suportável a convivência com um Yahoo de meu país. Por isso, peço encarecidamente aos que têm algo desse vício absurdo, que não se atrevam a aparecer na minha frente.